

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Felipe Girardi

**PROPAGANDA, POLÊMICAS E INSTITUCIONALIZAÇÃO: A
HISTÓRIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL SEGUNDO JOSÉ
EMYGDIO RODRIGUES GALHARDO (1818-1930).**

Santa Maria, RS
2022

Felipe Girardi

**PROPAGANDA, POLÊMICAS E INSTITUCIONALIZAÇÃO: A HISTÓRIA DA
HOMEOPATIA NO BRASIL SEGUNDO JOSÉ EMYGDIO RODRIGUES
GALHARDO (1818-1930).**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação História do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em História**.

Orientadora: Prof. Dr.^a Beatriz Teixeira Weber

Santa Maria, RS
2022

Girardi, Felipe
PROPAGANDA, POLÊMICAS E INSTITUCIONALIZAÇÃO: A
HISTÓRIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL SEGUNDO JOSÉ EMYGDIO
RODRIGUES GALHARDO (1818-1930). / Felipe Girardi.- 2022.
155 f.; 30 cm

Orientadora: Beatriz Teixeira Weber
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em História, RS, 2022

1. História 2. Homeopatia 3. José Emygdio Rodrigues
Galhardo 4. Propaganda homeopática 5. Primeiro Congresso
Brasileiro de Homeopatia I. Teixeira Weber, Beatriz II.
Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, FELIPE GIRARDI, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Felipe Girardi

**PROPAGANDA, POLÊMICAS E INSTITUCIONALIZAÇÃO: A HISTÓRIA DA
HOMEOPATIA NO BRASIL SEGUNDO JOSÉ EMYGDIO RODRIGUES
GALHARDO (1818-1930).**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação História do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em História**.

Aprovado em 05 de abril de 2022.

Beatriz Weber

Prof. Dr.^a Beatriz Teixeira Weber – UFSM
(Presidente/Orientadora)

[Assinatura]

Prof. Dr. Adrián Carlos Alfredo Carbonetti – UNC/Argentina

Mariana Flores da Cunha Thompson

Prof. Dr.^a Mariana Flores da Cunha Thompson Flores – UFSM

Renata Palandri Sigolo

Prof. Dr.^a Renata Palandri Sigolo – UFSC

Renan Santos Mattos

Prof. Dr. Renan Santos Mattos – UFSM

Santa Maria, RS

2022

Para Tatiane, Isabel e Ivana, as mulheres da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Nos últimos cinco anos, de 2017 até o presente, muita coisa mudou em minha vida. Tive experiências muito importantes, positivas e negativas, que transformaram a minha forma de ver o mundo. Realizar esta pesquisa foi um desafio e não teria sido possível sem a contribuição de pessoas maravilhosas que estiveram ao meu lado. O que faz a vida valer à pena são os laços que construímos com as pessoas que amamos.

Agradeço à minha companheira e amiga Tatiane Fernanda Gomes, parceira de todas as horas e todos os momentos. Sei que foram tempos difíceis, mas você sempre esteve, firme e otimista, ao meu lado. Te amo!

À minha mãe, Isabel Medeiros Girardi, à minha sobrinha Ivana Sofie Schumacher Girardi e a meu irmão, Emanuel Rodrigo Girardi, pelo carinho, compreensão e apoio incondicional.

À meu sogro Ramiro Martins Gomes e família, pelo grande apoio em todos os momentos.

À minha orientadora e amiga Beatriz Teixeira Weber, com quem aprendi muito nestes mais de dez anos de convivência, amizade, diálogo e trabalho. Você, com a sua sensibilidade, empatia e carinho, foi fundamental nessa caminhada, especialmente nos momentos de maior dificuldade e incertezas. Muito obrigado por tudo!

À meu amigo Felipe Rios Pereira, pela troca de ideias e pela parceria de todas as horas. Agradeço, também, a meus amigos Gilvan Silveira Moraes, Rayssa Almeida Wolf, Julia do Carmo da Silva, Pedro Fernández Ballejo, Márcio Vaz Paiva, Athos Vaz Tholozan, Paula Rochele Silveira Becher, Guilherme Ceretta Flores, Marina Sousa Rocha, Gabriel Vigil Willrich e Julhiana da Silva Raupp, pela amizade e pelo apoio, mesmo que muitas vezes apenas à distância.

À Bruna Tagliapetra Zamberlan, Pauline Lavall e Guilherme Moreira Früh Machado, excelentes profissionais que me ajudaram a aprender mais sobre mim mesmo, reconhecer as minhas capacidades e entender os meus limites e, sobretudo, a cuidar de minha saúde mental.

À cidade de Selbach/RS, Princesa do Jacuí, que me acolheu e permitiu que eu me desenvolvesse como profissional e como ser humano. Agradeço à Fabiana Prediger Schneider e Ligiane Plentz, grandes amigas e colegas, aos prefeitos Sergio Ademir Kuhn e Michael Kuhn, pela confiança que depositaram em mim, e à todos os colegas e estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aníbal Magni, da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto, Lazer e Turismo de Selbach/RS. Agradeço também às escolas Silveira Martins, Frei Plácido, Mestre Porto e Colégio Franciscano Espírito Santo, da cidade de Bagé, que confiaram no meu trabalho.

Aos professores Adrián Carlos Alfredo Carbonetti, Mariana Flores da Cunha Thompson Flores, Renata Palandri Sigolo e Renan Santos Mattos, por aceitarem compor a banca avaliadora. Aos professores José Martinho Rodrigues Remedi e Célia da Graça Arribas pela participação como membros suplentes.

À Róger Junges Panciera pela tradução do resumo para a língua inglesa e à Joice Pereira Soares, com o auxílio em relação ao latim.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, pela possibilidade de desenvolver esta pesquisa.

À Biblioteca Nacional, pela manutenção da fabulosa Hemeroteca Digital Brasileira, que oportuniza o acesso a um enorme acervo documental, através do qual é possível compreender melhor como a história de nosso país foi construída.

Viva a ciência! Viva o SUS! Viva a UFSM!

A todos (as), meu muito obrigado!

RESUMO

PROPAGANDA, POLÊMICAS E INSTITUCIONALIZAÇÃO: A HISTÓRIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL SEGUNDO JOSÉ EMYGDIO RODRIGUES GALHARDO (1818-1930).

AUTOR: Felipe Girardi

ORIENTADORA: Beatriz Teixeira Weber

O presente trabalho tem como objeto a tese *História da Homeopatia no Brasil*, apresentada por José Emygdio Rodrigues Galhardo durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia, em 1926. Nesta obra, que foi concluída e publicada após alguns anos, o autor construiu um extenso relato sobre acontecimentos e personagens envolvidos na inserção e consolidação da prática da doutrina homeopática no Brasil, entre 1818 e 1930. Galhardo, ao longo de seu texto, reivindica para si a condição de historiador imparcial, que produziu um conjunto de “subsídios” sobre a história da homeopatia para quem desejasse estudá-la e reescrevê-la no futuro. De fato, a obra foi extensamente utilizada como referência e fonte documental para inúmeros trabalhos sobre a história da homeopatia no Brasil. A presente Tese, que está vinculada à linha de pesquisa *Cultura, migrações e trabalho* do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, visa compreender como o trabalho de José Galhardo foi construído e como a homeopatia está representada e interpretada em suas páginas. Como hipótese, entende-se a obra foi escrita para um público específico, relacionado ao Instituto Hahnemanniano do Brasil, grupo no qual Galhardo estava inserido, e constrói uma versão sobre a história da homeopatia relacionada às visões deste grupo. O primeiro capítulo aborda aspectos gerais da obra analisada, seu autor e o contexto de sua produção. O segundo capítulo aborda os dois primeiros períodos da história da homeopatia definidos por Galhardo, entre 1818 e 1854. Essa periodização, cabe destacar, está relacionada à interpretação histórica elaborada pelo autor, que definiu o ano de 1840 como a data inaugural da homeopatia brasileira. Com essa opção, Galhardo contribuiu para a consolidação da figura do francês Benoît Mure como “introdutor” da doutrina hahnemanniana no país. No entanto, outros homeopatas, como Domingos de Azeredo Coutinho Duque-Estrada e Emilio Germon também reivindicaram esse papel, configurando uma disputa. Nesse recorte temporal, a polêmica e a propaganda são elementos fundamentais. Isto é, a discussão pública e a divulgação das ideias homeopáticas, especialmente através da imprensa. O terceiro capítulo aborda os outros três períodos definidos por Galhardo, de 1855 a 1930, fase em que a homeopatia brasileira intensifica o seu processo de institucionalização, com a fundação do Instituto Hahnemanniano do Brasil, e busca pela oficialização da prática homeopática. Um dos protagonistas desse capítulo é o próprio José Galhardo, enquanto dirigente de instituições e historiador que construiu uma versão própria e representativa do grupo em que estava inserido.

Palavras-chaves: Homeopatia; história da homeopatia; José Emygdio Rodrigues Galhardo; Instituto Hahnemanniano do Brasil; Congresso Brasileiro de Homeopatia.

ABSTRACT

PROPAGANDA, CONTROVERSIES AND INSTITUTIONALIZATION: THE HISTORY OF HOMEOPATHY IN BRAZIL ACCORDING TO JOSÉ EMYGDIO RODRIGUES GALHARDO (1818-1930).

AUTHOR: Felipe Girardi
ADVISOR: Beatriz Teixeira Weber

The present work has as its object the thesis *History of Homeopathy in Brazil*, presented by José Emygdio Rodrigues Galharado during the First Brazilian Congress of Homeopathy, in 1926. In this work, which was completed and published after a few years, the author built an extensive account of events and characters involved in the insertion and consolidation of the practice of the homeopathic doctrine in Brazil, between 1818 and 1930. Galharado, throughout his text, claims for himself the condition of impartial historian, who produced a set of “subsides” on the history of homeopathy for those who wished to study and rewrite it in the future. Indeed, the work was extensively used as a reference and documental source for numerous works on the history of homeopathy in Brazil. This thesis, which is linked to the research line Culture, migrations and work of the Graduate Program in History of the Federal University of Santa Maria, aims to understand how the work of José Galharado was built and how homeopathy is represented and interpreted in its pages. As a hypothesis, it is understood that the work was written for a specific audience, related to the Instituto Hahnemanniano do Brasil, a group in which Galharado was inserted, and builds a version of the history of homeopathy related to the views of this group. The first chapter addresses general aspects of the analyzed work, its author and the context of its production. The second chapter addresses the first two periods in the history of homeopathy defined by Galharado, between 1818 and 1854. This periodization, it is worth noting, is related to the historical interpretation elaborated by the author, who defined the year 1840 as the inaugural date of Brazilian homeopathy. With this option, Galharado contributed to the consolidation of the figure of the Frenchman Benoît Mure as the “introducer” of the Hahnemannian doctrine in the country. However, other homeopaths, such as Domingos de Azeredo Coutinho Duque-Estrada and Emilio Germon also claimed this role, setting up a dispute. In this time frame, controversy and propaganda are fundamental elements. That is, the public discussion and dissemination of homeopathic ideas, especially through the press. The third chapter addresses the other three periods defined by Galharado, from 1855 to 1930, a phase in which Brazilian homeopathy intensifies its institutionalization process, with the foundation of the Instituto Hahnemanniano do Brasil, and the search for the officialization of homeopathic practice. One of the protagonists of this chapter is José Galharado himself, as a director of institutions and a historian who built his own and representative version of the group in which he was inserted.

Keywords: Homeopathy; history of homeopathy; José Emygdio Rodrigues Galharado; Brazilian Congress of Homeopathy.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Secções temáticas do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia.....40

TABELA 2 – Periodização da história da homeopatia no Brasil segundo Galhardo.....45

LISTA DE ABREVIATURAS

BRMT	Banco Rio e Mato Grosso
CFM	Conselho Federal de Medicina
FEB	Federação Espírita Brasileira
IHB	Instituto Hahnemanniano do Brasil
IHF	Instituto Hahnemanniano Fluminense
IQC	Instituto Questão de Ciência
PICS	Práticas Integrativas e Complementares em Saúde
RIHGB	Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
SUS	Sistema Único de Saúde
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	21
2	O PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE HOMEOPATIA E “HISTÓRIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL”: JOSÉ EMYGDIO RODRIGUES GALHARDO, HOMEOPATA E HISTORIADOR.	35
2.1	JOSÉ EMYGDIO RODRIGUES GALHARDO, O CENÁRIO DA HOMEOPATIA BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1920 E O PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE HOMEOPATIA	36
2.2	<i>“HISTÓRIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL”</i> : ESTRUTURA, FONTES DOCUMENTAIS E CARACTERÍSTICAS DO TEXTO.	40
2.2.1	Propaganda, a base da história da homeopatia de Galhardo	46
2.2.2	Jornal do Commercio, a tribuna da propaganda homeopática.	49
2.2.3	A recepção da tese de Galhardo: O parecer da Comissão de História da Homeopatia do Primeiro Congresso	53
3	AS PRIMEIRAS DÉCADAS DA HOMEOPATIA BRASILEIRA SEGUNDO GALHARDO (1818-1854): PROPAGANDA, POLÊMICAS E ESCOLHAS. 59	
3.1	A DOCTRINA DE HAHNEMANN ATRAVESSA O ATLÂNTICO: GALHARDO E A OPÇÃO POR BENOÎT MURE COMO INTRODUTOR DA HOMEOPATIA NO BRASIL.	60
3.2	O AGITADO SEGUNDO PERÍODO (1840 A 1854) E SEUS PROTAGONISTAS.....	72
3.3	ENTIDADES, DEBATES E DISPUTAS: ALIADOS E INIMIGOS DA HOMEOPATIA EM TEMPOS DE PROPAGANDA INTENSA.....	79
3.4	A EXPULSÃO DE MURE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO	83
3.5	A HOMEOPATIA E O COMBATE ÀS EPIDEMIAS.	90
4	A HISTÓRIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL APÓS MURE E MARTINS: O SURGIMENTO DO INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL E SEUS PROTAGONISTAS (1855-1930).	103
4.1	A HOMEOPATIA DEPOIS DE MURE E MARTINS: O POUCO EXPRESSIVO TERCEIRO PERÍODO (1855-1878)	104
4.2	A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA HOMEOPATIA BRASILEIRA: O SURGIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DO INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL	106
4.2.1	Saturnino Soares de Meirelles, uma longa presidência	109
4.2.2	Joaquim Murтинho, uma “decepção” para Galhardo.	113
4.3	O PERÍODO ÁUREO (1912-1930): LICÍNIO CARDOSO E A OFICIALIZAÇÃO DA HOMEOPATIA.....	117
4.4	JOSÉ GALHARDO, AUTOR E PROTAGONISTA DA HISTÓRIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL.....	122
4.5	GALHARDO, A HOMEOPATIA E O ESPIRITISMO	129

4.5.1	Francisco de Menezes Dias da Cruz, homeopata e espírita. Para Galhardo, apenas homeopata.....	136
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
	REFERÊNCIAS.....	145
	FONTES.....	153

1 INTRODUÇÃO

“É longo e fatigante o trabalho projectado, mas outros maiores têm sido executados por homens de vontade. Eu quero, eu posso, eu executarei” (GALHARDO, 1928, p. 269).

A saúde e a doença são conceitos fundamentais para a compreensão sobre a história da vida humana desde a sua origem. Conhecer mais sobre o corpo humano e seu funcionamento permitiu que a humanidade melhorasse a sua qualidade de vida e longevidade. No passado, algumas doenças vitimaram milhões de pessoas e atualmente são curáveis ou de fácil prevenção, ou até erradicadas, como no caso da varíola. No entanto, deve-se compreender que a história da saúde e das doenças está longe de ser explicada apenas pela medicina oficial. No presente, persiste uma miríade de crenças e práticas relacionadas à cura, com distintas origens, concepções e estratégias. Estas práticas ou doutrinas, comumente classificadas como alternativas, complementares e integrativas¹, são consideravelmente diversas, e muitas delas são pouco ou nada sistematizadas. Elas estão vinculadas, dentre outros fatores, à religiosidade, a crenças, à tradição e os costumes dos diferentes povos.

Outro fator assinalável, nesse contexto, é a dificuldade de acesso aos serviços de saúde oficiais, persistente no presente, seja por questões financeiras, seja pela sua escassez em várias regiões do país, o que ajudaria a explicar a busca por essas terapêuticas. No entanto, não é possível afirmar que muitas pessoas optam por essas práticas apenas pela dificuldade de acesso à medicina formal. Não se trata, pois, de uma questão meramente econômica, haja vista a associação com os costumes e crenças da população. Nesse sentido, também é pertinente citar que a percepção das pessoas em relação à medicina deve ser problematizada.

A imagem de uma medicina hegemônica e plenamente capaz de fornecer uma explicação racional para todos os problemas relacionados à saúde dos indivíduos consolidou-se sobretudo no século XX, especialmente na década de 1940, considerando-se especificamente o caso do Rio Grande do Sul (WEBER, 1997). Existe um grande conjunto de instituições, como os conselhos federal e estaduais de medicina, as associações médicas e os órgãos públicos de fiscalização e controle na

¹ É pertinente considerar que estes conceitos são diferentes entre si e com múltiplas interpretações (OTANI, BARROS, 2011).

área da saúde. A legislação sobre o exercício da medicina evidencia o poder atribuído ao médico e à medicina formal no diagnóstico e tratamento das doenças. A criminalização do exercício ilegal da medicina está presente na legislação brasileira desde o século XIX, especialmente a partir do primeiro Código Penal republicano, de 1890 (BRASIL, 1890; GIUMBELLI, 1997; SCHERER, 2020; SIGOLO, 1999).

Nesse sentido, é pertinente a visão de Carvalho et. al. (2015), no sentido de estabelecer a complexidade e pluralidade da medicina. Dessa forma, é preciso

(...) compreender a Medicina menos como uma ideologia ou uma prática universal e mais como um dispositivo teórico-prático estratégico, altamente tecnológico e potencialmente inventivo e produtivo, que não tem o seu conteúdo e valor definido *a priori*, mas que se constitui ao longo dos séculos como objeto de disputa de jogos de força no campo social. A Medicina, nesse sentido, são muitas ou, melhor dizendo, pode ser muitas (CARVALHO et. al., 2015, p.1263).

A medicina, portanto, possui um amplo conjunto de significados, e a sua definição não necessariamente fica restrita às deliberações legais ou à concepção defendida pelas associações médicas. Outro aspecto relevante diz respeito ao enquadramento social da medicina e a sua relação com distintos elementos, como a religião, a economia, a política, a cultura, entre outros. Ela não está circunscrita exclusivamente ao campo científico, o que poderia dotá-la de uma aura de imparcialidade ou de infalibilidade. No caso específico da constituição da saúde pública, com o envolvimento do Estado na oferta e regulação da oferta desses serviços, é pertinente remarcar o conjunto de transformações ocorridas entre o século XIX e a primeira metade do século XX. A Segunda Guerra Mundial, nesse sentido, é um marco importante para a constituição dos serviços de saúde pública (ZARZOSO ORELLANA, 2004).

Independentemente da posição preponderante ocupada pela medicina oficial, é patente a relevância e a complexidade de outras práticas de cura. Estas são adotadas de forma heterogênea ao redor do mundo e do Brasil, merecem a atenção de estudos acadêmicos, haja vista o seu uso por parte considerável da população. No entanto, esse universo de práticas de cura não pode ser definido de uma forma única, sem considerar a especificidade e a pluralidade de cada uma. A história da saúde e das práticas de cura, especificamente na América Latina, a partir da década de 1970, deixou de ser um território dominado por médicos escrevendo de forma elogiosa sobre a sua atividade. Os trabalhos recentes, através de diferentes temáticas e abordagens,

contemplam a enorme complexidade e diversidade relacionada ao estudo de medicamentos, doenças e artes de curar (ARMUS, DENIS, 2011).

Lima-Thomaz (2016), em sua análise sobre a França no século XX, entende a homeopatia como uma das práticas inseridas no conceito de medicina holística ou sintética, isto é, como uma prática integrativa que considera a complexidade do ser humano, englobando os seus aspectos físicos e psicológicos, abordando o organismo como um todo. Trabalhos sobre a história da homeopatia trazem a mesma perspectiva (LUZ, 2014; ROSENBAUM, 2000; SIGOLO, 1999; SILVEIRA, 1997; WEBER, 2013). O debate sobre o estatuto científico da homeopatia está presente ao longo da história desta prática, desde a sua origem (ROSENBAUM, 2000; SIGOLO, 1999).

Nesse sentido, é pertinente considerar alguns aspectos gerais da história da homeopatia e suas principais características, para posteriormente compreender quais as estratégias de inserção e legitimação adotadas no Brasil, elementos abundantemente abordados em *História da Homeopatia no Brasil*, tese escrita por José Emygdio Rodrigues Galhardo (1876-1942).² A obra é uma importante referência para a compreensão da constituição e desenvolvimento da prática homeopática no país, entre o século XIX e o início do século XX.

Trata-se de uma extensa tese, apresentada ainda incompleta durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia, celebrado no Rio de Janeiro em 1926 (GALHARDO, 1928; O GLOBO, 1926). Naquela oportunidade, Galhardo deixou claro que o esforço por ele empreendido estava longe de ser concluído. Trata-se de um trabalho pretensioso, pois o seu autor pretendia trazer para as páginas de sua Tese a integralidade da história da homeopatia no país, com todos os seus protagonistas e eventos. Sem dúvidas, Galhardo realizou um grande esforço de pesquisa, compilação e análise de fontes documentais.

O texto apresenta uma quantidade muito expressiva de fontes documentais transcritas em sua íntegra, especialmente artigos de jornal, estatutos de entidades, legislação e outros escritos. A tese é minuciosa ao descrever os acontecimentos narrados e a atuação de diferentes personagens vinculados à homeopatia, como Benoît Mure³, João Vicente Martins, Domingos Duque-Estrada, Joaquim Murtinho,

² Ao longo deste trabalho, todas as fontes documentais estão transcritas em sua grafia original.

³ Optou-se por utilizar a grafia original “Benoît Mure” pois a mesma pode ser encontrada em algumas fontes. Algumas fontes citadas utilizam a versão traduzida, Bento Mure. No caso dos nomes de Emilio Germon e Frederico Emilio Jahn, as fontes apresentam apenas a grafia traduzida ao português.

Licínio Cardoso, Francisco Dias da Cruz, para citar alguns nomes. A discordância pública e os embates travados entre homeopatas e alopatas também são elementos muito presentes nas narrativas.

História da Homeopatia no Brasil é um dos trabalhos mais citados pelos pesquisadores que se dedicam à esta temática. Autores como Luz (2014) e Rosenbaum (2000), importantes referências historiográficas sobre a homeopatia, foram influenciados pela obra de Galhardo. No entanto, é preciso entender o seu trabalho não apenas como uma compilação de documentos históricos, mas como parte de um esforço de significação da homeopatia no Brasil. Inegavelmente, uma série de elementos que são naturalizados como constitutivos da trajetória do movimento homeopático no país, como o pioneirismo de Benoît Mure, a perseguição realizada pelos médicos alopatas, a imagem de um movimento muito organizado e institucionalizado, estão fortemente presentes no texto. A presente tese visa compreender qual é o modelo de homeopatia e de movimento homeopático caracterizado e defendido por Galhardo em *História da Homeopatia no Brasil*, considerando a influência deste texto e de seu autor para a história da homeopatia brasileira, das origens à consolidação, entre o século XIX e as primeiras décadas do século XX. Pretende-se, portanto, transferir a tese de Galhardo para o centro da análise, e não apenas como uma fonte documental. Galhardo, médico homeopata, manteve forte vínculo com o Instituto Hahnemanniano do Brasil (IHB).⁴ Durante a sua gestão, os *Annaes de Medicina Homœopathica*, publicados pelo instituto, passaram por uma fase de grande produção. Participou ativamente da organização do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia, além de apresentar a tese, que é objeto de análise deste trabalho, além de publicar diversas outras obras sobre homeopatia, como *Iniciação Homœopathica*, publicada em 1936.

O texto de *História da Homeopatia no Brasil* trata-se, efetivamente, de um trabalho exaustivo, com a presença de inúmeras fontes, sobretudo artigos de jornal e documentação institucional, transcritas em sua literalidade. No entanto, e este é um ponto muito importante a ser destacado, a tese de Galhardo está longe de se configurar como um mero compêndio de fontes para serem analisadas por outros historiadores, como chega a sugerir o próprio autor (GALHARDO, 1928, p.268). Apesar da transcrição de fontes constituir, de certa forma, a “espinha dorsal” do texto,

⁴ A partir deste momento, utilizar-se-á a sigla IHB em referência ao Instituto Hahnemanniano do Brasil.

em diversas passagens as interpretações de Galhardo estão presentes, e são decisivas para a compreensão do leitor acerca dos temas tratados. A seleção das fontes utilizadas também desempenha um papel importante nesse processo.

José Galhardo se propõe a relatar os principais acontecimentos e destacar os protagonistas dessa história de forma imparcial, a fim de permitir que o leitor, com base nas informações contidas na tese, tire as suas próprias conclusões. No entanto, o material produzido está longe da pretendida imparcialidade, o que não diminui a sua validade como uma importante versão da história na homeopatia no Brasil entre o século XIX e as primeiras décadas de 1920. Pelo contrário, entender a historicidade do autor e de sua obra ajuda a entender a relevância de sua produção.

Ao escrever sobre a história da homeopatia no Brasil, Galhardo está falando, também, sobre si. Ele está envolvido, material e emocionalmente, nos fatos narrados. Em seu texto, estão presentes as suas opiniões, preferências e o projeto de homeopatia que ele julgava mais adequado, embora, nem sempre, afirme isto de forma taxativa. As escolhas realizadas por Galhardo são um dos principais elementos a serem considerados nesta análise. Considerando a influência que *História da Homeopatia no Brasil* teve para os trabalhos que a ele se seguiram, é pertinente explorar quais os direcionamentos que o autor dá para a sua obra.

Concordo com Weber (2019) quanto às motivações de Galhardo para escrever a tese, que se explica mais por razões internas do grupo no qual ele estava inserido dentro do movimento homeopático do que chegar a um público mais amplo.

Apesar da importância da obra de Galhardo para o levantamento da prática homeopática no Brasil, a obra prioriza uma perspectiva do autor para a divulgação no período. Galhardo e o grupo de homeopatas procuravam inserir-se como uma perspectiva médica que consolidasse sua atuação. Pouco levavam em conta um importante espaço de divulgação da homeopatia para outros grupos, que a reconheceram como uma possibilidade de cura, mas não como uma prática considerada “científica”, nos moldes de definição da prática médica de então. Era um grupo relativamente pequeno de homeopatas realizando muitas funções e procurando valorizar a sua atividade, por meio de seus líderes e de suas publicações (WEBER, 2019, p.1300).

Ou seja, por mais que a obra tenha conquistado uma considerável relevância para a escrita da história da homeopatia no Brasil, deve-se entender o trabalho de Galhardo como um discurso construído para fundamentar determinadas visões de homeopatia para um público interno. Nesse sentido, a reivindicada “imparcialidade” do autor deve ser problematizada, sobretudo em função da seleção de assuntos

abordados ao longo da tese. Diversos aspectos abordados pelas ciências sociais e pela historiografia contemporânea relacionados à homeopatia, como, por exemplo, a vinculação com o espiritismo (ARRIBAS, 2008; GIRARDI, 2021; GIUMBELLI, 1997; MÍKOLA, 2012; WEBER, 2013; 2019), são pouco explorados – ou sequer citados. Entendo que essa omissão é deliberada e responde aos critérios do autor quanto aos seus objetivos e entendimento sobre a homeopatia.

A tese de José Galhardo é construída de forma eminentemente cronológica. Em grande medida, são as publicações de jornais e revistas que fundamentam a periodização utilizada, bem como as datas de falecimento de alguns dos personagens desta história. A data de 1840 é uma das mais importantes – e polêmicas – desta obra, pois sinaliza um direcionamento tomado pelo autor, influenciado por uma visão específica de homeopatia, e não apenas uma “escolha” de Benoît Mure como pioneiro da homeopatia no Brasil. Identificar e entender essa visão de homeopatia que é defendida por Galhardo e como ela está retratada na tese é um dos principais propósitos deste trabalho.

Galhardo divide a história da homeopatia no Brasil em cinco fases, entre 1818 e 1930. Cada um desses períodos está dividido em diversas passagens ou subtítulos. Não há nenhum padrão na extensão de cada uma dessas passagens. O segundo período é aquele ao qual Galhardo dedica maior atenção. Isso se explica pela grande quantidade de fontes – sobretudo, artigos do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro – não raro transcritas de forma íntegra, e pela relevância que o autor atribui aos acontecimentos e protagonistas desta fase.

É pertinente levar em consolidação o limitado alcance que a imprensa escrita possuía em meados do século XIX. No entanto, os jornais se constituíam em um importante espaço de debate e informação para a população letrada, dentre a qual se encontravam os médicos. Nas páginas do *Jornal do Commercio*, Galhardo encontrou inúmeros registros de conversão à homeopatia, registros das atividades dos homeopatas e suas instituições e, sobretudo, as polêmicas, que ocupam muitas páginas de sua tese. As discussões, muitas vezes acaloradas, ocorriam sobretudo entre homeopatas e alopatas, sendo que geralmente eram iniciadas pelos primeiros. Em algumas oportunidades, essas provocações ficavam sem resposta, mas em muitas outras, davam início a discussões que, não raro, se estendiam no tempo. Os termos “polêmica” e “propaganda” aparecem abundantemente no texto e possuem um

significado positivo, pois através dessas ações, a homeopatia ganha importância e visibilidade.

A homeopatia chegou no Brasil ainda durante a vida de Samuel Hahnemann. Tradicionalmente, atribui-se ao francês Benoît Jules Mure o papel de pioneiro do uso da homeopatia no país. A relevância atribuída a Benoît Mure na história da homeopatia no Brasil pode ser exemplificada pela escolha de 21 de novembro como Dia Nacional da Homeopatia, em alusão à data de sua chegada ao Brasil, em 1840 (BVS, 2020). Verifica-se, entretanto, que há registros de discussões sobre a homeopatia anteriormente (GALHARDO, 1928; LUZ, 2014; ROSENBAUM, 2000; TARCITANO FILHO, WAISSE, 2016). O suíço Frederico Jahn apresentou uma tese intitulada *Exposição da doutrina homeopática* na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1836. Em seu trabalho, realizou uma apresentação da terapêutica homeopática, visando evidenciar as diferenças entre a nova doutrina e as antigas escolas médicas (JAHN, 1836). Domingos de Azeredo Coutinho de Duque Estrada e Emílio Germon, ambos influenciados por Jahn, teriam exercido a homeopatia anteriormente à Mure (TARCITANO FILHO, WAISSE, 2016). Essa discussão, que está presente na tese de Galhardo, será abordada de forma mais específica neste trabalho.

Luz (2014) estabeleceu cinco períodos distintos, determinados pelas estratégias (e contra-estratégias) adotadas pelos atores vinculados ao processo de legitimação da prática homeopática no país. Esses períodos são: *implantação* (1840-1859), *expansão e resistência* (1860-1882), *resistência* (1882-1900), *áureo* (1900-1930), *declínio acadêmico da homeopatia* (1930-1970) e a *retomada social* (1970-1990). A periodização definida por Luz está influenciada por aquela estabelecida por Galhardo, e é de grande utilidade para a análise da história do movimento homeopata no Brasil, e ela enfatiza a importância que a narrativa construída por Galhardo assume nesse processo. Como exemplo, considerando que essa discussão será ampliada na sequência deste trabalho, está a adoção de 1840 como referência para o início do processo de implantação, considerando a chegada de Benoît Mure no país como o marco fundador. Um limite destacável dessa classificação, elaborada no final dos anos 1980, é justamente a sua “conclusão”, que considera esse período como uma fase de retomada social da homeopatia. Nas décadas de 1990 a 2020, qual seria a categorização mais adequada para a configuração da prática homeopática no país? Ao mesmo tempo em que a homeopatia no Brasil está inserida no conjunto das

Práticas Integrativas e Complementares (PICS) oferecidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2015), ela é questionada de forma contundente no meio acadêmico e, também, no debate público. Por exemplo, no portal em português do jornal espanhol El País, foi publicado em 2016 um artigo com um título muito direto: “Se a homeopatia não funciona, por que não é proibida?”.⁵ O Instituto Questão de Ciência (IQC)⁶ lançou uma campanha em 2019, retomada em 2021, intitulada “10²³” ou “Cem Sextilhões”, visando o combate da inserção da homeopatia no serviço público de saúde, à semelhança do ocorrido em países como Reino Unido ou Austrália.⁷ Os homeopatas se posicionam contrariamente a estas acusações (TEIXEIRA, 2020). Alguns trabalhos acadêmicos entendem que a sua eficácia não poderia ser verificada através do método científico (SHANG, A. et. al., 2005; THE LANCET, 2005). Considero que o estatuto atual da homeopatia é um tema pertinente para a pesquisa histórica, e os exemplos formulados anteriormente não podem ser generalizados. Em cada país, o desenvolvimento da homeopatia se deu de forma específica.

Certamente, para muitos leitores, causa estranheza a vinculação da homeopatia com a ideia de medicina “alternativa”, posto que a consideram como uma prática médica ou até como um sistema médico autônomo em relação à medicina oficial. Para outros, a discussão sobre a legitimidade ou o status científico da homeopatia é absurda, visto que, para si, trata-se de uma pseudociência. Não pretendo elucidar esta questão, pois observo o surgimento e a expansão da prática homeopática como um fenômeno histórico, que gerou adesões e oposições, configurando-se como uma das forças em disputa no campo da saúde e das práticas de cura no Brasil.

⁵ LINDE, Pablo. Se a homeopatia não funciona, por que não é proibida?. In: **El País Brasil**. 14 mar. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/08/ciencia/1457437017_576363.html. Acesso em 16 fev. 2022.

⁶ O Instituto Questão de Ciência (ICQ) é uma entidade sem fins lucrativos voltada para a defesa do uso de evidência científica nas políticas públicas”. ICQ. Quem Somos. In: **Instituto Questão de Ciência**. São Paulo: Instituto Questão de Ciência, s/d. Disponível em: <https://iqc.org.br/quem-somos/iqc/>. Acesso em 16 fev. 2022.

⁷ ALVES, Gabriel. Movimento que rebaixou homeopatia no Reino Unido e na Austrália chega ao Brasil. In: **Folha de São Paulo**. São Paulo, 22 nov. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/11/movimento-que-rebaixou-homeopatia-no-reino-unido-e-na-australia-chega-ao-brasil.shtml>. Acesso em 16 fev. 2022.; YAMASHITA, Marcos; ORSI, Carlos. Homeopatia é feita de nada: a volta da campanha 10²³. In: **Revista Questão de Ciência**. São Paulo, Instituto Questão de Ciência, 2021. Disponível em: <https://www.revistaquestaoeciencia.com.br/index.php/artigo/2021/11/30/homeopatia-e-feita-de-nada-volta-da-campanha-1023>. Acesso em 16 fev. 2022.

Na América Latina e Espanha, a historiografia recente apresenta alguns trabalhos acerca do desenvolvimento da homeopatia. Como elemento fundamental, percebe-se que em cada país a constituição da doutrina está relacionada com conjunturas nacionais específicas (BERRONES, PALMA, 2019). Por exemplo, no caso do México, a oficialização da prática homeopática está relacionada à regulamentação do exercício profissional de forma mais geral. Na história mexicana, destaca-se a figura do presidente Francisco I. Madero (1873-1913), relacionado tanto ao uso da terapêutica homeopática quanto ao espiritismo (BERRONES, 2019; BERRONES, 2021).

Dentro dos círculos homeopatas, não há unanimidade sobre a caracterização da homeopatia e o seu posicionamento perante a medicina. Deve-se ressaltar que, em 1980, o Conselho Federal de Medicina (CFM) reconheceu a homeopatia como uma especialidade médica. No entanto, nunca houve unanimidade, e os distintos grupos adotaram estratégias diversas, o que inclui a aproximação com práticas religiosas ou com outras artes de curar, inclusive com a própria alopatia. As divisões internas da homeopatia podem ser observadas desde os seus primeiros anos no país, como as divergências entre Benoît Mure e Domingos Duque-Estrada, e estão relacionadas a fatores como a disputa pela introdução da doutrina no país, a forma como deveria ser ensinada e difundida, a interação com outras práticas ou a configuração que o movimento homeopático deveria assumir (LUZ, 2014; SIGOLO, 1999; WEBER, 2011).

A percepção norteadora deste trabalho sobre o que é pesquisa aproxima-se àquela defendida por Sousa e Santos (2020),

(...) toda pesquisa tem como intencionalidade indagar algo a partir de uma problemática vivenciada no contexto social, tendo como objetivo responder à pergunta problema e as preocupações de elaborar novos conhecimentos que possibilitem compreender/transformar a real condição do que está sendo estudado (p. 1398).

Ou seja, a concepção deste trabalho está assentada na ideia de que a análise e problematização da tese escrita por José Emygdio Rodrigues Galhardo pode contribuir para os estudos sobre a história da homeopatia no Brasil. Mas também é uma contribuição sobre como analisar uma obra de forma mais sistemática, refletindo sobre como uma fonte pode ser pensada a partir daquilo que ela produziu. Ou seja, a análise histórica pode problematizar a produção de determinadas versões, a invenção de tradições (HOBBSAWM, 2008).

A escrita da história está relacionada à memória e a construção de identidades. São duas noções interligadas, pois “não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente” (CANDAUI, 2012, p.69). A memória não é imparcial, está relacionada aos interesses e características de cada momento em que é retomada e cumpre esse papel formador da identidade. Essa operação está fortemente presente na obra galhardiana, uma vez que está pautada pela seletividade dos elementos constituintes da visão de homeopatia por ela defendida. Outrossim, outro conceito importante é a ilusão biográfica, conforme a definição de Pierre Bourdieu (2002). É necessário, ao analisar a trajetória de um personagem ou grupo, considerar que a sua vida é composta de contradições, escolhas e mudanças, e não como um caminho sem fissuras em direção a um destino inevitável. No caso da homeopatia, a versão construída por Galhardo é marcada por uma visão triunfalista, na qual a doutrina caminhou de uma fase de difusão popular e intensa propaganda a um processo de institucionalização e busca pela legitimidade enquanto prática médica dotada de caráter científico. Para fundamentar essa imagem, procede a uma série de escolhas, omissões e interpretações que vão ao encontro desse propósito.

Deve-se evidenciar o dinamismo do conhecimento histórico, marcado pela historicidade (LUCA, 2020). Este trabalho não tem como objetivo corrigir o que Galhardo escreveu na década de 1920, tampouco diminuir o valor historiográfico de sua produção. *História da Homeopatia no Brasil* é um texto importante, cuja leitura é fundamental para qualquer pessoa que tenha interesse sobre este assunto. No entanto, como ocorre com qualquer trabalho da área, deve-se considerar as condições de sua produção, os objetivos que levaram à escrita e os seus limites. Isto é, aquilo que o autor pôde dizer, o que ele não pôde e, se a identificação for possível, o que ele não quis dizer.

Parte-se do pressuposto de que esta obra está relacionada ao passado e ao presente, na medida em que aborda fatos e personagens relevantes para a compreensão dos diferentes processos históricos ligados à prática homeopática no país. Outrossim, vislumbra intensamente uma perspectiva de futuro da homeopatia, que poderia ser engrandecida pelo conhecimento histórico. Nesse sentido, entender os objetivos de Galhardo e as estratégias por ele adotadas é muito importante para evidenciar como esta história vem sendo escrita até os dias atuais.

A análise sociológica de Pierre Bourdieu influencia sobremaneira a minha abordagem histórica. Entendo que os diferentes atores sociais estabelecem uma série de relações em seus campos de atuação, sendo que estes campos não estão isolados entre si, sobrepondo-se e interagindo de forma contínua. Nesse sentido, a disputa pela legitimação da prática homeopática e sua expansão não está circunscrita exclusivamente ao campo da saúde e das práticas de cura, envolvendo elementos de caráter social, político, jurídico, científico, religioso e cultural. Todos os agentes envolvidos, incluindo José Galhardo enquanto historiador, buscaram construir um capital simbólico que lhes atribuisse maior legitimidade no campo de disputas interno e externo à homeopatia. Nesse sentido, pode-se identificar que a produção da obra contribui para a consolidação de seu autor e, sobretudo, da visão defendida por ele e seu grupo, reunido em torno do IHB, instituição que buscava ser a principal referência em matéria homeopática no país (BOURDIEU, 2007).

Considero, também, que Galhardo se constitui, através de sua tese e do respaldo que ela recebe pelo IHB, como um porta-voz autorizado que profere um discurso que contém uma versão da história da doutrina que está em conformidade com os objetivos institucionais, isto é, a constituição e defesa de uma homeopatia autônoma e científica. Essa figura “consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador” (BOURDIEU, 2008, p.89).

Ao considerar as características da obra, dentre as quais está a sua monumentalidade, a adoção da análise de conteúdo é adequada como base metodológica deste estudo, tendo, como referência fundamental, Bardin (2016). A autora entende a análise de conteúdo como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (*Ibid.*, p. 44). Não se trata de uma ferramenta única, e sim de um conjunto de procedimentos que variam conforme as características das fontes e os objetivos da pesquisa, e que permitem ao pesquisador inferir as suas conclusões a respeito da mensagem e de seu emissor (*Ibid.*, p.44).

A análise de conteúdo se estrutura em três fases: “1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização ou codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação” (SOUSA, SANTOS, 2020, p. 1400). Considerando-se as premissas estabelecidas por Bardin (2016), a primeira etapa foi realizada por intermédio da

“leitura flutuante”, através da qual foi possível estabelecer algumas hipóteses sobre a tese de Galhardo. Em minha experiência pessoal, o primeiro contato que tive com o texto foi de forma indireta, em forma de citações em diversas produções sobre a homeopatia no Brasil, o que despertou o interesse pela leitura integral e pela possibilidade de empreender uma investigação histórica sobre a obra. A leitura flutuante permitiu identificar os temas que poderiam ser dignos de análise, a partir de *História da Homeopatia no Brasil*. A utilização das fontes auxiliares também obedeceu a estes mesmos critérios.

Na sequência, a partir dos primeiros elementos identificados, que permitiram a formulação de hipóteses, foram definidas categorias de análise, revistas e repensadas ao longo do processo de pesquisa, à luz das ideias de Bardin (2016). Considerando a vastidão da tese galhardiana, ressalta-se que estas categorias respondem às hipóteses desenvolvidas. Certamente, é possível realizar leituras distintas, que teriam como resultado a elaboração de outras categorias. A presente interpretação buscou identificar as visões de Galhardo sobre a história da homeopatia no Brasil, com os seus recortes, escolhas, silêncios e opiniões. Nesse sentido, a categorização dos diferentes temas abordados permite organizar e fundamentar a análise do texto. As categorias são: *personagens; instituições; visões sobre a homeopatia; visões sobre a alopatia; e os silêncios de Galhardo*. A ideia é que estas categorias não se configurem em capítulos ou subcapítulos, mas que permeiem todo o texto.

Quanto à primeira categoria, *personagens*, cabe ressaltar que Galhardo dá grande destaque para a atuação de diversos indivíduos, sublinhando as suas qualidades, muitas vezes de forma enfática. Algumas figuras têm a sua trajetória amplamente abordada, mas outros personagens, com papel menor, também são mencionados. Em diversas passagens do texto, o autor apresenta notas de falecimento, nas quais geralmente adota um tom elogioso. Galhardo pretendia escrever um livro específico sobre este tema, a *Biographia Homœopathica Brasileira*, projeto que acabou por não executar (GALHARDO, 1928).

As *instituições* estão presentes em todo o texto. Desde os tempos de Mure e Martins, são empreendidas diversas iniciativas no sentido de constituir espaços de discussão e propaganda homeopática. Cabe destacar que José Galhardo participava ativamente da vida institucional, como diretor do Hospital Hahnemanniano e presidente do IHB. A realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia

representava um importante logro da vertente homeopática que o Instituto representava, e da qual Galhardo era um defensor.

As *visões sobre a homeopatia* compõem a espinha dorsal da obra galhardiana. Em todo o texto, Galhardo apresenta as percepções sobre a homeopatia expressas pelos protagonistas, o que permite traçar um quadro da construção da doutrina no Brasil, limitado, cabe ressaltar, pelas seleções e interpretações por ele realizadas.

As *visões sobre a alopatia* são fundamentais para o entendimento sobre a constituição que a homeopatia assume no país. A medicina oficial é vista como um entrave para o desenvolvimento da doutrina hahnemanniana e, portanto, como uma inimiga a ser batida. Em alguns momentos, parece não haver convivência possível entre as duas medicinas. As referências negativas à alopatia e aos alopatas são recorrentes e fazem parte de uma estratégia de promoção da homeopatia. A interação com os agentes estatais, como a Junta Central de Higiene e o Ministério da Justiça são pertinentes, considerando a interferência que a medicina oficial buscou exercer nestes órgãos a partir do século XIX (PIMENTA, 2004).

A última categoria é subjetiva, e está vinculada à interpretação da historiografia sobre a história da homeopatia, que são os *silêncios de Galhardo*. Assuntos como a vinculação da homeopatia com o espiritismo, por exemplo, são omitidos ou pouco abordados pelo autor, e dizem muito sobre as visões de homeopatia por ele defendidas.

O primeiro capítulo da presente tese recebeu o título de “*O Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia e ‘História da Homeopatia no Brasil’: José Emygdio Rodrigues Galhardo, homeopata e historiador*”. Nele, aborda-se a realização do evento, promovido pelo Instituto Hahnemanniano do Brasil (IHB), principal instituição homeopática do Brasil, em 1926. José Galhardo foi protagonista do Congresso, que teve como ponto alto a apresentação de sua tese. Outrossim, apresenta-se ao leitor quem é este homeopata e quais eram as suas percepções sobre a história. Analisam-se, também, as principais características de *História da Homeopatia no Brasil*: estrutura do texto, fontes, metodologia, entre outros aspectos.

Nos dois capítulos seguintes, é abordada a história da homeopatia no Brasil segundo Galhardo, dividindo-a em duas partes. No segundo capítulo, intitulado “*As primeiras décadas da homeopatia brasileira segundo Galhardo (1818-1854): Propaganda, polêmicas e escolhas*”, adoteou-se o recorte temporal de 1818, data na qual ocorreu a primeira menção sobre a doutrina no país, à 1854, data de falecimento

de João Vicente Martins que, ao lado de Benoît Jules Mure, foram os principais propagandistas da homeopatia brasileira em seus primeiros anos. A discussão sobre a figura de “introdutor” da doutrina é muito relevante, pois Galhardo contribuiu muito para a consolidação da imagem de Mure nesta condição, apesar da existência de registros que demonstram a atuação de outros homeopatas que também reivindicam essa posição. Abordam-se, no capítulo, diferentes aspectos sobre estas primeiras décadas da homeopatia brasileira, considerando sempre a forma como Galhardo interpreta e apresenta estas informações.

O terceiro e último capítulo, intitulado “*A história da homeopatia no Brasil após Mure e Martins: O surgimento do Instituto Hahnemanniano do Brasil e seus protagonistas*”, aborda os caminhos adotados pela doutrina a partir do fim das atividades dos grandes propagandistas, Mure e Martins, e que deu lugar à outras estratégias homeopáticas. Neste contexto, o IHB cumpriu um papel fundamental, contando com a ação de diferentes protagonistas, como Joaquim Murinho, Francisco Dias da Cruz, Licínio Cardoso e José Galhardo. É pertinente, portanto, entender como o autor de *História da Homeopatia no Brasil* observou um período no qual ele, seus professores e amigos atuaram e que teve como ponto culminante a celebração do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia.

2 O PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE HOMEOPATIA E “HISTÓRIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL”: JOSÉ EMYGDIO RODRIGUES GALHARDO, HOMEOPATA E HISTORIADOR.

No ano de 1926, a homeopatia era uma dentre várias outras práticas de cura utilizadas pelos brasileiros acometidos pelas mais variadas moléstias do corpo e da mente. Disputava – ou tinha essa pretensão – espaço com a alopatia no campo da saúde há várias décadas. O movimento homeopático – isto é, o conjunto de praticantes e de instituições vinculadas à homeopatia – não era homogêneo. Pelo contrário, era muito diversificado, constituindo espaços de debate e de disputa. José Emygdio Rodrigues Galhardo era, naquele momento, uma das principais figuras da homeopatia institucionalizada no Brasil, integrante de diferentes instituições, como o Instituto Hahnemanniano do Brasil (IHB) e da Faculdade Hahnemanniana do Brasil.

História da Homeopatia no Brasil abarca um extenso período, entre 1818 e o final da década de 1920, isto é, o contexto do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia. O exaustivo trabalho de seu autor teve como resultado um texto extenso e detalhado, com uma grande quantidade de informações sobre efemérides, pessoas, associações, clínicas e hospitais homeopáticos, entre outros fatos. O texto é resultado de um longo período de pesquisas em diferentes acervos documentais, com destaque para o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. O trabalho empreendido foi tão abrangente que não pôde ser concluído a tempo para a sua apresentação integral durante o evento supracitado, realizado na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1926.

No presente capítulo, são analisados aspectos gerais sobre a tese produzida por José Galhardo, considerando elementos como a estrutura do texto, os conteúdos por ela abrangidos e a abordagem historiográfica adotada pelo autor. Inicialmente, pode-se afirmar que a história contada por Galhardo é partidária, pois tem como objetivo destacar personagens e fatos que colaboraram para o engrandecimento da homeopatia no país, construindo ao longo de todo o texto uma visão positiva sobre a doutrina hahnemanniana. A obra faz justamente aquilo que muitos de seus protagonistas praticaram durante as suas trajetórias pessoais e coletivas: a propaganda homeopática. Pode-se afirmar que Galhardo, através de seu trabalho de documentação e revisão histórica, busca nortear os projetos presentes e futuros da homeopatia brasileira.

A propaganda teve um papel preponderante no caminho percorrido pela homeopatia brasileira ao longo do século XIX e no início do século XX, que é o recorte

temporal da obra. Essa afirmação ganha mais força no que diz respeito ao primeiro século de história da doutrina hahnemanniana no Brasil, período no qual viveram e atuaram alguns dos seus principais protagonistas, como Benoît Jules Mure e João Vicente Martins. A influência de algumas dessas figuras para o estudo da história da homeopatia advém justamente do tratamento a elas dispensado por Galhardo.

A obra, convém destacar, não deixa de apresentar situações controversas ou disputas internas entre os homeopatas, utilizando frequentemente a estratégia de apresentar os fatos para que os leitores tirem as suas conclusões. Entretanto, pode-se observar que há a intenção de influenciar a interpretação dos receptores de seu texto, especialmente a partir das escolhas por ele realizadas ao longo de seu trabalho, no sentido de construir uma determinada versão sobre a história da homeopatia no Brasil.

2.1 JOSÉ EMYGDIO RODRIGUES GALHARDO, O CENÁRIO DA HOMEOPATIA BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1920 E O PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE HOMEOPATIA

José Emygdio Rodrigues Galhardo (1876-1942) foi um médico homeopata com uma extensa trajetória. Teve uma formação eclética, tornando-se engenheiro militar e civil, e, posteriormente, em medicina homeopática, área na qual atuou principalmente nas décadas de 1920 e 1930. Foi aluno e professor da Faculdade Hahnemanniana e diretor do Hospital Hahnemanniano. Desempenhou a função de redator dos *Anais de Medicina Homeopática*, bem como a presidência do IHB (GALHARDO, 1928; IHB, s/d).

O objetivo deste trabalho não é apresentar uma narrativa biográfica sobre o Dr. Galhardo, embora seja imprescindível considerar alguns elementos nesse sentido. Busca-se, sobretudo, compreender como a conjuntura vivida na época da realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia influenciou a versão sobre a história da homeopatia por ele produzida. Considerar esse contexto ajuda a explicar algumas das afirmações, análises e narrativas constituídas ao longo da obra. Tanto a produção do seu discurso sobre História da Homeopatia, quanto seu recorte temporal escolhido em seu principal trabalho, acaba por trazer uma necessidade de entender como a época afetava a medicina, a homeopatia e o indivíduo. Neste mesmo sentido, cabe salientar o esforço realizado por uma parte dos adeptos da Homeopatia, dentre os quais estava José Galhardo, no sentido de produzir conhecimento e situar a prática

como uma protagonista no campo médico-científico, e em busca de maior aceitação social. Essa postura era adotada em meio a críticas intensas e do olhar desconfiado de parcelas da sociedade, e, também, provocando debates internos (LUZ, 2014; SIGOLO, 1999).

O século XIX foi marcado por diversas transformações, especialmente a partir da Revolução Industrial iniciada no século XVIII. A mudança no processo de produção de riqueza, bem como no das relações de trabalho, não se restringiu apenas à esfera econômica. Hoje sabemos que a forma de viver em sociedade foi sensivelmente abalada por aqueles processos de transformação. A vida tornou-se cada vez mais urbana e, por consequência, permitiu-se com uma maior acumulação de riquezas e o surgimento de novas formas de organização social e produção do conhecimento. De outro lado também podemos citar a experiência recente da Revolução Francesa que, além de suas mudanças políticas de reverberação mundial, trouxe consigo uma afirmação de ideais do Iluminismo. Uma visão bastante crítica de certos valores e crenças religiosas, para dar espaço cada vez mais significativo a ciência de caráter mais formal, baseada em uma visão mais próxima da que temos hoje de método científico. Congressos médicos e debates trariam uma luz cada vez maior e com isso a descoberta de novas curas e tratamentos, e a homeopatia – ou parte dela – buscava participar desse processo (DAMAZIO, 1994; EDLER, PIRES-ALVES, 2018; HOBBSAWM, 1979; SINGER, 2012, WEBER, 1997; WITTER, 2007).

Nesse contexto, a medicina vivia um processo de acelerada transformação. Não obstante, não é possível considerar seu progresso como algo inexpugnável ou inquestionável. Trabalhos como o de Weber (1997) e Witter (2007) evidenciam a complexidade do campo da saúde e das práticas de cura no Brasil, nos séculos XIX e XX. A homeopatia e a alopatia não eram os únicos agentes em disputa neste campo.

Na década de 1920, a homeopatia é uma das forças atuantes no campo da saúde e das práticas de cura no Brasil, que, naquele momento, era o país com maior grau de desenvolvimento e implantação da doutrina (WEBER, 2011). A medicina formal, aquela ministrada pelas faculdades de medicina oficiais e chamada de alopatia pelos homeopatas, era a sua principal rival. Embora não exista um único modelo doutrinário no Brasil, o que implica na existência de variadas correntes, pode-se afirmar que a alopatia influenciava fortemente os caminhos tomados pela homeopatia brasileira (PIMENTA, 2004).

Alguns homeopatas, como Nilo Cairo, Licínio Cardoso e o próprio Galhardo defendiam uma homeopatia científica, que deveria ser praticada por profissionais formados em uma faculdade homeopática, à qual pleiteava a sua oficialização e equiparação com as escolas alopáticas, luta empreendida pelo Instituto Hahnemanniano do Brasil (IHB) naquele período. Essa instituição ofereceria uma formação completa aos médicos ali formados, ensinando-lhes a homeopatia e a alopatia. (SIGOLO, 1999; GALHARDO, 1928).

Entre 25 e 30 de setembro de 1926, no edifício localizado na Rua Frei Caneca, nº 94, na cidade do Rio de Janeiro, foi realizado o Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia. Naquela época, e no presente, ali estava localizada a sede do Instituto Hahnemanniano do Brasil (IHB), instituição organizadora deste evento. Em sua concepção e execução, o Dr. José Emygdio Rodrigues Galhardo teve grande protagonismo, visto que foi o seu organizador. O Congresso foi presidido por Francisco de Menezes Dias da Cruz, então presidente do IHB. O 1º Vice-presidente foi Umberto Auletta e o 2º Vice-Presidente foi João Paulo de Souza Lobo. José Galhardo foi o 1º Secretário do evento, e Mario Lopes de Castro exerceu a função de 2º Secretário. (IHB, 1928). Além dos cinco membros da mesa diretora, os Anais apresentam uma nominata com trinta e nove membros do Congresso, e outra lista, com trinta e cinco pessoas, que “adehiram” ao evento. Durante as sessões, participaram não apenas os seus membros, pois houve a “continua assistência de senhoras, senhoritas e cavalheiros, interessados pelos trabalhos da assembléa homœopathica, reunida pela primeira vez no Brasil (*Ibid.*, 1928, p.5).” Estas pessoas, genericamente citadas, não constam na contagem anteriormente apresentada.

Naquele ano, a homeopatia já estava em desenvolvimento no Brasil há noventa anos⁸, mas é assinalável que ainda não havia sido possível a realização de um congresso nacional. Francisco de Menezes Dias da Cruz, presidente do IHB e do Congresso, em seu discurso inaugural, foi claro em relação àquele que merece reconhecimento quanto ao trabalho realizado: José Galhardo.

Entre nós, porém, houve a este respeito um adormecimento inexplicável. Só agora, graças á vontade invencível e á actividade infatigavel do Dr. Galhardo, o operoso redactor dos Annaes de Medicina Homœopathica, que jurou aos seus deuses iniciar entre nós essa pratica salutar de outros paizes, só agora abrimos o primeiro Congresso Homœopathico do Brasil. Devemos marcar

⁸ O tempo exato depende da interpretação sobre o marco de início da prática no Brasil. Foi adotada como referência a publicação da tese de Frederico Emilio Jahn sobre a homeopatia, junto à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1836.

esta data, o anno de 1926, com uma pedrinha branca; era este o modo com que no remoto passado se indicavam as datas felizes (IHB, 1928, p.12-13).

De fato, pode-se afirmar que a grande figura deste acontecimento foi o Dr. Galhardo, tanto pela sua organização e execução, quanto pela produção de sua tese, que é o principal legado do Congresso para a posteridade. Na historiografia contemporânea, as menções ao evento se devem a este trabalho, e não à outras atividades realizadas durante os seus seis dias de duração (LUZ, 2014; ROSEMBAUM, 2000; SIGOLO, 1999; WEBER, 2006).

Além da exposição das teses, o programa do Congresso previa outras discussões e iniciativas. No dia 25 de setembro, ocorreu a sessão inaugural e a eleição de todos os cargos e comissões. No dia 26, estava prevista a apresentação das teses e reuniões das comissões. Para o dia 27, a aprovação dos pareceres das comissões e a organização da Liga Homeopática Brasileira. O dia 28 previa uma sessão plenária com tema livre e a organização de congressos nacionais e internacionais de homeopatia. No dia 29, seria realizada uma visita ao Hospital Hahnemanniano e a túmulos de homeopatas. No dia 30, último do evento, seria inaugurada a Farmácia Modelo do IHB e o encerramento do Congresso (IHB, 1928, p.7).

“Um congresso é sempre de grande valor para a intelligencia pelo contacto das idéas e para o sentimento pela confraternidade que resulta do convívio dos corpos”, conforme registra *O Globo*, em 27 de setembro de 1926 (p.7). O periódico afirma que participaram quarenta e uma pessoas na sessão inaugural do evento, e faz um resumo sobre as atividades realizadas naquela data, muitas delas burocráticas, como a definição do ordenamento dos trabalhos, os integrantes das secções temáticas, responsáveis pela avaliação dos trabalhos. Deve-se ressaltar que Galhardo recusou a presidência da Sessão de História, pois apresentaria um trabalho com esta temática (O GLOBO, 1926, p.7).

O texto, intitulado “*Installou-se o Primeiro Congresso Brasileiro de Homœopathia*”, apresenta todas as exposições realizadas, incluindo àquela proferida por Galhardo. Em sua fala, afirmou que apenas a “ignorância da magnitude do trabalho” permitiu-lhe pensar que seria possível concluir o trabalho integralmente antes da celebração do Congresso. Cita alguns dos pontos abordados em *História da Homeopatia no Brasil*, como o fato de que existiram no Brasil outros homeopatas anteriormente à Benoît Mure, a correspondência estabelecida entre José Bonifácio de

Andrada e Silva e Samuel Hahnemann, a tese defendida por Frederico Emilio Jahn em 1836 e a atuação de Mure na Colônia do Saí. Em seguida, *O Globo* afirmou que Galhardo “deixa de citar outros pontos de seu trabalho para não abusar dos colegas, pois poderia falar algumas horas sem esgotar o assumpto”. Enfatiza, ainda, que apenas havia concluído um quarto do trabalho completo (O GLOBO, 1926, p.7).

As secções nas quais dividiram-se as teses submetidas ao Congresso foram as seguintes:

Tabela 1 – Secções temáticas do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia.

I – Philosophia homœopathica.	V – Pharmacia.
II – Historia da homœopathia.	VI – Therapeutica.
III – Pathologia.	VII – Clinica.
IV – Materia medica.	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de IHB, 1928, p.8.

As outras teses apresentadas no Congresso versam sobre os mais variados assuntos relativos à terapêutica hahnemanniana, cada um julgado pela respectiva comissão. Nenhum destes trabalhos sequer se aproxima do tamanho da tese sobre história da homeopatia.

2.2 “HISTÓRIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL”: ESTRUTURA, FONTES DOCUMENTAIS E CARACTERÍSTICAS DO TEXTO.

A história escrita por Galhardo não segue os parâmetros atuais da historiografia (SIGOLO, 1999). Há uma exacerbada valorização da cronologia, por exemplo. No entanto, é possível constatar que seu autor conferia grande importância ao rigor metodológico, sobretudo no tratamento dos documentos utilizados. O autor se preocupou em compilar uma grande quantidade de fatos relacionados à homeopatia no Brasil, vislumbrando o trabalho empreendido da seguinte forma:

Não escrevi, propriamente falando, a Historia da Homœopathia no Brasil, apesar de apontar e descrever, no trabalho apresentado, todos os acontecimentos que se relacionam com a Homœopathia até a data de impressão do livro do 1º Congresso Brasileiro de Homœopathia. Coordenei, devo dizer, *subsídios para a História da Homœopathia no Brasil*⁹, preciosos

⁹ Grifo meu.

subsídios que talvez dentro de alguns annos mais se tornassem inteiramente perdidos e desconhecidos não só dos actuaes homeopathas, mas principalmente dos que futuramente pretendessem estudar a Historia da Homœopathia na America do Sul (GALHARDO, 1928, p.268).

Quando Galhardo afirma que o seu trabalho foi reunir subsídios para a história da homeopatia no Brasil, está, justamente, ressaltando o valor historiográfico de sua obra. Reconhece que, graças a seu trabalho, seria possível evitar que partes dessa história passassem a ser conhecidos por um público maior. Percebe-se, portanto, que Galhardo tinha um objetivo claro e explícito com a escrita de sua tese, que era a salvaguarda desses subsídios para estudos futuros. Sobre o seu procedimento metodológico, o autor explica:

Os factos e datas são rigorosamente verídicos e precisamente documentados. Dividi-os em períodos, segundo ordem chronologica, limitados por circumstancias e factos notáveis: desaparecimento de homeopathas eminentes e manifestações de atividade entre os homeopathas (*Ibid*, 1928, p.268).

Galhardo, portanto, reivindica a veracidade de seu relato, uma vez que, segundo ele, estava adequadamente documentado. O autor, tal como afirma, constrói uma narrativa linear, pautada pela sucessão cronológica dos acontecimentos. Em texto dirigido ao Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia, além de destacar o ineditismo do próprio trabalho, o autor evidencia qual é a sua visão sobre a história da homeopatia:

(...) meditando sobre a História da Homœopathia que podemos prever a marcha de sua evolução e determinar o áureo futuro que lhe reserva o progresso. Comparando o passado com o presente nos orientamos no porvir. Para fazer uma previsão do futuro da Homœopathia no Brasil preciso se torna conhecer sua história e esta ainda não tinha sido escripta por nenhum dos que me precederam (*Ibid.*, 1928, p. 267).

Ou seja, trata-se de uma visão triunfalista da história, que dá como assentada a “vitória” futura da homeopatia. Demonstra, também, que Galhardo reconhecia o valor de sua obra, ao identificar que esta história ainda não havia sido escrita até aquele momento. Reivindica, também, a “neutralidade” de sua obra, que, aliada ao rigor documental, que lhe permitiria corrigir “erros” históricos de outros trabalhos, conferiria à sua narrativa o estatuto de verdade, extensível à homeopatia como um todo (SIGOLO, 1999). De fato, Galhardo, em várias passagens do texto, corrige datas e informações contidas em documentos citados. No entanto, como é normal em

qualquer trabalho de pesquisa, o seu também possui erros quanto às referências apresentadas, por exemplo.

A documentação a que se teve acesso não permite mapear quais as suas influências teóricas, para além daquelas relacionadas ao universo homeopático. Supõe-se, em função de sua escrita e do tipo de referências que utiliza, que suas leituras deveriam ser variadas. Parece que a percepção sobre a construção do saber histórico de Galhardo está baseada em uma “sacralização” do documento. O autor reivindica o seu rigor na análise documental de forma frequente, convidando o leitor a ratificar as informações apresentadas consultando as mesmas fontes, como já mencionado.

Poder-se-ia relacionar essa visão ao contexto histórico da produção historiográfica vivida entre o final do século XIX e o início do século XX, momento em que a busca pela cientificidade era uma das pautas. A história escrita por Galhardo se assemelha, em alguns aspectos, à chamada *história factual*, pautada por uma supervalorização dos fatos e dos documentos escritos. Os historiadores franceses Charles Langlois e Charles Seignobos são os principais símbolos desta perspectiva histórica (LANGLOIS, SEIGNOBOS, 2017; LUCA, 2020). Galhardo não pretendia esgotar a história da homeopatia no Brasil, mas pretendia converter a sua obra em uma referência fundamental, em “subsídios” para a pesquisa.

À luz das ideias de Michel de Certeau, é pertinente pensar a obra de Galhardo a partir da perspectiva da operação historiográfica. Isto é, trata-se de uma fabricação, construída a partir de seu autor, sua base formativa, os lugares que ocupava na sociedade e os interesses que visava atender com o seu trabalho (CERTEAU, 1982). Neste sentido, Galhardo realiza um conjunto de seleções e interpretações sobre o material que consegue reunir e analisar, dando origem a um texto que sintetiza as suas aspirações e os limites de sua pesquisa.

De acordo com o pensamento de Certeau,

(...) uma obra historiográfica é aquela que, a princípio, é reconhecida como tal pelos pares e que pode ser situada em um conjunto operatório. Ela representa um “progresso” com relação ao estatuto atual dos “objetos” e dos métodos e, por estar ligada ao meio no qual se elabora, torna possíveis novas pesquisas. Dessa forma, tanto é um resultado quanto um sintoma do grupo que funciona como um laboratório (MIRANDA JÚNIOR, 2019, p. 105).

A tese de José Galhardo se enquadra nestes aspectos. É reconhecida por seus pares, que eram os homeopatas com os quais estabelecia relações e para os quais

se dirigia. No entanto, conquistou um expressivo reconhecimento historiográfico, como citado anteriormente. Representa um avanço em relação ao estado do conhecimento sobre o tema, pois foi a primeira a sistematizar a história da homeopatia no Brasil, além de ter trazido ao conhecimento público fontes e fatos que, sem a compilação de Galhardo, possivelmente não teriam a relevância que alcançaram. E, por fim, fomentou o surgimento de novas pesquisas, como fonte e como objeto de análise.

Trata-se de uma obra que não é imparcial e que tem como objetivo a defesa de uma determinada visão sobre a homeopatia, vinculada à busca por legitimidade científica e fortalecimento institucional do IHB. É uma obra propagandística, destinada principalmente a um público já convertido à homeopatia.

No discurso que proferiu na sessão inaugural, Galhardo explicitou quais eram, para si, as principais figuras da homeopatia, em um momento no qual o falecimento de Licínio Cardoso era recente:

A Hahnemann deve a humanidade o conhecimento do methodo positivo na arte de curar; a Mure e João Vicente Martins deve o Brasil a implantação deste methodo em todo o território nacional, depois de uma polemica que por vezes ascendeu á aggressão; a Licinio Cardoso, cuja perda recente ainda não nos permite enxugar as lagrimas que orvalham as faces contristadas de seus amigos, todos os que se orgulham de tel-o tido como Presidente de nossas instituições homœopathicas durante três lustres, devemos todo o progresso que jamais alcançou a doutrina de Hahnemann (IHB, 1928, p.15).

De certa forma, pode-se dizer que este trecho do discurso de Galhardo é um resumo de sua *História*. Observam-se claras definições sobre a sua visão da história, que estarão presentes ao longo de seu texto. Hahnemann como criador, Mure e Martins como introdutores e propagandistas e Licínio Cardoso como grande responsável pelo desenvolvimento atual (1926) da homeopatia no Brasil.

Na segunda sessão do Congresso, Galhardo (1928, p. 27) afirma que se equivocou ao julgar que quatro meses seriam suficientes para concluir o seu trabalho. Faz menção a um resumo sobre história da homeopatia, de Theodulo Meirelles, o qual julgou estar cheio de erros¹⁰. Afirma, ainda, que sua extensa pesquisa, tomou conhecimento sobre fatos que lhe eram desconhecidos até aquele momento:

Recorri então ás fontes, e nessa pesquisa poude vêr cousas interessantes. Soube que antes de Bento Mure já a homœopathia fora introduzida no Brasil. Soube de relações epistolares entre José Bonifácio e Samuel Hahnemann,

¹⁰ Não se acessou, até o momento, este texto.

as quaes não sei ainda si eram sobre homœopathia, si sobre assumpto de chimica, sciencia em que o fundador da homœopathia era autoridade. Somente os textos originaes, que ainda não poude encontrar, permittirão resolver esse ponto, ainda duvidoso. A curiosidade scientifica de José Bonifácio, mineralogista eminente, seria mais natural para a chimica, sciencia vizinha da em que era mestre (*Ibid.*, 1928, p.27).

Não há um padrão no tratamento das fontes, tampouco uniformidade na forma em que são apresentadas. Alguns textos são citados em sua integralidade, outros são apenas mencionados. Trata-se, portanto, de uma seleção documental. As inclusões e exclusões são opções do autor, e respondem aos objetivos de sua escrita, isto é, a história da homeopatia que ele visava constituir. Galhardo convida os seus leitores a consultar as fontes e fazer a sua leitura sobre o acervo utilizado. No entanto, considerando o contexto em que foi produzido o trabalho, essa “revisão” não era uma tarefa simples. Com os meios atuais, é possível acessar boa parte destes materiais em formato digital.

História da Homeopatia no Brasil está inserida no *Livro do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia*, publicado pelo IHB. A publicação tem 1036 páginas em sua totalidade, incluindo-se um índice e as duas notas explicativas de João Vicente de Souza Martins, responsável pela conclusão do trabalho e sua publicação. A tese de José Galhardo possui 749 páginas. Era, portanto, consideravelmente mais extensa do que os demais trabalhos publicados no livro.

Nas citações e referências à *História da Homeopatia no Brasil* realizadas ao longo do texto, optou-se por utilizar 1928 como ano de publicação da obra, pois é aquela que é informada na folha de rosto da publicação. No entanto, a data provável é o ano de 1943, conforme as notas explicativas incluídas no final do livro, do dia 15 de agosto de 1943, elaboradas por Souza Martins. A obra, que estava praticamente pronta para publicação em 1928, foi atingida por um incêndio na tipografia, que estava localizada ao lado do Laboratório Homeopático de Almeida Cardoso. No sinistro, o índice e as ilustrações que fariam parte do livro foram perdidos, mas o restante do conteúdo foi salvo. Problemas de saúde do Dr. Galhardo dificultaram a elaboração de um novo índice, o que atrasou ainda mais a sua publicação (IHB, 1928).

O autor de *História da Homeopatia no Brasil*, no texto dirigido ao Primeiro Congresso de Homeopatia, expressa um desejo em relação a seu trabalho:

Não julgo (...) ter produzido a obra perfeita. Muito ao contrario, seus vícios e defeitos ressaltam até á visão dos menos capazes. Com este subsidio, entretanto, fácil será a qualquer um escrever propriamente a Historia da

Homœopathia no Brasil, sob uma orientação apropriada e um estylo menos fatigante. Não será de admirar que futuramente a escreva sob novo molde (p.268).

A presente tese não tem a pretensão de reescrever a história da homeopatia do Brasil, tampouco corrigir a versão escrita pelo organizador do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia. Trata-se de uma obra com grande valor histórico, que deve ser lida de forma crítica. Não se trata de um compilado imparcial de documentos e subsídios sobre a homeopatia brasileira. Trata-se de um texto histórico, cuja historicidade deve ser considerada. Por exemplo, no trecho a seguir, Galhardo realiza uma suposição sobre quais alunos haviam se formado na Escola Homeopática, com base em outras fontes e em seu conhecimento prévio sobre o tema:

Nas constantes pesquisas que fiz, no desejo louvavel de escrever factos documentados, fora de qualquer reputação, não encontrei referencia alguma com os nomes dos cinco alumnos que receberam os certificados de professor de homœopathia. Mas essa mesma investigação não me priva de suppor que esses cinco alumnos fossem Ackermann, Rouen, Laperrière, Simão Pastor o José Henriques de Proença. Foi o quo colligi raciocinando sobre os acontecimentos em que esses nomes se acharam envolvidos ou delles foram partes (GALHARDO, 1928, p.419).

O texto está estruturado em cinco partes, que são os períodos da história da homeopatia brasileira definidos pelo autor. A divisão é cronológica, definida por alguns marcos históricos, cuja relevância é julgada pelo próprio Galhardo.

Tabela 2: Periodização da história da homeopatia no Brasil, segundo Galhardo (1928).

Período	Recorte temporal
Primeiro Período	1818 a 1839
Segundo Período	1840 a 1854
Terceiro Período	1855 a 1878
Quarto Período	1879 a 1911
Quinto Período	1911 ao presente do autor.

Fonte: Elaboração própria, a partir de Galhardo (1928).

Nas cinco partes, a escrita de Galhardo estrutura o seu texto em subtítulos, que em geral são bastante elucidativos sobre o conteúdo abordado. Em várias ocasiões, replica os títulos dados aos artigos de jornais e revistas que são citados. Alguns tipos de subtítulos são recorrentes, como as notas fúnebres ou os resumos anuais.

Em vários momentos de sua tese, Galhardo dialoga com o seu leitor. Avisa que abordará determinado assunto mais adiante no texto, ou solicita a lembrança sobre algum tópico já citado, algumas vezes fazendo explicações adicionais. Comumente, convida o leitor a tirar as suas conclusões, com base nas informações apresentadas, bem como nas fontes, de forma direta.

2.2.1 Propaganda, a base da história da homeopatia de Galhardo

A história contada por José Galhardo é, em grande medida, fundamentada pela noção de propaganda homeopática. A concepção de propaganda dos homeopatas naquele contexto não está necessariamente relacionada à divulgação de um produto ou serviço. Em diversas passagens, esta parece ser a vara de medir usada pelo autor para identificar a relevância da obra de um determinado homeopata, o que ocorre especialmente nos casos de Benoît Mure e João Vicente Martins. Não bastava praticar a homeopatia, era necessário divulgá-la e conquistar novos adeptos. A propaganda homeopática, portanto, tem caráter proselitista, “utilizando a imprensa cotidiana e a especializada, bem como a propaganda “boca a boca”, a circulação de manuais e folhetos instrutivos, além dos atendimentos gratuitos junto à população” (AMARAL, 2021, p.39).

O uso de terminologia vinculada ao estudo sobre as religiões, como o termo proselitismo, está fundamentado tanto pela forma como os homeopatas agiam, como pela sua compreensão de homeopatia. O pensamento de Mure e Martins era fortemente pautado pelo imaginário religioso católico. A doutrina de Hahnemann era a “palavra” a ser espalhada, por obra de Deus.

Os formandos da Escola Homœopathica do Brasil em suas formaturas, além de prestar juramento, deveriam realizar uma profissão de fé, com conteúdo marcadamente afim ao pensamento cristão:

PROFISSÃO DE FÉ. Com a mão na consciência e os olhos em Deus eu abraço a homœopathia e declaro que depois de ter estudado e examinado com atenção e imparcialidade os sistemas de medicina:

“1.º. Reconheço a doutrina de Hahnemann a única doutrina medica verdadeira.

“2.º. Creio que as funções todas da vida são dirigidas por uma força toda espiritual, que designo pelas palavras — Dynamismo vital.

“3.º. Creio que, perturbada esta força, constituindo enfermidade, o meio único de a restabelecer ao seu estado ordinário, chamado saúde, consiste em excita-la por agentes dotados do poder de produzir symptomas

semelhantes aos que manifestavam essa perturbação, chamada enfermidade, isto é, capazes de produzir análoga perturbação na saúde.

"4.º. Creio que todas as substâncias da natureza, ainda as que são julgadas inertes, possuem a propriedade de actuar sobre o dynamismo vital, porque em todas reside um principio espiritual que lhes provém de Deus.

"5.º. Creio que a trituração, o vascoejamento, e outros processos que tenham por fim desagregar cada vez mais as moléculas, desonvolvem essas suas propriedades dynamicas.

"6.º Creio que a experiência dessas substâncias, assim preparadas, feita no homem e na mulher que desfructam saúde, é o único meio possível de,conhecerem-se essas propriedades dynamicas o de possuirera-se verdadeiros medicamentos.

"7.º. Creio que é um dever sagrado de todo o homem, principalmente de todo o christao, submetter-se a experiências puras tanto quanto lhe permite sua saúde, recordando-se de que o nosso Divino Redemptor sujeitou-se a soffrer morte affrontosa numa cruz para remir-nos do peccado e alcançar para nós a felicidade eterna.

"8.º. Adopto a theoria das doses ensinada pelo Dr. Mure na Sicilia, om França e no Brasil, para a desenvolver por experiência própria.

"9.º. Adopto a cirurgia como o único ramo das antigas scencias médicas que tenha valor real e positivo, porém somente nas lesões que exigem meios mecânicos, para que a vida se conserve, ou se aperfeiçoe (GALHARDO, 1928, p. 417).

Essa profissão de fé implicava na escolha da terapêutica homeopática como a única doutrina médica verdadeira, o que implica em uma renúncia à alopatia. Compara a realização de experiências em si próprio, um dos pilares da visão de homeopatia defendida por Mure, ao sacrifício realizado por Jesus Cristo em sua morte, conforme a doutrina cristã.

O juramento, realizado em seguida à profissão de fé, era explicitamente religioso, associando diretamente a propagação da homeopatia ao cristianismo, inclusive com caráter catequético.

"JURAMENTO. Por nosso Senhor Jesus Christo, que padeceu e morreu por nós, remindo com seu preciosíssimo sangue os nossos peccados, e alcançando para nós, por virtudes de suas dores, a felicidade eterna; por nosso Divino Redemptor, a quem eu devo imitar por quanto cabe na fraqueza humana. Juro!

'1.º "Remir os padecimentos dos enfermos, por preventivos soffrimentos que occasionarem experiências puras, que hei de fazer em mim, e em pessoas que, animadas de caridade, se queiram sujeitar.

"2.º. Tratar as enfermidades unicamente com os meios bem provados de que dispõe a homœopathia pura, tal qual a reconheço e declaro em minha profissão de fé.

"3.º. Observar estrictamente os preceitos evangélicos no exercicio de meus deveres, sendo para mim sagrados o segredo das famílias, a virtude, o pudor das mulheres, e a indigencia dos pobres.

"4.º. Propagar o conhecimento dos princípios da homœopathia pura por todos os meios lícitos que estiverem a meu alcance.

"5.º. Aproveitar, quando fôr possível, a diffusão dos princípios da homœopathia e as vantagens de sua applicação para os fazer servir á propagação do christianismo, promovendo a catechese dos Índios e sua civilisação, e exigindo dos pagãos, dos mahometanos, dos idolatras e dos outros infieis, a sua conversão á fé, para só então lhes ensinar os princípios

da homœopathia! E assim o juro em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

Observa-se, portanto, que a homeopatia se colocava ao serviço do cristianismo. Para Galhardo, esta era uma estratégia para promover uma maior aceitação da nova doutrina junto à população:

Houve aqui da parte do Dr. Mure a preocupação de envolver a homœopathia na religião christã. Era um meio de boa propaganda, pois sendo o catholicismo, nessa época, a religião do Estado, além de ser a seguida pela quasi totalidade da população, a homœopathia seria por esse meio mais facilmente introduzida e aceita pelo povo (GALHARDO, 1928, p.418).

As viagens realizadas por homeopatas, sobretudo aquelas promovidas por João Vicente Martins, tinham objetivo preponderantemente propagandístico. Nestes locais, as instituições homeopáticas que surgiam criavam meios para a propaganda, como jornais e revistas específicas, bem como a imprensa convencional. Essas pessoas, que viajavam pelo país e países vizinhos, atuavam como “missionários catequizadores” (TARCITANO FILHO, WAISSE, 2016, p.787).

Sobre a propaganda homeopática, Galhardo reproduz um texto publicado no *Archivo Medico Brasileiro*¹¹, em 1847:

Alli, como no Rio de Janeiro, e da mesma sorte que em Pernambuco, foi posta em campo a tactica da propaganda; esta tactica consiste em assalariar o jornal mais espalhado e em corromper a opinião publica com falaciosos annuncios, com mentirosas curas, com certificados obtidos das autoridades imprevidentes. Com a ajuda da poderosa alavanca da imprensa escala-se a brecha da profissão medica, calumnia-se, e derrama-se tinta a ondas contra os homens probos, e esclarecidos, que a escarnecem. A opinião vacilla, hesita, duvida, mas logo novos golpes lhe são atirados; ella cambaleia então, cae, e acaba por se corromper.¹²

A acusação feita pelos alopatas neste texto, intitulado “Estado actual da homœopathia”, traz alguns elementos pertinentes para a análise. Identifica-se que a tática adotada pelos homeopatas era a de “assalariar” o jornal de maior circulação, ou seja, publicação mediante pagamento. O texto reconhece que a imprensa é uma “alavanca poderosa”, com influência na opinião dos leitores.

¹¹ Segundo Galhardo, o texto foi publicado no *Archivo Medico Brasileiro* em seu Tomo IV, pags. 225 a 227, II " 10 — julho de 1848. p. 225-227.

¹² ARCHIVO MÉDICO BRAZILEIRO. Estado actual da homœopathia. **Archivo Médico Brasileiro**: Gazeta Mensal de Medicina, Cirurgia, e Sciencias Accessorias. Tomo 4, n.1, outubro de 1848. p. 225-227. José Galhardo, ao citar este texto, equivocou-se em relação à data de publicação do periódico. A data correta é outubro de 1848, e não julho de 1848, conforme *História da Homeopatia no Brasil* (GALHARDO, 1928, p. 561).

2.2.2 Jornal do Commercio, a tribuna da propaganda homeopática.

José Emygdio Rodrigues Galhardo, em sua extensa pesquisa que teve como resultado a produção da tese *História da Homeopatia no Brasil*, dedicou-se intensamente à leitura de incontáveis edições do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Esta publicação, fundada em 1827 pelo tipógrafo francês Pierre Planchet, foi, até o ano de 2016, o jornal mais antigo em circulação no Rio de Janeiro, e o segundo em nível nacional.¹³ Foi criado para rivalizar com o *Diário do Rio de Janeiro*, primeiro jornal de circulação diária do Brasil e que alcançava a um expressivo público. O *Jornal do Commercio* teve grande influência na vida social e política do Rio de Janeiro e, como se tratava da capital do Império e da República, também alcançava impacto nacional, estabelecendo relação com os círculos de poder (BRITO, 2021; JUNQUEIRA, 2010; MARTINS, 2020).

A imprensa periódica surgiu no país, de forma sistemática, posteriormente à chegada da Corte Portuguesa e à instalação da tipografia da Imprensa Régia, em 1808. Os primeiros jornais eram folhetos pouco extensos, geralmente de quatro páginas, escritos em estilo panfletário e, não raro, mantidos com poucos recursos. Com o tempo, essas publicações foram se tornando mais complexas (MARTINS, 2020; MOREL, 2020).

Durante o Segundo Reinado, a imprensa estava voltada principalmente para os assuntos políticos e, em menor medida, manifestações literárias, e ampliou suas funções como prestadora de serviços. Os dois partidos que centralizavam a vida política brasileira – Conservador e Liberal - e as famílias a eles atreladas, utilizavam os jornais como instrumento político, respondendo também aos seus interesses econômicos e afinidades intelectuais. O *Jornal do Commercio*, nesse sentido, era conservador (MARTINS, 2020).

O periódico fundado por Planchet teve vários proprietários e, como seu próprio nome indica, tinha como foco principal a informação mercantil. Com o tempo, torna-

¹³ O jornal mais antigo atualmente em circulação no país, é o Diário de Pernambuco, fundado em 1825. O *Jornal do Commercio* foi extinto em 2016. Fonte: CPDOC. Diário de Pernambuco (verbete). In: FGV/CPDOC. Dicionário Histórico e Geográfico Brasileiro: Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-pernambuco>. Acesso em: 07 fev. 2022.; GOUVÊIA, Arcírio. *Jornal do Commercio fecha as portas, após 189 anos*. In: Associação Brasileira de Imprensa (página web). Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Imprensa, 29 abr. 2016. Disponível em: <http://www.abi.org.br/jornal-do-commercio-fecha-as-portas-apos-189-anos-de-existencia/>. Acesso em 07 fev. 2022.

se mais complexo, com a inclusão de novas editorias e a atuação de jornalistas e personalidades de grande expressão, como José de Alencar e Joaquim Nabuco, entre outros. Em termos técnicos, o jornal foi inovador, sendo um dos primeiros a publicar telegramas da agência telegráfica Reuters-Havas, em 1877, permitindo a atualização das informações de forma muito mais ágil, bem como a ampliação da cobertura de notícias internacionais (JUNQUEIRA, 2010; MARTINS, 2020; MATHEUS, 2012).

As publicações sobre a homeopatia no *Jornal do Commercio* eram realizadas, em algumas fases, quase que diariamente. A aproximação dos homeopatas com este periódico se deu através do Dr. José da Gama e Castro, redator entre 1839 e 1842, sendo que as primeiras publicações sobre a homeopatia ocorreram em 1841, através de um artigo de Benoît Mure. Este Jornal, um dos mais importantes do Brasil à época, foi uma fonte utilizada por Galhardo ao longo de todo o texto da tese, mas de forma mais abundante durante o período da propaganda homeopática de Mure e João Vicente Martins. Afirmou Galhardo que “ao Dr. Bento Mure cabe a gloria da intensa propaganda, introductora systematica da homœopathia no Brasil, despertada pela magestosa penna do Dr. José da Gama e Castro, quem primeiro escreveu, pela imprensa, defendendo a homœopathia no Brasil” (GALHARDO, 1928, p. 375).

Galhardo citou um texto de Mure¹⁴ no qual fala sobre a aproximação de José da Gama e Castro à homeopatia. No trecho a seguir, é possível observar o uso de uma linguagem grandiloquente, comum nos escritos do homeopata francês:

Soube elle (...), dos meus numerosos ensaios, quiz delles ser testemunha ocular, e, á sua vista, elle se sentiu e se proclamou vencido. Da causa da homœopathia, elle faz a sua causa. Tremeu a imprensa com esta cruzada gloriosa, na qual o campeão da verdade não encontra um único adversário, tanto eram temidos o pensamento e a palavra deste athleta irresistível. Como os anjos rebeldes de Milton os allopathas rolaram fulminados durante um anno, diante do fogo, e quando, mais tarde, eu abandonei a colonia do Sahy, não encontrei mais o meu amigo, mas as ruinas accumuladas sobre os seus golpes tinham-me preparado uma larga estrada, pela qual eu podia marchar protegido pelo terror de sua lembrança (*Ibid.*, 1928, p. 284)¹⁵

Mesmo com a partida de Gama e Castro para a Europa, o jornal continuou a ser uma tribuna muito utilizada pelos homeopatas para a realização de sua propaganda, e para a publicação de anúncios de seus consultórios, farmácias e outros

¹⁴ Galhardo não citou a fonte do texto que atribui a Benoît Mure.

¹⁵ Galhardo não citou a fonte desta declaração de Benoît Mure.

empreendimentos. No entanto, não podemos afirmar que o *Jornal do Commercio* era uma publicação partidária da homeopatia.

O principal objetivo dessa folha mercantil era a obtenção de lucros. Dois terços de suas páginas eram ocupadas por anúncios, e no espaço restante, abundavam as publicações “à pedido”, modalidade na qual eram inseridos os textos dos homeopatas e de seus opositores. Essas publicações eram pagas (FARIA, 1994).

Charles Ribeyrolles, publicista e político francês, esteve no Brasil entre 1858 e 1861, quando foi vítima da febre amarela. Ele fez uma análise sobre a imprensa brasileira da época (*Ibid.*, 1994, p.18). Segundo a leitura de Faria (1994), o crítico concluiu, na busca pela “alma” do *Jornal do Commercio*, que:

(...) a folha não tinha uma política definida que orientasse sua linha editorial e muito menos uma idéia a defender. Diferenciava-se, portanto, do *Débats* da França e do *Times* da Inglaterra, que não se calavam ou não se continham quando estavam em jogo os “interesses consideráveis” pelos quais propugnavam. Deduziu, assim, da leitura das matérias estampadas nos últimos anos que o mais importante jornal do país era regido pelos ditames impostos por sua caixa registradora, nada mais (FARIA, 1994, p.18-19).

O *Jornal do Commercio* acolhia toda sorte de textos, permitindo-se o anonimato, com o diretor e o gerente se isentando de responsabilidade pelo conteúdo publicado (FARIA, 1994). Ribeyrolles via nesta “indústria da opinião” do “jornalismo de aluguel” o exercício da liberdade de expressão, o que não acontecia nos Estados Unidos daqueles tempos, por exemplo (RIBEYROLLES apud FARIA, 1994, p.19). Joaquim Murinho, por exemplo, utilizou *à pedidos* no jornal para atacar ao Imperador Dom Pedro II e a sua compreensão sobre ciência (FARIA, 1994; GALHARDO, 1928).

Pode-se concluir, em vista destes elementos, que o fato de, em dado momento, existir uma proximidade entre os homeopatas e o editor da publicação, a manutenção dessas publicações ao longo do tempo está mais ligada a interesses econômicos e empresariais do *Jornal do Commercio* do que à adesão ou concordância com as ideias por ele difundidas (FARIA, 1994). No entanto, deve-se reconhecer que a publicação é uma profícua fonte para o estudo da história da saúde no Brasil, o que inclui a homeopatia.

Nesta pesquisa, o riquíssimo acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, mantida pela Biblioteca Nacional, foi de uma inestimável valia. Praticamente todas as edições do *Jornal do Commercio* citadas por Galhardo estão digitalizadas e disponíveis para consulta. Realizou-se a busca por diversas das edições que foram citadas por

Galhardo, não com o intuito de corrigir ou desmentir o seu autor. De certa forma, pode-se afirmar que foi feito algo que era incentivado pelo historiador da homeopatia, que convidava os leitores a consultarem o jornal para a verificar as informações. As referências que o autor faz – edição e data de publicação –, em geral, estão corretas.

Galhardo faz uma seleção daqueles textos que julgava mais pertinentes, segundo as suas concepções acerca dos assuntos abordados. Em alguns deles, optou por não transcrever o texto sobre o qual está se referindo. Trata-se de uma opção válida, de um historiador que está utilizando as fontes para construir a sua narrativa. Nesse sentido, posso afirmar que Galhardo não produziu um catálogo de fontes, embora estas abundem em sua tese.

Provavelmente, Galhardo tinha conhecimento prévio sobre as publicações homeopáticas que foram realizados ao longo das décadas no *Jornal do Commercio*, selecionando-o como fonte. O uso de outros jornais como fonte, como o *Diário do Rio de Janeiro*, foi muito mais restrito. Considera-se pertinente investigar sobre como a homeopatia era retratada por outros veículos da imprensa na época.

Outrossim, Galhardo não esgota o *Jornal do Commercio* enquanto fonte para o estudo da história da homeopatia no recorte temporal entre 1818 e 1930. O autor não explora, por exemplo, os múltiplos anúncios comerciais publicados por homeopatas, utilizados para a venda de medicamentos homeopáticos e a publicidade dos consultórios e clínicas. Na edição nº 154, de 5 de junho de 1847, na página 4, é possível encontrar dois anúncios, junto com ofertas de rapé, fogos artificiais e, como era característico da época, de compra e venda de escravos, além de vários outros produtos. O primeiro anúncio oferece “retrato do Dr. Mure”, disponível na Livraria Garnier. O segundo anúncio é da Botica Central Homœopathica, com o seu endereço em destaque. Na sequência, apresenta o seguinte subtítulo “Agencia da Casa de Saude Homœopathica no Morro do Castelo”, seguido de um texto que exalta as excelentes condições da casa, oferecendo “ar mais puro e isento de miasmas febris”, oferecendo “todas as vantagens reunidas seja para a conservação, seja para o restabelecimento da saúde”. Os doentes seriam constantemente visitados pelo Dr. Mure.

Galhardo evita mencionar estas questões comerciais que, como mostram as fontes, faziam parte da atividade dos homeopatas, como demonstram os jornais e outras fontes, como os manuais de medicina popular. Galhardo enfatiza o caráter beneficente da homeopatia, destacando a vinculação com irmandades religiosas –

aspecto ao qual João Vicente Martins estava especialmente ligado – e o atendimento gratuito a pessoas necessitadas.

História da Homeopatia no Brasil, em grande medida, é a história da propaganda homeopática. Essa prática, que tinha o objetivo de divulgar a nova doutrina médica e incentivar o seu uso, utilizou a imprensa como principal veículo para esse fim. No entanto, as estratégias adotadas pelos homeopatas foram modificadas ao longo do tempo. Em tempos de Mure e Martins, a propaganda promovia a difusão da homeopatia a um amplo público. Os propagandistas que se seguiram, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, adotaram um discurso que reivindicava o estatuto científico da homeopatia e a oficialização do ensino médico-homeopático.

A tese escrita por José Galhardo pode ser entendida como uma obra de propaganda homeopática, voltada para o grupo no qual o autor estava inserido e que era parte do IHB. A escolha dos protagonistas, dos acontecimentos relatados e dos assuntos abordados ou omitidos têm como resultado uma versão da história que responde aos interesses desse grupo, como a prática exclusiva da homeopatia sem a associação com outras terapêuticas, a luta pela oficialização da homeopatia e pela formação de homeopatas – médicos e farmacêuticos - em faculdades específicas.

2.2.3 A recepção da tese de Galhardo: O parecer da Comissão de História da Homeopatia do Primeiro Congresso

A tese de José Emygdio Rodrigues Galhardo foi avaliada por uma Comissão de História da Homeopatia, que emitiu um parecer sobre o texto, que seria apresentado no Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia, organizado pelo próprio autor. Na edição publicada pelo Instituto Hahnemanniano do Brasil (GALHARDO, 1928), o parecer foi incorporado em suas páginas iniciais. Em geral, verifica-se que o trabalho de Galhardo foi acolhido com grande entusiasmo no Congresso. Atribuem-lhe o mérito de ter conseguido abarcar de forma ampla a história da homeopatia no Brasil, com minúcia de detalhes.

Foram responsáveis pela elaboração do parecer os senhores Alvaro Antonio Gomes, Presidente e Relator da Comissão, e os vogais Sabino Theodoro e Potier Júnior. Sabino Theodoro foi um médico homeopata, que exerceu os cargos de Diretor do Hospital Hahnemanniano e Diretor da Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto

Hahnemanniano do Brasil na década de 1920 (LUZ, 2014). Sobre os outros pareceristas, os dados biográficos encontrados até o momento são escassos.

O parecer dá especial destaque aos fatos narrados entre as décadas de 1810 e 1850, sobretudo no que diz respeito ao início da prática da homeopatia em território brasileiro. Há, no texto, a predominância de elogios e o reconhecimento ao autor pela pesquisa realizada. No entanto, também há a expressão de discordâncias com a leitura realizada por Galhardo. Cabe ressaltar que a versão do texto apresentada no Congresso estava incompleta. A versão do texto utilizada neste trabalho foi aquela publicada pelo Instituto Hahnemanniano do Brasil, no Livro do Congresso, organizado pelo próprio Galhardo. Nesse sentido, não foi possível encontrar a informação sobre o estágio de elaboração da obra no momento em que foi apreciada pela Comissão e posteriormente apresentada durante o Primeiro Congresso.

A Comissão exalta, como uma novidade naquele momento¹⁶, a informação trazida pelo autor acerca da adesão de José Bonifácio de Andrada e Silva¹⁷, e considera que é “motivo de orgulho para nós a companhia do sábio Andrada e Silva”, pois “hoje, ainda, em nosso paiz os expoentes máximos da escola oficial consideram desdenhosamente a arte de Hahnemann” (GALHARDO, 1928, p.257). Nesse sentido, interpreta-se que a adesão de José Bonifácio à homeopatia trazida por Galhardo é compreendida como um argumento de autoridade. Observa-se isto através do contraste entre o descrédito dos “expoentes” da medicina tradicional naquele momento e a adesão de uma figura reconhecida pela sua obra política e por sua associação ao campo do saber e do conhecimento.

Nos primeiros parágrafos do parecer, observa-se uma discussão sobre a “paternidade” da homeopatia no Brasil, atribuída comumente pela historiografia ao francês Benoît Jules Mure, especialmente nos trabalhos influenciados pela tese de Galhardo, como Luz (2014) e Rosenbaum (2000). No entanto, o parecer e o texto analisado evidenciam a existência de outros registros alusivos à homeopatia no país anteriores a 1840, ano de chegada de Mure. Essa discussão será desenvolvida mais extensamente no capítulo seguinte. No que tange a este aspecto, é mister citar a figura dos médicos Frederico Emilio Jahn, suíço, que escreveu a primeira tese acadêmica

¹⁶ 1926, ano em que a tese de Galhardo foi apresentada e emitido o parecer da Comissão.

¹⁷ José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) foi um político, estadista e naturalista, que teve forte influência política no Brasil no contexto da Independência e dos primeiros anos do Império. É reconhecido, também, por sua contribuição na área da mineralogia. A vinculação de seu nome com a homeopatia será abordada neste trabalho.

sobre a homeopatia no país, em 1836 e do brasileiro Domingos de Azevedo Coutinho de Duque-Estrada. Segundo a comissão, Galhardo cometeu uma “grave injustiça” ao colocar em dúvida que ele tenha se tornado um “verdadeiro homeopata”. O próprio Benoît Mure confirmou que Duque-Estrada praticou a homeopatia antes de 1840 (GALHARDO, 1928, p.258).

Quando a obra aborda o período entre 1840 e 1855, para os pareceristas, Galhardo o faz com “rara competência e honestidade, não omitindo factos, não falseando a verdade, citando prós e contras, como verdadeiro historiador imparcial. Mas não se limita a ser exacto e minucioso, commentando com elevação de vistas e rigor todos os factos impostos” (*Ibid.*, 1928, p.258). Ou seja, considera-se que a obra de Galhardo aborda de forma abrangente os fatos narrados.

Benoît Mure e sua trajetória recebem grande destaque na apreciação realizada pelos autores do parecer. Enfatiza-se o empenho do francês em atrair novos adeptos para a homeopatia, pois “para se avaliar do valor destas conquistas e fazer uma idéa do esforço e pertinácia, necessário convém lembrar que era mais fácil converter um judeu ao catholicismo do que um médico alopata á homœopathia” (*Ibid.*, 1928, p.259). Essa metáfora reforça a construção da figura predominante de Mure como um árduo defensor da homeopatia e como verdadeiro introdutor da mesma no Brasil.

Destaca-se, também, outro influente adepto da homeopatia, o médico Emilio Germon, sobre o qual os pareceristas, a partir do texto de Galhardo, destacam as discordâncias por ele manifestadas em relação a Mure, alçando-o à condição de adversário (*Ibid.*, 1928, p.259). Ressalta-se que Germon o acusava de utilizar a homeopatia e o instituto por ele fundado¹⁸ para benefício próprio e promoção de sua imagem pessoal. No entanto, apesar dessa acusação, para os pareceristas Mure foi um “esforçado propugnador da homeœopathia no Brasil” (*Ibid.*, 1928, p.260).

Na sequência, o parecer destaca a fundação da primeira escola homeopática do país, a Escola Suplementar de Medicina e do Instituto Homeopático do Saí¹⁹, promovidas por Mure, e do Instituto Homeopático do Brasil, no qual contou com a colaboração do cirurgião português João Vicente Martins. Ambos fundaram

¹⁸ O Instituto Homeopático do Brasil, fundado por Benoît Mure, em 1843, no Rio de Janeiro (GALHARDO, 1928; FIOCRUZ, s/d).

¹⁹ Mure foi o fundador da Colônia Industrial do Saí, também conhecida como Falanstério do Saí, inspirada no socialismo utópico de François Fourier. A Colônia teve efêmera duração, entre 1841 e 1844 (LINS, 2010). Pode-se afirmar que o principal propósito da vinda de Mure para o Brasil foi este, e não a propagação da homeopatia.

consultórios homeopáticos no Rio de Janeiro, sendo definidos como “athletas” da homeopatia do Brasil (*Ibid.*, 1928, p.261).

As críticas e embates sofridos pela homeopatia por parte dos médicos alopatas são também destacados pelo parecer, que exalta a defesa realizada por Mure e Martins. Destaca-se o episódio do falecimento de uma jovem que havia sido tratada pelo médico francês com a prescrição de medicamentos homeopáticos. O atestado de óbito, fornecido pelo médico Joaquim José da Silva, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro atribuiu a morte ao uso da homeopatia (*Ibid.*, 1928, p. 261-262). Diante da repercussão na imprensa e na opinião pública, envolvendo também a justiça, um exame pericial realizado por dois médicos teria provado “a inépcia, a idiotice do attestante” (*Ibid.*, 1928, p.262). Afirmam, ainda, que o “prof. Joaquim José da Silva, em toda essa questão portou-se como uma verdadeira creança, para não sermos mais contundentes na nossa apreciação” (*Ibid.*, 1928, p.262).

Os pareceristas são sucintos ao abordar acontecimentos narrados por Galhardo a partir da década de 1850, e são explícitos ao atribuir este fato à considerável extensão de seu trabalho, o que os demoveu da intenção de analisá-lo integralmente no parecer. Ao apreciar o conjunto do texto, eles enfatizam que, a história da homeopatia no Brasil “será um verdadeiro monumento erigido á obra de Mure, J.V. Martins, Duque-Estrada, Meirelles, Murtinho, Licínio Cardoso, Dias da Cruz, e tantos mais...” (*Ibid.*, 1928, p. 262). O parecer, portanto, reconhece o mérito de Galhardo ao mapear e expressar, em seu texto, a atuação destas e outras figuras. Afirmam que “é um trabalho completo, que não deixa na sombra nenhum facto e onde todos são tratados com minucia. O prof. Galhardo corrige erros de data, esmiúça factos, restabelece a verdade de alguns pontos obscuros, é minucioso e exacto nas contribuições que faz” (*Ibid.*, 1928, p.263). Os autores são muito enfáticos ao exaltar a qualidade da obra de Galhardo. O parecer, elaborado por uma comissão homeopata, referenda *História da Homeopatia no Brasil* como um trabalho fundamental para a compreensão da trajetória da homeopatia brasileira entre as décadas de 1810 e 1920.

Está muito presente no parecer as discussões em torno da perseguição das ideias dos homeopatas promovidas pela alopatia. A reação, aparentemente, é um dos elementos constitutivos fundamentais da configuração que a homeopatia assume no Brasil, na busca pela legitimidade e pelo reconhecimento de sua eficiência, eficácia e estatuto científico. Outro aspecto que pode ser atribuído a tese de Galhardo, e é uma

visão sobre a qual os pareceristas mostram concordância, é o peso da atuação de Benoît Mure como grande responsável pela prosperidade da homeopatia no Brasil.

3 AS PRIMEIRAS DÉCADAS DA HOMEOPATIA BRASILEIRA SEGUNDO GALHARDO (1818-1854): PROPAGANDA, POLÊMICAS E ESCOLHAS.

“Devo, porém, como imparcial historiador, declarar, salientando mesmo, que até novembro de 1840, dois médicos, apenas, no Brasil, empregavam a homœopathia, os Drs. Duque-Estrada, brasileiro, e Emilio Germon, francez” (GALHARDO, 1928, p.279).

A primeira metade do século XIX é marcada por uma grande transformação no exercício das atividades terapêuticas no Brasil, com o avanço do processo de institucionalização da medicina e uma maior regulamentação do Estado em relação às artes de curar (PIMENTA, 2004). Foi nessa época que a homeopatia chegou ao país e conquistou seus primeiros adeptos (BERTUCCI, 2006; GALHARDO, 1928; LUZ, 2014; ROSEMBAUM, 2000; SILVEIRA, 1997).

Benoît Jules Mure (1809-1858) é o principal nome da homeopatia brasileira no século XIX, e talvez em toda a sua história, de acordo com a construção idealizada por José Emygdio Rodrigues Galhardo. O homeopata francês é retratado como um fervoroso defensor da doutrina hahnemanniana, utilizando todo tipo de artifícios para lograr os seus objetivos, sobretudo a elevação da homeopatia à condição de prática médica hegemônica, o que demandava necessariamente a derrota da alopatia.

Em sua tese, Galhardo abordou todo o período a partir das primeiras menções à doutrina hahnemanniana no Brasil, até o seu tempo presente, anos após a celebração do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia (GALHARDO, 1928). Não obstante, não é possível afirmar que o autor tenha abordado toda a história da homeopatia brasileira, pois nem todos os fatos, acontecimentos e personagens estão presentes em seu texto (WEBER, 2019).

A relevância atribuída à Mure, fortemente presente na historiografia brasileira, deve-se, em grande medida, à tese de José Emygdio Rodrigues Galhardo. O presente capítulo versará sobre a forma como o autor apresenta as primeiras décadas da homeopatia no Brasil, com ênfase para a construção da imagem de Benoît Mure como pioneiro da doutrina no país, com o auxílio do cirurgião português João Vicente Martins, muitas vezes inferiorizado no ponto de vista intelectual, mas reconhecido em seu empenho propagandístico. Disse Galhardo, em relação ao momento em que o homeopata francês parte rumo à Europa, em 1848:

O Dr. Mure, pelo grande numero de attributos que enfeixava em sua personalidade, pela dedicação e amor com que se entregava á propaganda homœopathica, era um homem insubstituivel. Não existia entre os partidários da homœopathia um que, sem sensível deficiência, pudesse desempenhar as funcções desempenhadas pelo Dr. Mure (GALHARDO, 1928, p.511).

O francês “partiu para não mais voltar, deixando vago um lugar que, somente 64 anos depois, em 1912, portanto, foi integralmente preenchido pelo Dr. Licinio Cardoso, depois dos trabalhos preparatórios de Saturnino Meirelles e Joaquim Murtinho (*Ibid.*, p. 511)”. Ou seja, todos os demais homeopatas que atuaram neste intervalo de tempo são considerados inferiores à Mure e Cardoso, embora Galhardo ressalte que, entre os dois está João Vicente Martins, que “não substituiu Mure de um modo integral, mas manteve a homœopathia no mesmo estado era que a deixara aquelle grande homœopatha” (*Ibid.*, p. 511).

Como já citei anteriormente, Galhardo realiza uma periodização da história da homeopatia brasileira, dividindo-a em cinco fases. Neste capítulo, serão abordadas as duas primeiras fases, com o objetivo de mapear quais aspectos o autor julgou mais relevantes e, portanto, dignos de serem imortalizados em uma obra que pretendia subsidiar os estudos posteriores sobre o tema, o que de fato ocorreu. Nesse intervalo de tempo, estão inseridas etapas muito incipientes, sem o desenvolvimento da prática sistemática da doutrina hahnemanniana, e fases de grande mobilização e de um intenso debate público entre praticantes e opositores da “nova medicina”.

3.1 A DOCTRINA DE HAHNEMANN ATRAVESSA O ATLÂNTICO: GALHARDO E A OPÇÃO POR BENOÎT MURE COMO INTRODUTOR DA HOMEOPATIA NO BRASIL.

Este período é marcado pelas primeiras citações sobre a homeopatia no país, anteriormente à chegada de Benoît Mure ao Brasil, data que delimita essa fase. São limitados os registros relativos a esta época. Embora dedique apenas nove páginas incompletas a essa fase, ela é mencionada em outras passagens do texto, em função da rivalidade que se estabelece entre homeopatas. Três homens reivindicavam a “paternidade” da homeopatia brasileira: Benoît Mure, Domingos de Azeredo Coutinho de Duque-Estrada e Emilio Germon (GALHARDO, 1928; TARCITANO FILHO, WAISSE, 2016; WAISSE, EKLÖF, 2019). No entanto, essa questão é complexa e deve ser problematizada, pois a intervenção de Galhardo enquanto historiador da homeopatia brasileira foi fundamental para a consolidação da figura de Mure como o introdutor da doutrina no país (TARCITANO FILHO, WAISSE, 2016)

É destacável o fato de que a primeira menção expressa à homeopatia no país tenha sido realizada de forma crítica, em um momento em que ainda não havia nenhum praticante, pelo menos de acordo com os registros históricos levantados em *História da Homeopatia no Brasil* (GALHARDO, 1928, p. 271). Trata-se de um texto escrito por Antonio Ferreira França, professor do Colégio Médico Cirúrgico da Bahia, e figura influente no seio de sua faculdade e da sociedade baiana entre o final do período colonial e os primeiros anos do Império (JACOBINA, 2008). Essa crítica, realizada internamente no Colégio, não teve repercussão (GALHARDO, 1928).

O autor demonstra surpresa ao constatar que, nos anos seguintes à manifestação de Ferreira França, a homeopatia não atraiu a atenção dos brasileiros. “Impressão alguma causaram os maravilhosos vaticínios anunciados pelos partidários do novo methodo therapeutico na Europa”, afirmou (*Ibid.*, 1928, p. 271). Ele atribui esse desinteresse às dificuldades de comunicação do país e o resto do mundo e ao estado “estacionário da sciencia” naquele momento. Nas primeiras décadas do Século XIX, a homeopatia estava dando os seus primeiros passos, a partir da publicação do *Organon*, em 1810, e da atuação de Samuel Hahnemann e dos seguidores que surgiam. E, concordando com a leitura de Galhardo, a circulação de ideias e pessoas entre Europa e América era lenta e difícil.

Exaltar figuras reconhecidas que se associaram à homeopatia ou que dela emitiram opinião positiva foi uma prática comum na história da homeopatia (SIGOLO, 1999). Em *História da Homeopatia no Brasil*, aparecem inúmeras referências a “conversões”, que consistiam majoritariamente em relatos de médicos alopatas que passaram a adotar a homeopatia como terapêutica. Nesse sentido, é possível afirmar que Galhardo realizou uma suposição. Afirma Galhardo existir um provável interesse na homeopatia de José Bonifácio de Andrada e Silva, influente figura no cenário político, social e cultural no período de transição da colônia ao Império do Brasil, que tem como objetivo conferir prestígio à homeopatia em solo brasileiro, em um momento em que ainda não havia nenhum indício de prática ou de reprodução das ideias hahnemannianas no país.

No *Manual Homœopathico*, Emilio Germon relatou a sua trajetória a partir de sua chegada ao Brasil em 1823. Em seguida, conheceu José Bonifácio, então ministro do Império, que lhe apresentou ao imperador Dom Pedro I. Segundo o seu relato, como médico, teria atendido a ambos. José Bonifácio teria estabelecido correspondência com Hahnemann. Emilio Germon realizou essa afirmação sem citar

a fonte. Galhardo, por sua vez, afirmou que não encontrou registros sobre essa correspondência (GALHARDO, 1928; GERMON, 1848). O contato entre ambos teria ocorrido, hipoteticamente, em função das pesquisas do ministro do Império sobre mineralogia, pois, nessa época, “Hahnemann era o maior químico do mundo e, por isso, sujeito a receber consultas sobre assumptos desta especialidade” (GALHARDO, 1928, p.272).

A seguinte referência à homeopatia no Brasil ocorreu, segundo Galhardo, na Revista de Medicina Fluminense, publicação da Academia Imperial de Medicina, cujo redator era o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, em uma série de artigos intitulada como “Doutrina Homœopathica”.

Estes artigos, o primeiro dos quaes era assignado por A.A, escriptos com o fim de afastar proselytos, não podiam angariar sympathias, como não angariaram, eivados de erros e impropriedades não admitidas pela Homœopathia e nelles calumniosamente apresentados como se fora a própria exposição da Doutrina Homeopathica (GALHARDO, 1928, p.273).

Eram publicações que apresentavam a homeopatia de forma negativa. Estes artigos, segundo o autor, não tiveram resposta porque não havia homeopatas no país naquele momento. Não há, também, manifestações de apoio a essas publicações (GALHARDO, 1928). Pode-se concluir que, até 1836, não há provas de que a “nova medicina” tenha sido praticada e tampouco foi emitida opinião positiva sobre ela.

No período entre 1836 e 1840, ocorreu a utilização da terapêutica homeopática por, pelo menos, dois médicos, além de uma tese na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Existia, portanto, homeopatia no Brasil antes da chegada de Benoît Mure para fundar o Falanstério do Saí. Em *História da Homeopatia no Brasil*, há um reconhecimento à contribuição de Jahn, Duque-Estrada e Germon à doutrina hahnemanniana no Brasil, fato que é mencionado igualmente por trabalhos que utilizaram a obra como fonte, como Luz (2014) e Rosenbaum (2000). Galhardo, no entanto, reitera diversas vezes que, apesar de terem utilizado a homeopatia antes da chegada de Benoît Mure e do início de seu proselitismo em favor da homeopatia, essas pessoas não podem ser consideradas como introdutores da doutrina no país. Galhardo contribuiu para aquilo que Tarcitano Filho e Waisse (2016) identificaram como a construção do mito do “herói introdutor” em torno de Mure. O mesmo ocorreu em diversos países nos quais chegou a doutrina hahnemanniana na primeira metade do século XIX (TARCITANO FILHO, WAISSE, 2016; WAISSE, EKLÖF, 2019).

Concorda-se com Tarcitano Filho (2013) quanto à necessidade de revisão da figura do introdutor, no sentido de buscar identificar quais outras pessoas contribuíram no processo de disseminação da prática homeopática. Sem embargo, é pertinente remarcar que Benoît Jules Mure atuou de forma intensa para a difusão da doutrina hahnemanniana no Brasil, deixando um grande legado documental que permite visualizar a extensa propaganda homeopática que empreendeu ao lado de João Vicente Martins, bem como a constituição de diversas instituições homeopáticas, consultórios e enfermarias. Entretanto, com base nas fontes históricas, entre as quais está a tese de José Galhardo, não é possível afirmar que Mure tenha sido o primeiro homeopata do Brasil ou o único introdutor. Neste ponto, é pertinente a análise mais minuciosa da trajetória destes outros homeopatas e as discussões estabelecidas na época, bem como a análise galhardiana.

Frederico Emilio Jahn nasceu em Douanne e fez seus primeiros estudos em Berna, na Suíça. Posteriormente, iniciou seus estudos universitários na Universidade de Leipzig²⁰, na Saxônia, transferindo-se para o Rio de Janeiro, formando-se em Medicina em 1836, com a apresentação de sua tese sobre a homeopatia (GALHARDO, 1928; BRAZIL, 1835).

Demorei minha atenção sobre grande parte do que escrevera o Dr. Frederico Emilio Jahn e, por isso, posso afirmar que de facto é uma perfunctória exposição da doutrina homeopathica; sufficiente, porém, para dar uma perfeita idéa da nova medicina, como pretendia o seu autor". (p.274).

Galhardo não obteve informações sobre como o trabalho foi recebido pela Faculdade de Medicina, mas reconhece que, de fato, versa sobre a homeopatia, ainda que de forma superficial (GALHARDO, 1928). O texto produzido por Frederico Emilio Jahn é pouco extenso, contando com apenas trinta e seis páginas. Foi apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1836. Neste mesmo ano, foi realizada a sua publicação pela Typographia de R. Ogier & C²¹.

Em sua tese, o médico suíço faz uma apresentação geral da doutrina hahnemanniana. Na introdução, explica o princípio da cura pelos semelhantes desenvolvido por Hahnemann (JAHN, 1836, p.5-8). Posteriormente, inicia a sua exposição sobre a "Pathologia homœopathica", utilizando as categorias das antigas

²⁰ Frederico Jahn deixou a Universidade de Leipzig em dezembro de 1830. Segundo o médico suíço, a causa dessa saída foram "movimentos políticos", os quais não especifica (BRAZIL, 1835).

²¹ Pertencia ao tipógrafo francês René Ogier, responsável pela publicação de diversos jornais e do *Manual de typographia braziliense*, em 1832 (GODOI, 2014; LUSTOSA, 2015).

escolas para facilitar a compreensão das diferenças entre elas e a nova doutrina. São elas: *Nosologia; Etiologia; Symptomatologia; Therapeutica Homœopathica e Aplicação dos medicamentos*. No final, apresenta citações, em latim, de *Aforismos de Hipócrates*, além de uma lista de erratas, com a correção de redação de alguns termos (JAHN, 1836, p. 9-38).

Galhardo afirma que o Dr. Mure contestou os conhecimentos homeopáticos de Jahn, pois, segundo o francês, o médico suíço “fez algumas aplicações que ele julgava homœopathia” e “administrava somente substancias puras, reduzidas a pó e em doses massiças” (MURE apud GALHARDO, 1928, p.274). José Maria de Noronha Feital, em *Memória da Homœopathia* apresentada à Academia Imperial de Medicina em 1946, afirmou que Jahn não aplicou a homeopatia como médico, apenas escreveu sobre ela (*Ibid.* 1928, p.274). Galhardo afirma que: “a these escripta e defendida pelo Dr. Frederico Emilio Jahn não revela esse aspecto de aplicação de que fala o Dr. Mure, parecendo, ao contrário, um homeopatha cuidadoso (*Ibid.*, p.274).” De fato, na tese não há registros da aplicação da homeopatia por parte de seu autor.

Domingos de Azeredo Coutinho de Duque-Estrada teve contato com a homeopatia através do Dr. Jahn e de livros por ele emprestados em 1836 e iniciou o uso da homeopatia em 1840 (GALHARDO, 1928). Praticou a doutrina durante muitos anos, estabelecendo diversas divergências com o grupo relacionado à Mure e Martins (GALHARDO, 1928). Foi o preceptor de uma das principais figuras da homeopatia na transição da Monarquia à República, que foi Joaquim Murtinho. Ambos adotariam um “pragmatismo oportunista” em sua trajetória profissional, adotando posturas diversas em função dos interesses do momento (FARIA, 1994).

Sobre o início de sua adesão à homeopatia, Duque-Estrada fez a seguinte reflexão:

Meus primeiros ensaios que tiveram começo em 1840, tendo sido mui felizes, meu ardor so tornou tal, que pouco tempo depois, eu tinha assaz confiança em meus novos remédios, para empregal-os neste ou naquelle caso em que me falhavam os meios da allopathia: desgraçadamente o povo temia esses remédios, e por muitas vezes para empregal-os eu usei do engano, e por minha honra juro, que nunca tive occasião de arrepende-me de o haver feito (DUQUE-ESTRADA apud GALHARDO, 1928, p. 275).²²

²² Galhardo não cita a fonte desta declaração de Duque-Estrada.

Duque-Estrada reconhece que usou a homeopatia, inicialmente, nos casos em que a alopatia falhava. Neste ponto, fica evidente que, para Galhardo, esse uso eclético da terapêutica pouco contribuía para a sua difusão:

Neste primeiro período da Homœopathia na Terra de Santa Cruz, as manifestações pró e contra á nova doutrina não conseguiram despertar o interesse do povo, que pouco ou nenhum crédito lhe dava, apesar dos optimos resultados colhidos por alguns praticantes da nova sciencia, como os Drs. Duque-Estrada e Emilio Germon. O próprio Dr. Duque-Estrada ainda não possuía uma convicção firme e invacillavel sobre a nova therapeutica e o Dr. Germon era, como o seu collega, um eclético (GALHARDO, 1928, p. 276).

Ainda, sobre o uso eclético de diferentes terapêuticas, Galhardo afirma:

Quem assim procedia não era homeopatha, ainda, embora revelasse optima disposição para ser, como posteriormente o foi. Vacillava, na duvida em que vivia, utilizando-se de uma ou de outra therapeutica, sem confiança por conseguinte em nenhuma dellas. Se quando lhe falhavam os meios da allopathia empregava os da homœopathia, licito é admitir que o contrario também se daria. Não posso, portanto, affirmar que o Dr. Duque-Estrada já fosse um medico em 1840. Nessa época ensaiava a nova doutrina, mas ainda lhe ignorava as virtudes e, por isso, não tinha certeza em seu valor, nem conhecimentos para se privar de seus embaraços (GALHARDO, 1928, p. 278-279).

Neste trecho, verifica-se uma interpretação claramente negativa sobre as atividades do Dr. Duque-Estrada. Afirma que, na dúvida entre duas terapêuticas, não tem confiança em nenhuma delas. Rejeita-se, portanto, qualquer possibilidade de associação entre alopatia e homeopatia. O grupo de Mure e Martins defendia uma visão ortodoxa da doutrina, com o entendimento de que apenas os preceitos e indicações de Samuel Hahnemann deveriam compor a prática homeopática. O unicismo, que defendia o uso de um medicamento por vez para cada paciente, aproxima-se da ortodoxia homeopática. O pluralismo, por sua vez, entende que podem ser utilizados dois ou mais medicamentos de forma simultânea. Homeopatas ortodoxos rejeitavam a associação com qualquer outra prática diferente da homeopatia (LUZ, 2014; SIGOLO, 1999). Galhardo, nesse sentido, era unicista (1928, p.806) e ortodoxo, o que pode ser concluído a partir da interpretação a respeito das posturas que explicita em seu texto.

A propaganda homeopática era requisito fundamental para um bom e útil homeopata, segundo a ótica galhardiana, o que fica evidente no trecho em destaque.

Não conseguiram estes médicos em sua imperfeita e limitada propaganda conquistar proselytos, e assim devia suceder, pois a ausência de um perfeito

conhecimento da doutrina e de uma pratica quotidiana e ampla não lhes facultavam sufficientes recursos para se imporem aos que lhe negavam credito. Não podemos chamar propagandistas a estes médicos, nessa época. **Faltava-lhes a fé invacillavel do propagandista, imprescindível requisito para convencer e impor idéas**²³ (p. 276).

Mais uma vez, fica reforçada a importância da propaganda homeopática, pois era fundamental, além de apenas usar a homeopatia, conquistar novos adeptos às suas filas. Como *História da Homeopatia no Brasil* comprova, através do farto acervo documental que expõe, as atividades propagandísticas de Benoît Mure e João Vicente Martins são muito mais intensas do que todos os demais contemporâneos aos “campeões da homeopatia”.

Foi o Dr. Duque-Estrada o primeiro brasileiro que applicou a homœopathia em nosso paiz, embora não lhe possam caber as honras da inicial propaganda, de introductor da medicina de Hahnemann no Brasil. Isto, porém, não lhe diminue o valor. Foi um dos bons apóstolos da propaganda homeopathica, comquanto sua opposição systematica o mantivesse divorciado da maioria de seus collegas” (GALHARDO, 1928, p.275).

Neste trecho, é possível identificar duas questões. A primeira é a reafirmação de que, embora tenha sido o primeiro médico a aplicar a homeopatia no país, não pode ser considerado como introdutor porque não fez, naquele momento, propaganda. A segunda questão gira em torno das discordâncias de Duque-Estrada com a “maioria de seus colegas”, ou seja, de Benoît Mure, João Vicente Martins e o seu grupo. Portanto, mesmo que reconheça os seus méritos, é taxativo em suas críticas:

O valor do Dr. Duque-Estrada, cuja memoria o presente historiador não deixara esquecer, será, de quando em vez, em seu oportuno lugar, apontado aos leitores que, se interessando pela homœopathia, lhe derem a honra de ler esta historia da doutrina de Hahnemann no Brasil. Não esquecerei também de apontar suas fraquezas, nocivas, aliás, por vezes, á propaganda homeopathica (GALHARDO, 1928, p.278).

Fica evidente a intencionalidade de José Galhardo no sentido de minimizar o papel desempenhado por Domingos Duque-Estrada e, assim, influenciar a percepção dos leitores de sua tese acerca desse personagem e de sua trajetória. A sua atuação, assim como a de Emilio Germon, embora digna de registro e reconhecimento, seria inferior em importância. Entende-se que a crítica de Galhardo está relacionada à sua visão ortodoxa sobre a homeopatia, que o aproxima de Mure e Martins. Essa

²³ Grifo meu.

concordância é uma explicação possível para a escolha realizada por Galhardo no tocante à figura de introdutor da doutrina hahnemanniana. As divergências entre Duque-Estrada, Germon e Mure estão relacionadas, além da disputa pela paternidade da homeopatia brasileira, à disputa pelo controle do Instituto Homeopático Brasileiro enquanto órgão produtor e reproduzidor do saber homeopático. O entendimento sobre a forma como a homeopatia deveria ser ensinada também era um elemento desta contenda (LUZ, 2014).

Sobre Germon, em oportunidade na qual reivindicou para si a condição de introdutor da homeopatia no Brasil, Galhardo afirmou:

Ora, como mostrei em pontos vários desta historia, o Dr. Emilio Germon não foi o introductor da homœopathia no Brasil, nem foi o primeiro que della se occupou entre nós. Ter sido discípulo de Hahnemann é um facto controverso, no qual as provas colhidas e por mim expostas negam esse attributo. São provas colhidas nos escriptos do próprio Dr. Emilio Germon (GALHARDO, 1928, p. 374).

O nome de Emilio Germon é citado poucas vezes por Galhardo, considerando a extensão de seu texto e os episódios narrados. Seu nome aparece sessenta e três vezes no corpo do texto, e majoritariamente é citado em passagens acerca da disputa sobre o pioneirismo da prática homeopática no Brasil. Galhardo é enfático, em diversas passagens, no sentido de questionar o papel exercido e reivindicado em vida por Germon. O seguinte trecho, dentro do subtítulo “*Cabe ao Dr. Mure a introdução da homœopathia no Brasil*”, é contundente:

Já tive oportunidade de provar que Hahnemann chegou á Paris em 1835, no dia 25 de junho. Não podia, portanto, o Dr. Emilio Germon ter estado, em companhia de Sylvestre Pinheiro Ferreira, na residência de Hahnemann, em 1834. São erros creados pelo Dr. Emilio Germon afim de se passar por introductor da homœopathia no Brasil. Foi homœopatha e de grande mérito, rendo-lhe homenagens que jamais tivera; mas o mérito que deseja não lhe pertence. Este cabe ao Dr. Bento Mure e não é possível a outro ser concedido, embora outros muitos o pretendam (GALHARDO, 1928, p. 371).

Galhardo acusa expressamente Germon de “criar erros” sobre a sua própria trajetória, ou seja, *mentiras*. Ao mesmo tempo que reconhece os méritos de sua atuação, afirma que este reivindica um papel que é de Benoît Mure.

Pelo Jornal do Commercio de 12 de dezembro de 1846, o Dr. Emilio Germon insere a declaração seguinte: "Sr. Redactor. Como o publico pôde facilmente ser enganado em alguns artigos de propósito insertos nos periódicos, declaro formalmente que fui eu o primeiro que, na qualidade de discípulo de

Hahnemann introduzi o systema homœopathico no Brasil. Esta declaração já estampada no meu Manual Homœopathico, é feita, não por ostentação, mas sim com o único fim de fazer conhecer a verdade” (p.375).

O *Manual Homœopathico* de Emilio Germon, acessado em sua segunda edição, datada de 1848 e editada por Eduardo e Henrique Laenmert, é uma extensa exposição sobre a doutrina homeopática e, também, sobre a trajetória de seu autor até aquele momento. Reivindica-se enquanto homeopata, discípulo de Hahnemann, que teria conhecido em Paris. Ressalta, entre os seus logros, o reconhecimento conferido pelo *Maire* (prefeito) de Marselha, por sua atuação no combate a uma epidemia de cholera morbus na cidade francesa, em 1836 (GERMON, 1848).

Aborda, também, a sua relação com o Brasil, país em que esteve inicialmente no ano de 1823 e realizou uma viagem científica. Nesta oportunidade, teria conhecido e estabelecido amizade com José Bonifácio de Andrada e Silva, sobre o qual fez considerações de sua hipotética vinculação com a homeopatia, já referida anteriormente neste trabalho (GERMON, 1848).

Germon, em seu manual, aborda uma polêmica que também é contemplada por Galhardo, e que atesta a má relação existente entre os dois homeopatas franceses, que foi a criação do Instituto Homeopático do Brasil, objeto de uma discussão mais extensa na sequência deste trabalho. Germon afirma que, em 1844, quando Mure abandonou os “miseráveis colonos, desgraçados phalensterianos nos pantanos do Sahy”, ele já exercia a homeopatia e já havia escrito o seu manual, em 1843, o qual ofereceu a “alguns médicos” que praticavam a doutrina no Rio de Janeiro (GERMON, 1848, p. 11).

Emilio Germon continuou a exercer a homeopatia e fez atividades propagandísticas na imprensa, em quantidade muito menor do que seu compatriota Mure (GALHARDO, 1928). Não renunciava à sua reivindicação de pioneiro da homeopatia, tampouco o fazia o Dr. Domingos Duque-Estrada.

Galhardo, mais uma vez, defende a figura de Benoît Mure.

Como terá o leitor anteriormente lido nesta historia os Drs. Emilio Germon, francez, e Domingos de Azeredo Coutinho de Duque-Estrada, brasileiro, disputavam ao Dr. Mure a gloria do ser o introductor da homœopathia no Brasil. Como terá verificado o Dr. Mure, até então nenhuma resposta dera a nenhum dos dois, preferindo que os factos, evidentes como eram, demonstrassem onde se achava o introductor e propagandista da doutrina de Samuel Hahnemann no Brasil. Os acontecimentos, porém, mudaram as circumstancias, creando uma situação que forçou a palavra do Dr. Mure.”

Essa manifestação de Benoît Mure ocorreu em meio a uma forte polêmica, que foi a fundação da Academia Medico-Homœopathica, o que configurava um cisma entre homeopatas. Duque-Estrada trouxe à público três correspondências escritas por Mure, nas quais este exaltava a sua figura, chegando a incluir na terceira delas, datada de 12 de fevereiro de 1844, a seguinte citação em latim: “Illmo. Doctori Dominico de Azeredo Coutinho de Duque-Estrada, primo evangellii medici, inter medicos Brazillicos cultori, doctrinœ Hahnemannianœ accerrimo defensori, tenue illud sua amicitice pignus illius collaborator offerebat”.²⁴

Mure nega que as suas cartas sejam um reconhecimento à Duque-Estrada e seu pioneirismo. Em resposta, intitulada como *Genesis homœopathica*, afirma que:

Receia muito o Sr. Dr. Duque-Estrada que eu me ufane de ficar ornado com as galas da victoria e não me quer deixar esta satisfação. Engana-se muito o Sr. doutor a nosso respeito. Das lutas com os homœopathas não resulta para mim nenhum sentimento de satisfação, mas sim uma profunda tristeza por vêr esperdiçar em lutas intestinas os esforços que deviam ser empregados contra o inimigo commum e isto é tão verdadeiro que eu não quiz ultimamente discutir esta questão de prioridade, que tanto occupa o Sr. Dr. Duque-Estrada, e deixei-lhe a liberdade de affagar esta illusão tão cara a seu coração (MURE apud GALHARDO, 1928, p.500-501).

Mure busca, da seguinte forma, explicar como os fatos ocorreram, colocando em dúvida as atividades de Duque-Estrada.

Hoje volta á carga o Sr. Dr. Duque-Estrada e reproduz duas cartas minhas nas quaes eu solicitava a sua cooperação para propagar a homœopathia, e uma datada da colônia do Sahy em resposta a uma consulta. Todas estas cartas são datadas de fim de 1843 e do principio de 1844, e concludo dellas o meu collega que na rainha volta da colônia do Sahy ou o achei exercendo a homceopathia no Brasil. Isto é uma verdade que nunca neguei. Mas é um erro suppôr que eu cheguei ao Brasil era 1843. A minha chegada ao Brasil teve lugar no mez do novembro de 1840, e desde então principiei meus trabalhos de propagação. Nesta época não achei vestigio nenhum da doutrina de Hahnemann, nem ouvi falar dos trabalhos do Sr. Dr. Duque-Estrada. Devo accrescentar a isto, para honra da verdade, que antes do meu collega muitos médicos se converteram á doutrina de Hahnemann. O primeiro que devo notar é o illustre Souto Amaral, que eu acompanhei muitas vezes quando elle ia visitar os seus dœntes pobres, e que teria sido uma gloria de nossa escola se a morte não o tivesse roubado á minha amizade e à sciencia. O segundo é o Dr. Thomaz da Silveira, de Santa Catharina, que abraçou a homœopathia na minha primeira visita a esta província em 1841 e que desde esta época a praticou com a maior felicidade. O terceiro foi o Dr. Lisboa que, ainda muito indeciso, se resolveu a instâncias minhas, a voltar para o Brasil

²⁴ “Ilmo. Doutor Domingos de Azeredo Coutinho Duque-Estrada. Primeiro médico do evangelho, entre os médicos Brasileiros, acérrimo defensor da doutrina hahnemanniana, seu colaborador oferece ao amigo esta pequena oferta de amizade”. Tradução realizada por Joice Pereira Soares, em 22 de janeiro de 2022. Mure, em resposta à Duque-Estrada, minimiza a relevância desta dedicatória (GALHARDO, 1928)

a estudar a homœopathia. da qual elle tinha estudado a pratica no meu instituto de Paris. O quanto foi o Dr. Gama e Castro, o qual conhecia theoreticamente a homœopathia, mas foi convertido á pratica della por curativos meus, que elle presenciou. Certo é também que os Sr. J. V. Martins o Dr. Moura praticaram a homœopathia pura antes do Dr. Duque-Estrada que ainda exercia a allopathia durante o primeiro semestre de 1844; mas não quero accumular citações que abalam cada vez mais a asserção do meu collega (MURE apud GALHARDO, 1928, p.501).

Na sequência, veemente em sua oposição a Duque-Estrada, Mure aborda a dedicatória em latim citada anteriormente, escrita em um pequeno livro que obsequiou ao médico, privando-a de maior relevância:

Custa-me acreditar que se queira apresentar, como um documento histórico, uma destas ligeiras improvizações que um autor escreve nas primeiras folhas de sua obra, e que são antes uma formula de civilidade do que de qualquer outra causa. Comtudo não vejo nada na minha dedicatoria que eu seja obrigado a retractar. Ao contrario ahi acho a prova mais clara de que a prioridade, reclamada hoje pelo meu collega, não era reconhecida por mim tua 1844. Se eu tivesse querido dizer que o Dr. Duque-Estrada tinha abraçado primeiro a homœopathia no Brasil, eu certamente teria redigido a minha phrase da fôrma seguinte: *Primo medicorum Brazilicorum homœopathiœ faventium*, etc; mas dizendo *primo inter médicos*, eu unicamente reconhecia o Dr. Duque-Estrada, como o primeiro pela illustração, pelo saber, mas nunca pelo tempo (MURE apud GALHARDO, 1928, p.501-502).²⁵

Mure, neste texto, desacredita a atuação de Duque-Estrada como homeopata de forma veemente. É destacável a menção explícita à homeopatia pura. Isto é, a interpretação de que ser homeopata é utilizar apenas a doutrina hahnemanniana. Esta visão é apropriada por Galhardo na abordagem que realiza deste tema. É pertinente remarcar que, nem em tempos de Hahnemann, havia unanimidade quanto aos princípios e formas de aplicação da homeopatia (TARCITANO FILHO, WAISSE, 2016).

Emilio Germon e Domingos de Azeredo Coutinho Duque-Estrada continuaram a exercer a homeopatia durante vários anos, realizando publicações na imprensa e participando de instituições homeopáticas – especialmente o segundo. Frederico Jahn, por sua vez, não deixou mais registros de sua adesão à homeopatia para além de sua tese de 1836 (GALHARDO, 1928).

Em suma, a opção por Benoît Mure como introdutor da homeopatia no Brasil foi influenciada fortemente pela leitura de Galhardo. Essa leitura, por sua vez, está vinculada a uma determinada visão sobre a homeopatia, isto é, como uma ciência

²⁵ “Primo medicorum Brazilicorum homœopœopathiœ faventium”: primeiro médico brasileiro a favor da homeopatia. Tradução própria.

médica autônoma e concorrente à alopatia. Outrossim, percebe-se uma forte rejeição, para Galhardo, quanto ao ecletismo de doutrinas, isto é, a utilização de recursos da alopatia e da homeopatia de forma simultânea. A conversão à doutrina hahnemanniana, segundo essa ótica, deveria ser convicta e completa.

Galhardo, em seu texto, empreendeu o esforço de invenção de uma tradição em torno da figura do “introdutor” da homeopatia no Brasil. O autor teve acesso à documentos que comprovam que os dois candidatos “derrotados” – Duque-Estrada e Germon – efetivamente aplicaram a homeopatia no país antes de 1840, e essa documentação é citada no texto. A discussão sobre a introdução da homeopatia está presente em várias partes de *História da Homeopatia no Brasil*, como já explicitado neste capítulo. Pode-se afirmar que Galhardo sentenciou o pioneirismo de Benoît Mure como introdutor da homeopatia no Brasil em função da sua interpretação sobre os acontecimentos. As fontes que o próprio autor apresenta em sua obra indicam a disputa em relação à esta condição. Entende-se que essa escolha é explicada pelas concepções de homeopatia defendidas por Galhardo, isto é, uma perspectiva ortodoxa e unicista, que vai de encontro à prática de Duque-Estrada e Germon, pelo menos nos anos anteriores à 1840. A propaganda homeopática, como já abordado neste trabalho, também é um dos aspectos escolhidos pelo autor em sua construção idealizada da imagem de Mure (HOBBSAWM, 2008; TARCITANO FILHO, WAISSE, 2016; WAISSE, EKLÖF, 2019).

Pode-se afirmar que a construção dessa tradição – o “mito” Mure – responde à defesa de visão ortodoxa sobre a homeopatia, que foi compartilhada pelos protagonistas que se seguiram nas décadas seguintes, entre os quais está José Galhardo. No entanto, especialmente a partir da fundação do Instituto Hahnemanniano Fluminense (IHF) na década de 1870, posteriormente convertido no atual IHB, as estratégias adotadas por uma parte dos homeopatas brasileiros rumaram em direção à uma homeopatia “científica”, institucionalizada e oficializada enquanto prática de cura. Para Mure, Martins e os homeopatas afins às suas ideias, a homeopatia deveria estar ao alcance de todos que desejassem conhecê-la, através de livros, manuais e da propaganda nos jornais e revistas (LUZ, 2014; SIGOLO, 1999; TARCITANO FILHO, WAISSE, 2016). Essa tendência oposta à institucionalização teria durado até 1859, com a fundação do primeiro Instituto Hahnemanniano do Brasil (LUZ, 2014).

Considerando estes aspectos, concorda-se com Tarcitano Filho e Waisse (2016) e Waisse e Eklöf (2019), no sentido de que os três autoproclamados introdutores da homeopatia no Brasil – Mure, Germon e Duque-Estrada – são relevantes, e o mérito do desenvolvimento homeopático brasileiro não pode ser atribuído de forma exclusiva a nenhum deles. Concordo com Tarcitano Filho e Waisse (2016), que identificam três papéis diferentes aos três homeopatas: “Germon principalmente como autor, Mure como propagador popular, e Duque Estrada na interface com as instituições médicas oficiais” (2016, p.793). É necessário, também, reconhecer a relevância da primeira tese sobre a homeopatia no Brasil, de Frederico Jahn, como primeiro trabalho favorável à doutrina no país.

3.2 O AGITADO SEGUNDO PERÍODO (1840 A 1854) E SEUS PROTAGONISTAS

O período compreendido entre a chegada de Benoît Mure ao Brasil, com o objetivo de fundar o Falanstério ou Colônia Industrial do Saí, e a morte de João Vicente Martins, foi marcado pela criação e estruturação das primeiras instituições homeopáticas do país, e pela constituição de um movimento homeopático (GALHARDO, 1928; LUZ, 2014). Naqueles anos, a expansão da homeopatia foi pautada pelo uso intenso da imprensa como forma de propagação de ideias e, sobretudo, para estabelecer uma série de polêmicas – termo abundantemente utilizado por Galhardo – contra os “inimigos” da homeopatia. A oposição sistemática à alopatia era a tônica dos textos publicados pela dupla supracitada, mas também havia lugar para as controvérsias entre homeopatas.

História da Homeopatia no Brasil é, em grande medida, pautada pelas ações, opiniões e direcionamentos adotados por Benoît Jules Mure e João Vicente Martins, entre as décadas de 1840 e 1850. A dupla realiza um extenso trabalho de propaganda, buscando a conversão de novos praticantes – sobretudo médicos – com uma prática impregnada pelo imaginário religioso, então cristão e católico (SIGOLO, 1999). Mure e Martins se envolveram em diversos debates e publicaram na imprensa sobre os mais variados temas. Em geral, defendiam as inúmeras vantagens da homeopatia em relação à sua rival, a alopatia, ressaltando os casos de sucesso da aplicação da terapêutica e a adesão de novos homeopatas. O Instituto Homeopático do Brasil formado por ambos contribuiu para a expansão da homeopatia para outros países da América Latina (TARCITANO FILHO, 2013; TARCITANO FILHO, WAISSE; 2016).

Benoît Jules Mure, francês nascido em Lyon no ano de 1809 e falecido em 1858, na cidade do Cairo, no Egito, foi uma pessoa com uma trajetória eclética, transitando por diversas áreas do conhecimento e por países diferentes. Esteve no Brasil entre 1840 e 1848, período no qual se envolveu em diversas polêmicas e no qual, apesar do fracasso da iniciativa que o trouxe ao país – a fundação da Colônia do Saí, no atual município de São Francisco do Sul (SC) -, converteu-se em uma figura relevante para a nascente homeopatia brasileira.

Mure era um intelectual cujo pensamento estava composto por correntes muito diversas, como a concepção religiosa de Swedenborg, a proposta de ensino universal de Jacotot, o socialismo utópico de Fourier e a homeopatia de Hahnemann (CRUZ, 2018; GALLO, 2013).

Benoît Mure atuava em várias áreas diferentes ao mesmo tempo. Entender esse ecletismo é fundamental para elucidar a sua trajetória.

Benoît Mure foi durante a sua vida médico, engenheiro, inventor, editor, pensador político e poeta. Aliás, via com naturalidade que um homem pudesse ser sapateiro e intelectual ao mesmo tempo. Pretendeu realizar uma dupla reforma, médica e social, por acreditar ser possível a construção de uma sociedade harmoniosa em que finalmente se atingiria a igualdade entre os homens (CRUZ, 2018, p.45).

O sueco Emmanuel Swedenborg (1688-1772) teve duas fases principais em sua atividade intelectual. A primeira, dedicada à diversos temas científicos, e a segunda, após uma “chamada divina”, foi voltada para a divulgação das “sagradas escrituras” (GONDIM, 2020, p.18).

O pensamento de Swedenborg tem Deus como centro de toda atividade do mundo. Deus designa todos os seres vivos, em contraposição; o nada. Pode-se definir o Ser Supremo como sendo a bondade, a verdade e a realidade mesma. Os seres vivos, por sua vez, só possuem tais características através de Deus. Ele é a origem de tudo. Dele surge e flui a vida de todas as espécies de seres vivos, desde os unicelulares até os homens. As ações destes têm como causa o estímulo divino. O homem, que tenta ser independente, age mal. Os seres finitos têm uma realidade superior. A atividade divina expande-se em três reinos: celestial, espiritual e natural (*Ibid.*, 2020, p.19).

No entanto, para além desses elementos que estão mais próximos do cristianismo, Swedenborg adiciona questões como a crença na existência de um mundo espiritual, bem como em um conjunto de experiências místicas. Essa forma de pensamento influenciou as correntes espiritualistas que surgiram no século XIX, como o espiritismo de Allan Kardec (WEBER, LINS, 2016). Nos escritos de Mure apresentados por Galhardo, não há menções diretas às ideias de Swedenborg.

Joseph Jacotot (1770-1840) foi um pedagogo francês, criador da filosofia panecástica, baseada na “busca o todo da inteligência humana em cada manifestação intelectual, afirmando que todas as inteligências são iguais” (CRUZ, 2018, p.15), e do método de ensino universal. Esta formulação, elaborada em 1818, está baseada no pensamento filosófico de seu autor, que acreditava que qualquer pessoa pode aprender o que desejasse, sem a necessidade de um mestre explicador. Está relacionada à ideia de emancipação intelectual (*Ibid.*, 2018). Segundo este método, “o mestre não precisa saber necessariamente do conteúdo em sua forma complexa, mas deve saber desenvolver recursos para o acompanhamento do discurso do aluno” (GODÓI, *et.al.*, 2016, p.105).

Benoît Mure foi um ativo militante em favor do ensino universal. Em 3 de maio de 1847, em Sessão do Instituto Homeopático, anunciou a criação do Instituto Panecástico do Brasil (GALHARDO, 1928, p.401). Segundo o homeopata francês, o “Instituto tem por fim propagar os princípios da emancipação intellectual do immortal Jacotot, e substituir á autoridade e ao pedantismo os direitos da razão humana” (MURE apud GALHARDO, 1928, p. 401). Após transcrever um texto de autoria de Edmundo Ackermann, diplomado pela Escola Homeopática do Brasil, Galhardo afirma que realizou a exposição do método Jacotot porque este teria sido aplicado naquela instituição, “onde os alumnos do segundo anno ensinavam aos do primeiro e os do terceiro aos do segundo anno” (GALHARDO, 1928, p. 404).

A aplicação das ideias de Jacotot no Instituto Homeopático do Brasil foi utilizada por Domingos Duque-Estrada para criticar à Mure, em texto publicado no *Jornal da Academia Medico-Homœopathica do Brasil*, em 1848:

[...] Tudo pode ser neste mundo... os annos do Sr. Mure são contados por outra maneira, que não a vulgar: pode mesmo existir a regularidade de estudos dando cada lente duas ou tres lições durante o anno, e ahi então o Sr. Cochrane que fez 2 ou 3 lições da materia que professava, o Sr. Bento Martins que fez o seu curso com uma só lição &c... e os Srs. Duarte Moreira, Moura e Figueiredo que digão quantos fizeram. Verdade é que bastaria cada lente dizer do alto de sua cadeira – está aberto o curso de Chymica, o curso de tal, de tal &c., porque depois os mesmos alumnos segundo o methodo de Jacotot farião o resto. E´ um methodo maravilhoso este de Jacotot, porém desgraçadamente estas maravilhas só tem logar neste Brasil! (DUQUE-ESTRADA apud CRUZ, 2018, p.87).

Segundo Cruz (2018), a adoção do método Jacotot pelos lentes da Escola Homeopática indica a influência das ideias defendidas por Mure entre os seus pares e o seu trabalho de divulgação do ensino universal. No entanto, a autora não

encontrou indícios do funcionamento do Instituto Panecástico (CRUZ, 2018, p.87). Foi o ideal de construção de uma sociedade perfeita que trouxe Mure ao país, para a fundação de um falanstério, concebido de acordo com as ideias de Charles Fourier, um dos pensadores definidos por Marx e Engels como “socialista utópico”, ao lado de nomes como Saint-Simon e Robert Owen. O uso do termo utópico, neste caso, tem caráter pejorativo (BARROS, 2011; CRUZ, 2018; SILVA, 2007).

O modelo de sociedade ideal fourierista estava baseada na criação de comunidades conhecidas como falanges, com aproximadamente mil e quinhentos habitantes, que teriam em seu centro o falanstério, um edifício comum no qual todos viveriam harmoniosamente, com o rompimento espontâneo de “formações sociais rudimentares, como a família monogâmica” (BARROS, 2011, p. 247).

Em termos de busca de maior Igualdade e Justiça Social, a proposta de Fourier era sinceramente dedicada à possibilidade de minimizar a Desigualdade, mas ele admitia que haveria diferenças entre os habitantes do Falanstério. O dinheiro e a propriedade privada, por exemplo, não seriam suprimidos – apesar de que, na vida “societária” e saudável do Falanstério, purificada dos padrões de egoísmo e individualismo que até então haviam caracterizado a sociedade dita “civilizada”, nem o dinheiro nem a Propriedade teriam quaisquer dos efeitos danosos do sistema de opressão econômica. Por outro lado, como modelo de redistribuição da riqueza, previa-se que esta seria orientada de acordo com a qualidade do Trabalho produzido por cada um – o que justificaria as diferenças em termos justos (*Ibid.*, 2011, p.250).

A transformação da sociedade propulsada por Fourier se daria de forma pacífica, sem contemplar o conceito de luta de classes (BARROS, 2011; CRUZ, 2018; SILVA, 2007). Neste trabalho, não será dada maior atenção ao fourierismo e à efêmera colônia francesa fundada por Mure, e sim à abordagem de Galhardo relacionada a esta iniciativa. No entanto, é pertinente remarcar a importância que o pensamento socialista e a concepção de ensino universal tiveram na forma como o homeopata francês desenvolveu as suas atividades durante a sua permanência no Brasil (1840-1848).

Tratando com relativo desenvolvimento, como tratei, da colônia do Sahy, assumpto que parecerá estranho á Historia da Homœopathia no Brasil, tenho em vista salientar que o Dr. Mure quando veio ao nosso paiz não tencionava fazer a propaganda homeopathica, da qual fora origem o fracasso que experimentára no auspicioso e vaticinado desenvolvimento da colônia, onde, como confessa o proprio Dr. Mure, perdera tudo o que possuía. A Colônia do Sahy, portanto, está intimamente ligada á História da Homœopathia no Brasil, como passo a demonstrar. Nella foram instalados o 1º Instituto Homeopathico e a 1ª Escola Homeopathica do Brasil” (GALHARDO, 1928, p.281-282).

Mure, como afirma Galhardo, não tinha como principal objetivo de sua vinda ao país a propaganda homeopática. Porém, o historiador relata que as primeiras conversões realizadas pelo francês ocorreram em 1840, antes de partir para Santa Catarina para escolher as terras onde a colônia seria edificada, bem como os seus primeiros atendimentos clínicos, no Rio de Janeiro. Enquanto estava no Saí, foram publicados os primeiros artigos em defesa da homeopatia na imprensa brasileira, em dezembro de 1840. Segundo Galhardo, embora não tivessem assinatura, os textos foram escritos pelo próprio redator do *Jornal do Commercio*, José da Gama e Castro, um dos convertidos por Mure (GALHARDO, 1928).

Segundo Galhardo, a partir de publicação realizada no *Jornal*, Mure fundou as primeiras instituições homeopáticas na remota colônia francesa no litoral norte de Santa Catarina:

Conquanto a propaganda homeopathica não tivesse constituído a causa da vinda do Dr. Bento Mure ao Brasil, conforme anteriormente provei, a convicção doutrinaria que possuía da nova medicina não o separava dessa preocupação, embora dela desejasse furtar-se, afim de não prejudicar aos interesses da colonia do *Sahy*. Arrastado por esse seu entusiasmo de ardoroso propagandista fundou na propria colonia do *Sahy*, no dia 15 de novembro de 1842, como poderão os leitores verificar no *Jornal do Commercio* de 25 de janeiro de 1843, a ESCOLA SUPPLEMENTAR DE MEDICINA E INSTITUTO HOMEOPATHICO DE SAHY (GALHARDO, 1928, p.294-295).

De acordo com Tarcitano Filho (2013), que utiliza como referência trabalho de San Thiago (1995), não há evidências sobre o funcionamento efetivo destas instituições, o que Galhardo assegura, após citar carta publicada por Mure no *Jornal do Commercio* de 30 de janeiro de 1843, que “verifica-se assim que a Escola Suplementar de Medicina e Instituto Homeopathico do Sahy tiveram uma existencia real, funcionando com frequencia de alunos que procuravam conhecer a doutrina hahnemanniana” (GALHARDO, 1928, p. 297).

Após o abandono da Colônia do Saí, Mure empreendeu intensa atividade de propaganda homeopática. Encontrou em João Vicente Martins um grande aliado. Sobre ambos, pesava uma acusação semelhante: o questionamento à sua formação como médicos. Mure alegava ter se formado em medicina pela Universidade de Montpellier, e posteriormente ter validado seu diploma no país. Martins, por sua vez, era cirurgião pela Escola Real de Cirurgia de Lisboa (GALHARDO, 1928).

Maximiano Marques de Carvalho, nas páginas do *Jornal do Commercio* em 1848, acusou a Benoît Mure de ter comprado o seu diploma da Universidade de Montpellier.

Teríamos guardado silencio a este respeito se M. Mure não nos tivesse agredido injustamente só porque não foi admittido na academia medico-homœopathica do Brasil. Saiba, pois, o publico que M. Mure não é, nem nunca foi medico homœopathica; que elle Mure pertence ao commercio, e a homœopathia á razão medica: não se queira elle pois, com a sua pharisaica dedicação, confundir-se cora a santa causa da homœopathia, porque são cousas profundamente distinctas; e então nós, em nome do nosso grande mestre S. Hahnemann, lhe lançáramos o anathema. A academia medico-homœopathica do Brasil quer purificar e nacionalizar a homœopathia no Brasil, e ninguém se opporá com razão aos seus santos desejos. Dr. Maximiano M. de Carvalho.²⁶

As afirmações realizadas por Maximiano de Carvalho são duras. Além de colocar em dúvida a formação de Benoît Mure, faz referência ao ideal de “purificação” e “nacionalização” da homeopatia no Brasil. Considerando que os dois principais inimigos de Carvalho e da Academia do qual fazia parte eram estrangeiros – Mure, francês; Martins, português -, a questão nacional também era um dos elementos presentes nas discussões realizadas à época. A discussão na imprensa sobre a validade do diploma de Mure gerou um intenso debate, durante vários dias, no qual participaram vários polemistas, através das páginas do *Jornal do Commercio* (GALHARDO, 1928, p. 475-480). João Vicente Martins também enfrentou acusações quanto à validade do seu diploma e, também, sobre a sua nacionalidade (SANTOS, 2018).

Para o autor de História da Homœopathia no Brasil, Maximiano Marques de Carvalho agiu de má-fé, traduzindo de forma inadequada um termo utilizado pelo Dr. Rapou em sua *Histoire de la Doctrine Médical et Homœopathique*, interpretando que Mure adquiriu o seu diploma (GALHARDO, 1928, p. 475-476).²⁷ “A Escola de Montpéllier commerciando diplomas... quem conhece um pouco de historia da medicina não acceita essa calumnia”, afirmou o historiador da homeopatia (*Ibid.*, 1928, p.476).

Galhardo, com o seu habitual discurso laudatório em relação à Benoît Mure, reitera o quão absurda era a acusação realizada por Carvalho.

²⁶ *Jornal do Commercio*, edição nº 24, de 24 de janeiro de 1848, p.2. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira. O trecho está citado na íntegra na tese de Galhardo (1928, p. 475).

²⁷ Segundo Galhardo, Carvalho, “com manifesta má fé, traduziu *óbtint* do verbo *óbténir*, por comprar do verbo *acheter*” (1928, p.476).

O Dr. Mure era um homem erudito, de vasta cultura e, sobretudo, de uma intelligencia seleccionada. Manifestava sua capacidade em todos os ramos do saber humano, o que lhe valeu o conceito de sábio que adquiriu no Brasil. Seu diploma *era comprado*, na falsa e calumniosa opinião do Dr. Maximiano de Carvalho, mas a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro o reconheceu legal, porque satisfez todas as exigências que lhe foram solicitadas, para então permittir que defendesse these, perante a congregação da referida faculdade, como defendeu(...) (GALHARDO, 1928, p. 476).²⁸

Segundo pesquisa recente, que consultou a Faculdade de Medicina de Montpellier, os registros demonstram que Mure cursou apenas um semestre, em 1837 (TARCITANO FILHO, WAISSE, 2016). Para estes pesquisadores,

(...) tal resultado seria de se esperar, pois tudo indica que, para Mure, a homeopatia era uma prática alheia à medicina. Suas manifestações nesse sentido foram as mais variadas, chegando até mesmo a afirmar que os praticantes da homeopatia deveriam ser formados e treinados em instituições próprias, para que não se “contaminassem” com os conceitos e práticas da medicina acadêmica (*Ibid.*, 2016, p.785).

De fato, Mure e o seu grupo pleitearam pela oficialização de escolas específicas para a formação em homeopatia, rejeitando o seu ensino nas faculdades oficiais de medicina (TARCITANO FILHO, WAISSE, 2016). Segundo Galhardo,

O Dr. Mure sustentava que a Homœopathia devia ser exercida pelos discípulos da Escola e por todos aquelles que a amassem de coração, embora não possuíssem os estudos de Medicina geral; que os médicos allopathas jamais poderiam ser bons homœopathas e que o Governo Imperial breve regularizaria a Escola Homœopathica e, se assim não acontecesse, elle Mure, inundaria o Brasil de curandeiros que eram *machinas de guerra*²⁹ contra a allopathia. Eram estas as idéas do Dr. Mure esposadas por João Vicente Martins e com as quaes não estavam de accôrdo os dissidentes homœopathas, achando estes que só de uma escola onde se ensinasse as doutrinas médicas poderiam sahir homœopathas puros, mas esta escola deveria ser estabelecida por lei e, emquanto isso não fosse feito, a Homœopathia só deveria ser praticada pelos médicos que a abraçassem com convicção. Mure e Vicente Martins de um lado se oppuzeram aos dissidentes do lado opposto. Após a partida do Dr. Mure para a Europa, ficara João Vicente Martins sustentando iguaes idéas, mas não podia manter com regularidade os cursos públicos por falta de quem o ajudasse. Continuou assim a sua propaganda com a polemica, a escola e os consultórios (GALHARDO, 1928, p.512).

João Vicente Martins teve grande importância para a propaganda homeopática no Brasil. Combativo, manteve a publicação regular de artigos na imprensa, atacando os rivais da homeopatia – médicos alopatas, Junta Central de Hygiene, os homeopatas “impuros”, entre outros – e defendendo a sua visão sobre a doutrina. Fez

²⁸ O grifo é original.

²⁹ Grifo original.

várias viagens, através das quais levou a homeopatia a outras partes do país, sobretudo em estados do atual Nordeste brasileiro. Na Bahia, conheceu e atuou ao lado de outro importante homeopata, Alexandre José de Mello Moraes (GALHARDO, 1928).

Para Galhardo, o cirurgião português, mesmo que inferior intelectualmente em relação à Mure (*Ibid.*, 1928, p. 512), soube manter a propaganda homeopática iniciada pelo francês:

Entrava a Homœopathia em nova phase, sendo seu principal vulto João Vicente Martins, sustentando uma activa e vivíssima polemica na imprensa diária, contra a allopathia, combatendo ainda com o fulgor de seu talento e de sua eloquência genial as tendências liberaes da Academia Medico-Homœopathica do Brasil. Armou-se de todos os recursos de sua intelligencia, sustentando a propaganda pelos meios estabelecidos pelo Dr. Mure, meios com os quaes não concordavam os collegas dissidentes da referida Academia (*Ibid.*, 1928, p.512).

É pertinente abordar de forma específica a relação entre o grupo de Martins e Mure, reunido em torno do Instituto Homeopático do Brasil e todos aqueles que se opunham às suas visões.

3.3 ENTIDADES, DEBATES E DISPUTAS: ALIADOS E INIMIGOS DA HOMEOPATIA EM TEMPOS DE PROPAGANDA INTENSA

José Galhardo, em sua particular visão sobre a história da doutrina hahnemanniana no Brasil, situa a homeopatia como alvo de inúmeros ataques e calúnias, oriundas de variadas fontes. O autor apresenta os acontecimentos construindo uma narrativa baseada na oposição entre Benoît Mure, João Vicente Martins e seus “discípulos” contra os médicos e as instituições alopáticas, ou contra grupos homeopatas divergentes, com uma opinião geralmente favorável às ações empreendidas pelo primeiro grupo. A agressividade, não raro, estava presente nestas discussões.

A homœopathia é o assumpto diariamente repetido nas columnas do *Jornal do Commercio*. Pró e contra, adeptos e adversários se entregam a uma violência de linguagem imprópria de discussões scientificas, embora agradecem ao paladar dos contendores, que melhor ajuizados seriam se modificassem o diapazão da polemica (GALHARDO, 1928, p.367).³⁰

³⁰ Cabe ressaltar que a maioria dos textos publicados no *Jornal do Commercio* eram pagos (FARIA, 1994). Dessa forma, a publicação de um grande volume de artigos não implica necessariamente a popularidade da discussão.

A homeopatia se insere no Brasil em um momento no qual a medicina está em processo de institucionalização e em busca por afirmação como prática de cura hegemônica. Ambas as doutrinas passam a disputar espaço, clientela, legitimidade e estatuto científico. A medicina oficial não estava isenta de debates e divergências internas, assim como ocorria com a homeopatia (PIMENTA, 2004; WEBER, 2016).

A Academia Imperial de Medicina (1829-1889) foi um órgão colegiado relacionado ao ensino de medicina no país, e esteve vinculada à fundação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1832. Desde a sua criação até meados do século XIX, a entidade “conseguiria monopolizar duas importantes tarefas: ao mesmo tempo em que se impusera como instrumento da política imperial da saúde pública, tornara-se o principal árbitro das inovações médico-científicas” (EDLER, PIRES-ALVES, 2018, p.111). A criação da Junta Central de Higiene Pública em 1850, regulamentada no ano seguinte, esvaziou algumas das atribuições da Academia, sobretudo no que tange ao controle da prática médica (*Ibid.*, 2018). Em suma, estas três instituições – Faculdade, Academia e Junta de Higiene – exerceram uma forte oposição à nascente homeopatia, adotando-se uma série de estratégias de deslegitimação (WEBER, 2006). Muitos eventos relacionados à disputa entre a medicina oficial e sua representação institucional contra a homeopatia foram relatados por Galhardo, com uma visão favorável à doutrina hahnemanniana. No entanto, o intenso debate que se produziu no século XIX, deu lugar a uma situação patentemente desvantajosa para a homeopatia no século XX:

Os esforços institucionais das organizações médicas do século XIX, de proporem-se como o único conhecimento válido na área da cura, só se consolidaram no século XX, mas deram o formato das definições posteriores, relacionando homeopatia e charlatanismo. E gerando o “descrédito” que essa prática passou a receber (WEBER, 2006, p. 27).

Na concepção de Mure e Martins, não havia relação possível entre alopatia e homeopatia. Nas páginas da tese, José Galhardo aborda de forma abundante os conflitos entre homeopatas e alopatas. Convém ressaltar, que a maior parte destas polêmicas eram iniciadas por Mure e seus discípulos.

As acusações promovidas contra a homeopatia eram diversas. O exercício ilegal da medicina e a falta de validade de seus diplomas eram algumas das mais frequentes, assim como as denúncias de envenenamentos e mortes provocadas pelo tratamento homeopático. Muitas vezes, davam lugar a inquéritos e investigações, que levavam os homeopatas a usar abundantemente a tribuna do Jornal do Commercio

para a sua defesa. Comumente, alegavam que estavam sendo vítimas de perseguição da alopatia e dos agentes públicos (GALHARDO, 1928).

Mure e Martins fundaram o Instituto Homeopático do Brasil em 1843 e a Escola foi instalada em 1845. As instituições empreenderam uma extensa atividade de propaganda e de ensino, promovendo a formação de vários diplomados em homeopatia, que eram chamados de “professores”. As atividades da Escola estariam amparadas pela Lei de 2 de outubro de 1832, que regulamentava o ensino no Império. Entretanto, ocorreram inúmeros episódios de contestação a esses diplomas (GALHARDO, 1928)³¹.

Emilio Germon se converteu em opositor de Mure e sua prática homeopática, mas realizou menor intervenção na imprensa para manifestar a sua opinião. Em seu *Manual Homœopathico*, aborda a criação do Instituto Homeopático, realizando fortes críticas à instituição e seu criador. Afirma que fora convidado para fundar um instituto pelo Dr. Mure, mas que descobriu via *Jornal do Commercio*, apenas dois dias depois, que a entidade já havia sido criada. O trecho a seguir, retirado do *Manual* do Dr. Germon, também foi citado por Galhardo em sua tese:

O Sr. Dr. Mure fundou pois o intitulado Instituto Homeopathico do Brasil, ao qual concorrêrão alguns homens iludidos, que não tardarão a reconhecer que eles servião de escada ao improvisado presidente. Estes medicos se retirarão quando conhecerão que erão enganados, mas desgraçadamente muito tarde: o mal já estava feito, seus nomes tinhão sido aproveitados para servir de annuncio em favor do astuto presidente; e para o vulgo ignorante e crédulo ainda hoje quem diz *Instituto Homeopathico diz Mure*, porque o manhoso doutor teve o cuidado de estabelecer seu domicilio na mesmíssima casa do dito Instituto onde está o consultório, e onde se vendem os medicamentos (GERMON, 1848, p.12-13).

Em suma, Germon criticava o caráter mercantil que identificava na prática de Mure e do Instituto. Discordava veementemente da formação oferecida pela Escola, a qual chega a definir como um “aborto”. O autor descrevia o diploma que a instituição fornecia da seguinte forma:

No cabeçalho do diploma vê-se uma ave de rapina com garras monstruosas indicando que nada escapa o tal gavião que tira até a ultima penninha do patinho provinciano que lhe cabe nas unhas, arrancando couro e cabelo do crédulo Fluminense. Sem duvida o systema homeopático deve ser ensinado

³¹ O artigo nº33 da Lei estabelecia que “O ensino da Medicina fica livre: qualquer pessoa nacional ou estrangeira, poderá estabelecer Cursos particulares sobre os diversos ramos das sciencias medicas e leccionar á sua vontade sem opposição alguma da parte das Faculdades (BRAZIL, 1832).” Cabe ressaltar que a referida Lei aborda apenas a formação médica, e não versa sobre o exercício da medicina.

publicamente, porém, por um methodo racional, e portanto inverso do que se tem adoptado na decantada Escola (GERMON, 1848, p.15-16).

Ao apresentar as opiniões expressadas por Emilio Germon, a postura de Galhardo é a reafirmação do pioneirismo de Mure na homeopatia brasileira. Quanto a Domingos Duque-Estrada, o autor procede da mesma forma. Em relação à forte divergência entre homeopatas que teve como um de seus resultados a formação da Academia Médico-Homeopática do Brasil³², o posicionamento adotado por Galhardo é claramente favorável às posições do homeopata francês e de seus discípulos.

Os dissidentes congregaram-se em torno de dois centros: Mure, de um lado, e Duque-Estrada, do outro. Ficam com o Dr. Mure os homœopathas que apoiavam a pratica de ser conferida autoridade para exercer a clinica homœopathica a quem o desejasse, após noções dadas na própria Escola Homœopathica ou por meio de livros para os que residissem fora do Rio de Janeiro. Acompanharam o Dr. Duque-Estrada os homœopathas que julgavam imprescindível o diploma de medico ou de pharmaceutico, obtido nas escolas regulares, para a pratica da medicina e da pharmacia homœopathicas. Estes, defensores de uma idéa, que apesar de parecer justa, era contraria á liberdade de profissão defendida pelo Dr. Mure, não comprehendiam como a intelligencia sobremodo notável desse sábio homœopatha pretendesse malbaratear o exercicio da clinica homœopathica, reuniram-se no dia 4 de outubro de 1847 e fundaram a Academia Medico-Homœopathica (...) (GALHARDO, 1928, p.424).

Ou seja, embora reconheça que parecia justa a ideia de apenas médicos e farmacêuticos diplomados nas escolas oficiais exercerem a homeopatia, Galhardo endossa a postura de Mure, no sentido de priorizar a formação específica em homeopatia promovida pela Escola Homeopática. O autor destaca que a oposição entre os dois grupos causou grande prejuízo à homeopatia, e deu armas aos alopatas. No entanto, como denotam às diversas críticas que realiza contra Duque-Estrada ao longo de *História da Homeopatia no Brasil*, a responsabilidade maior dessas disputas recairia sobre este médico (GALHARDO, 1928).

Ainda sobre estas disputas, Galhardo se posiciona de maneira contundente, ressaltando o prejuízo que causaram para a homeopatia brasileira:

Quando as comadres brigam as mazelas vêm á rua. Foi o que succedeu com a intrighada vergonhosa entre os partidários de uma mesma doutrina, no inicio de sua propaganda, no momento em que a solidariedade entre os adeptos era imprescindível para contrapor a impetuosidade dos ataques adversários. Esta polemica teve a maior influencia que imaginar se possa no

³² A Academia Médico-Homeopática foi uma entidade de curta duração, fundada em 1847 e que estabeleceu diversas discussões com o Instituto liderado por Mure e Martins, e na qual atuaram figuras como Duque-Estrada e Maximiano Marques de Carvalho. Apesar das muitas críticas que realiza, Galhardo reconhece um mérito da Academia, que foi a fundação do primeiro hospital homeopático do país, também efêmero (GALHARDO, 1928).

progresso da homœopathia no Brasil, retardando-o de cerca de 50 annos (*Ibid.*, 1928, p.452).

O tom negativo e crítico de Galhardo em relação à Duque-Estrada fica muito claro quando o autor aborda a criação do primeiro Instituto Hahnemanniano do Brasil, em 1859:

Este Instituto que se inicou sob auspicios tão promissórios, publicou um jornal, a "Gazeta do Instituto Hahnemanniano do Brasil", mas teve vida ephemera. A dissidência, em que sempre viveu o Dr. Duque-Estrada e seu grupo, matou todas as instituições homœopathicas dessa época (GALHARDO, 1928, p.694).

Em outro momento, Galhardo afirma que “o Dr. Duque-Estrada sempre esteve em opposição aos homœopathas que desejavam trabalhar (GALHARDO, 1928, p.695)”. Em suma, verifica-se uma forte rejeição, por parte do autor de *História da homeopatia no Brasil*, da vertente homeopática representada por Domingos Duque-Estrada e os seus aliados. A discussão sobre a figura do “introdutor”, já abordada neste trabalho, reforça ainda mais o posicionamento tomado por Galhardo.

Maximiano Marques de Carvalho, por sua vez, manteve algumas divergências com Mure e Martins. Questionou o diploma de Mure, era criticado por Martins ao utilizar recursos da alopatia em conjunto com a homeopatia, entre outras polêmicas.

Este homeopata receberá maior atenção no capítulo que segue.

3.4 A EXPULSÃO DE MURE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Entre as diversas controvérsias nas quais os primeiros homeopatas brasileiros se envolveram, o episódio da expulsão de Benoît Mure do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) é muito ilustrativa a respeito das estratégias adotadas por este grupo de homeopatas no sentido de promover a exposição pública da homeopatia, mesmo que isso desse lugar a polêmicas.

O IHGB foi fundado em 1838, constituindo-se como um espaço de construção de conhecimento histórico relacionado ao delineamento de um projeto de nação (FAGUNDES, 2017). A sua Revista (RIHGB) teve um importante papel, ao publicar uma série de textos que influenciaram a escrita da história brasileira. No entanto, além desses elementos, o Instituto também demonstrava interesse em discutir as questões contemporâneas, o que dava lugar a polêmicas entre os seus sócios, relacionadas, por exemplo à decisão sobre o que seria salvaguardado no arquivo da instituição, bem

como quanto aos textos que poderiam ou não ser publicados na Revista (MALEVAL, 2011; MENDES, 2011).

A passagem de Benoît Mure pelo IHGB causou uma polêmica que exemplifica como funcionava essa instituição e a sua Revista (*Ibid.*, 2011, p. 153). No entanto, a forma como o homeopata francês agiu não difere muito de seu *modus operandi* habitual, que era a promoção da propaganda homeopática nos mais variados espaços. Segundo Galhardo:

Dr. Mure que não desprezava acontecimento algum, por mais dessimilhante quo parecesse em relação a homœopathia, para propagal-a com o entusiasmo que somente encontrava paridade em João Vicente Martins, externou nessa solemnidade opinião e conceito que não agradaram ao auditório(...) (1928, p.409).

É pertinente considerar que, apesar de exaltar o entusiasmo de Mure para propagar a homeopatia, Galhardo destaca que a intervenção realizada durante a solenidade em homenagem póstuma ao príncipe herdeiro D. Afonso, filho e sucessor de Dom Pedro II, gerou controvérsia entre os assistentes. Esse fato culminou com a sua expulsão do IHGB, e com a não publicação de seu discurso na Revista. Cabe ressaltar que o príncipe herdeiro ostentava o cargo de Presidente de Honra do IHGB, apesar de ter pouco mais de dois anos de idade.

O Jornal do Commercio publicou, no dia 5 de julho de 1847, na seção *Comunicado*, um texto intitulado *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, no qual “um Expectador” relata a sua experiência na solenidade celebrada pelo IHGB, no dia 1º de julho daquele ano. O autor desconhecido relata que se tratava do ato, “primeiro de tal natureza no Império”, celebrado por uma “academia de prosadores e poetas” Ressalta, também, que o recinto estava pomposamente decorado, descrevendo detalhadamente o cenário, que, para ele, conferia ao local a “idea de um não sei que de religioso e de serio inexplicavel”. (JORNAL DO COMMERCIO, nº 184, 1847). As homenagens realizadas em cerimônias fúnebres eram muito valorizadas pelo IHGB (FAGUNDES, 2017).

O *Expectador* fez um pequeno relato sobre cada intervenção realizada durante a sessão solene. A maioria dos discursos adotou um tom fúnebre, de lamentação pela morte do primogênito do jovem Imperador, identificando a “providência divina” como responsável pelo destino da augusta criança. O que é compreensível, haja vista o papel atribuído para o príncipe herdeiro, de sexo masculino, nas monarquias. Nesse

contexto, é possível considerar que a fala de Mure estava distante do teor de todas as demais intervenções, que identificavam “um estranho no ninho” (MALEVAL, 2011, p. 155). Sobre o discurso:

O membro correspondente Sr Dr. Mure, leu um discurso em francez, entrou por considerações scientificas mal trazidas, e Fourier o a homœopathia foram lembrados como do grande aproveitamento ao Império; porém os espectadores manifestarão signaes de reprovação, e desamparão a sala durante a sua leitura. O Sr. Dr. Mure leu também versos seus ja publicados no Jornal do Commercio (JORNAL DO COMMERCIO, nº 184, 1847).

Segundo esse relato, o discurso de Mure causou uma má impressão entre os assistentes. A impressão do próprio *Expectador* foi negativa, ao definir as considerações científicas como “mal trazidas”. Galhardo (1928, p. 409), que transcreveu em seu texto este mesmo excerto, entendeu, sem especificar qual era a possível falsidade do relato, que “esta informação, se não é inteiramente verdadeira, não é inteiramente falsa, porquanto esse discurso motivou ser o Dr. Mure expulso da categoria de membro correspondente do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro (...)”.

Em 3 de julho de 1847, o IHGB celebrou sessão, na qual discutiu sobre a publicação dos discursos proferidos na solenidade realizada dois dias antes. Nessa oportunidade, decide-se pela publicação dos textos de todos os expositores, exceto o de Mure, após uma animada discussão. A partir da sessão seguinte, de 10 de julho, o público e o autor foram avisados dessa decisão através das páginas da RIHGB, o que deu início a uma querela, com a publicação de cartas das duas partes (GALHARDO, 1928; MALEVAL, 2011; MENDES, 2011, RIHGB, 1847). Na reunião do dia 3 de julho, achavam-se presentes apenas Francisco de Paula Menezes³³, Ludgero da Rocha Ferreira Lapa³⁴ e Emilio Joaquim da Silva Maia³⁵ (RIHGB, 1847, p. 409), e estava

³³ Francisco de Paula Menezes (1811-1857) foi um médico fluminense, nascido em Niterói. Membro do IHGB e da Academia Imperial de Medicina, da qual esteve afastado durante o período em que aderiu à homeopatia. No momento da polêmica envolvendo o Dr. Mure, Paula Menezes se identificava como alopata. Fonte: ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. Francisco de Paula Menezes (biografia), s/d. Disponível em: <https://www.anm.org.br/francisco-de-paula-menezes/>. Acesso em 08 dez. 2021.

³⁴ Ludgero da Rocha Ferreira Lapa foi um médico e bibliotecário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, redator do *Archivo Médico Brasileiro*, publicação existente entre os anos de 1844 e 1848, e membro do IHGB. Não foram encontradas informações mais precisas sobre a sua biografia, além daquelas presentes na revista por ele publicada. Fonte: ARCHIVO MÉDICO BRAZILEIRO. Tomo IV, 1847-1848. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=700347&pagfis=915&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em 08 dez. 2021.

³⁵ Emilio Joaquim da Silva Maia (1808-1859) foi um médico, nascido em Salvador, Bahia. Foi um dos fundadores do IHGB, do qual chegou a exercer o cargo de 2º secretário, e da Academia Imperial de Medicina. Foi, também, vereador da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Fonte: ACADEMIA

ausente o Dr. Maximiano Marques de Carvalho, apontado por Galhardo como desafeto de Mure. Ao mencionar a presença destas pessoas na sessão do dia 10 de julho, corroborada na fonte original (RIHGB, 1847, p. 412), Galhardo certamente desejou insinuar a sua influência na decisão tomada pelo IHGB. No entanto, o historiador da homeopatia não aporta provas documentais dessa atuação, que poderiam ser, por exemplo, trechos de atas das sessões. Pode-se especular se havia uma maior predisposição destas pessoas a ter uma opinião negativa acerca de Benoît Mure e das ideias por ele defendidas, naquele espaço ou nos demais campos de atuação do homeopata.

Na sessão do dia 3 de julho, Emilio Joaquim da Silva Maia, “depois de longo falar”, defendeu que fosse a mesa administrativa a julgar as peças recitadas. Esta emenda não foi aprovada pelos demais presentes. Na Ata não foi publicado o teor da extensa fala do Dr. Maia, não sendo possível verificar se ele se opôs especificamente à fala do Dr. Mure. O primeiro a se manifestar abertamente contra o polêmico discurso foi o professor Francisco Manuel Raposo de Almeida, que não era médico. Ele considerou que o texto trazia ideias extemporâneas e ofensivas em sua parte prosaica e que a parte lírica já havia sido publicada, o que contrariava o programa do Instituto (RIHGB, 1847, p. 411).

Galhardo, ao abordar a decisão tomada pelos sócios do IHGB, destacou a participação de inimigos conhecidos da homeopatia na sessão do dia 10 de julho, alguns envolvidos em polêmicas públicas com Mure.

Como se vê presentes a sessão se achavam os grandes inimigos da homœopathia Drs. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa, Emilio Joaquim da Silva Maia, Francisco de Paula Menezes, nomes sobejamente ligados ás polemicas homœopathicas, todos inimigos pessoaes do Dr. Mure. Lê-se, porém, entre os presentes o Dr. Maximiano Marques de Carvalho, que é homœopatha, mas nessa ocasião já se havia estremecido com o Dr. Mure (GALHARDO, 1928, p. 410).

Galhardo traduziu o discurso, apresentando-o em sua íntegra. Independentemente da análise que se possa fazer das fortes palavras proferidas pelo homeopata francês, é necessário destacar que o autor de *História da Homeopatia no Brasil* quase que unicamente se limita a apresentar ao público o discurso, tido como

ofensivo aos alopatas (*Ibid.*, 1928, p. 410). Mais adiante esta análise será aprofundada.

Em sua tese, Galhardo apenas citou duas fontes: o artigo do *Jornal do Commercio* citado anteriormente e o discurso de Mure. No entanto, nas atas publicadas pela RIHGB, é possível entender como a decisão foi tomada e como ela foi comunicada ao autor, dando início a um diálogo no qual a maior preocupação parece ser a posse do manuscrito, mais do que a sua não publicação. Segundo as normas editoriais estabelecidas pelo programa da revista, o autor cedia o direito de publicação de seu texto à revista e caberia ao IHGB, se assim o desejasse, arquivar o material sem publicá-lo (MALEVAL, 2011; MENDES, 2011; RIHGB, 1847).

O IHGB, depois dessa troca de correspondências, resolveu acatar o pedido de devolução do manuscrito, com a conservação de uma cópia em seu arquivo. No entanto, tendo sido determinada a expulsão do Dr. Mure, ele decidiu não devolver as suas credenciais de sócio. A polêmica se estendeu por semanas mas, em *História da Homeopatia no Brasil*, Galhardo não citou estas questões.

O discurso realizado durante a solenidade, analisado a partir da tradução de Galhardo, é, efetivamente, polêmico. Vai ao encontro das demais falas no sentido de identificar a ação da providência divina como responsável pelo falecimento do augusto príncipe, porém, cria uma justificativa para o fato que está profundamente relacionada a seus objetivos pessoais, isto é, à propaganda da homeopatia. Mure identifica que a Vontade Divina, ao permitir a morte de D. Afonso Pedro de Bragança, tinha um claro objetivo: a salvação da humanidade através da homeopatia, e da consequente derrota da alopatia (GALHARDO, 1928). O tipo de argumentação utilizada pelo Dr. Mure não era inédito. Pelo contrário, a fala está na linha de suas inúmeras intervenções realizadas em nome da defesa da homeopatia, sobretudo no *Jornal do Commercio*, não raro com o uso de palavras fortes, por vezes ofensivas. A oposição frontal à alopatia é uma das bases desse pensamento. A escolha por realizar esse discurso em um ambiente no qual essa discussão não ocorreria normalmente, como o IHGB, não é equivocada em si, considerando a concepção que o seu autor tinha sobre a propaganda.

Neste discurso, Benoît Mure apresenta uma visão sobre a ciência que é fortemente influenciada pela fé cristã e a oposição à tradição hipocrática e greco-romana, que ele identifica como pagã. A homeopatia seria, portanto, uma expressão da ciência cristã, e Hahnemann, um revelador dessa verdade.

O christianismo domina nas gerações modernas de pensadores como jamais o mundo pagão antevira. A sciencia tende emfim a se tornar christã; mas esta revolução moral permanece incompleta, emquanto que a medicina, esta grande necessidade do homem inimigo da dôr, permanecia presa á tradição hippocratica e grego-romana; ficando a concepção biológica, em uma palavra, pagã e materialista. Foi então que appareceu Hahnemann, o mais surprehendente, o mais inspirado dos reveladores.

Para elle a sciencia christã se tornou encyclopedica, e a redempção desceu do domínio dos sentimentos para o das idéas e da intelligencia. Mas aqui ainda, a concepção puramente lógica coisa alguma poude sobro o homem. Era preciso ainda uma victima, uma abnegação inesperada, para vencer a indiferença do vulgar, que pede que se crucifique o Salvador e se liberte o perseguidor. Deus quiz que esta victima expiatória nascesse sobre os degrãos do throno. Deus quiz que todo um povo, que todos tenham os olhos sobre elle, para que o clamor desta morte inesperada ensine a todos que a humanidade vae dar um novo passo (GALHARDO, 1928, p. 411).

Pode-se observar que Mure afirma, com todas as letras, que o príncipe é uma “vítima expiatória”, e o seu sacrifício é necessário para que a humanidade possa dar um “novo passo”, que é a adesão à homeopatia. Como ocorre em outras publicações do homeopata francês, essa defesa é construída em oposição à alopatia. A utilidade da morte do príncipe evidenciava a ineficácia da alopatia nesse caso (MALEVAL, 2011, p. 169). Segundo Mure, a causa da morte de D. Afonso tinha relação com a sua ama de leite, supostamente acometida pela tuberculose, o que não teria sido notado pelos médicos alopatas que o atenderam. Galhardo, no entanto, destaca, em nota de rodapé, que os médicos da família imperial não confirmam esse fato (GALHARDO, 1928, p. 412). Duro em suas palavras, Mure afirma que é “pelo regicidio que a allopathia devia, ella própria, marcar seus últimos momentos, e mostrar ao Brasil inteiro os monstruosos effeitos de sua applicação maléfica”. Conforme estas palavras, a atuação dos médicos alopatas foi potencialmente dolosa, culminando com a morte de D. Afonso.

Esse é o ponto que, provavelmente, mais incomodou ao IHGB, que buscava evitar este tipo de polêmica. A abordagem de temas contemporâneos nas páginas da Revista era vetada pelo Instituto, e o caso do Dr. Mure não foi único que culminou com a não publicação de seu texto. No entanto, esses temas eram discutidos nas sessões, e os materiais eram arquivados (MALEVAL, 2011; MENDES, 2011). Quanto à rejeição à Mure e a sua expulsão do IHGB, cujos motivos não são claramente explicitados nas discussões promovidas naquele momento, concordo com Maleval (2011), que identifica dois possíveis aspectos envolvidos na questão: o primeiro seria o histórico de polêmicas do homeopata francês, e o outro, o discurso em si. Destaca-se que o

Instituto evitava explicitar as divergências entre os seus membros o que, para a mesma autora, mostra a excepcionalidade desse caso, pois a discussão nas sessões e a troca de cartas com o Dr. Mure foram publicadas na RIHGB (2011, p. 173).

No arquivo do IHGB estão arquivados o discurso do Dr. Mure e a Ode à morte de D. Afonso. No entanto, Galhardo optou por publicar apenas o primeiro, omitindo a segunda. Provavelmente, tomou essa decisão para não estender o seu texto em demasia, pois o referido poema não traz informação imprescindível para a compreensão do ocorrido por parte do leitor. A publicação do poema se justificaria pela ótica do rigor com as fontes. No entanto, não traz grande prejuízo à compreensão da polêmica causada pelo discurso, pois os argumentos utilizados são semelhantes (MALEVAL, 2011, p. 170-171).

Partindo do pressuposto que Galhardo publicou em *História da Homeopatia no Brasil* todos os acontecimentos históricos que julgou relevantes para a construção de sua narrativa, entende-se que este fato era digno dessa menção. Ora, trata-se da expulsão de uma importante instituição social e cultural, o IHGB, daquele que, para Galhardo, é o introdutor e principal nome da homeopatia brasileira. No entanto, diferentemente de diversas outras polêmicas nas quais o autor foi mais contundente na defesa da atuação dos homeopatas, neste caso, ele foi mais comedido. Como já dito aqui, ele menciona a participação de inimigos de Mure no colegiado que decidiu pela não publicação. Fora isso, Galhardo não emite opinião sobre a pertinência das afirmações e acusações realizadas pelo homeopata francês em seu discurso, destinadas à alopatia.

A presença de alopatas e/ou de inimigos públicos de Benoît Mure nas sessões que determinaram a expulsão do homeopata francês e a não publicação de seu texto podem ter contribuído para as deliberações da instituição. No entanto, não é possível comprovar se essa interferência de fato ocorreu, pois o teor das discussões não foi publicado pela RIHGB. Dessa forma, nem o historiador atual, tampouco Galhardo em sua tese, podem afirmar que a causa da expulsão foi a interferência dessas pessoas na decisão tomada pelo IHGB.

Inegavelmente, as alegações do homeopata francês são incômodas e, se forem vistas de forma descontextualizada, parecem estar completamente fora de lugar. Ele afirmou, por exemplo, que “coisa alguma foi prevista contra os desígnios de Deus: o príncipe D. Afonso devia morrer, e nós devíamos ser testemunhas dessa morte afim de que fosse mais útil ao mundo como não tem sido a vida dos maiores

monarcas” (GALHARDO, 1928, p. 412). Mure está se referindo ao Príncipe Herdeiro do trono brasileiro, filho primogênito do monarca reinante e Presidente Honorário do IHGB, que havia falecido há poucas semanas. Portanto, é compreensível o surgimento de uma polêmica em torno desse discurso.

3.5 A HOMEOPATIA E O COMBATE ÀS EPIDEMIAS.

Ao longo do século XIX e princípio do século XX, a ocorrência de epidemias era muito frequente. Doenças como a escarlatina, a cólera, a febre amarela, a peste bubônica, a varíola e a gripe espanhola causaram uma grande quantidade de mortos, algumas delas em ondas frequentes (PIMENTA, 2003, 2004; SILVEIRA, NASCIMENTO, 2018).

As epidemias são eventos desorganizadores e trágicos, que

(...) permitem desvelar e compreender as múltiplas faces de sociedades, em geral profundamente hierárquicas, injustas e desiguais. Elas possibilitam a análise das contingências, da pluralidade de possibilidades e dos interesses, da diversidade de escolhas possíveis dos indivíduos históricos, e das transformações e dúvidas permanentes da própria vida social. Revelam as próprias incertezas do conhecimento científico e biomédico, e por que não dizer, dos cientistas e médicos que, em uma situação muito instável, são obrigados a disputar mais ainda a compreensão do fenômeno, o aconselhamento da população e das autoridades e o cuidado dos enfermos com outros atores sociais. Ainda que possam ser conjuntamente fragilizadas, as relações entre medicina e poder são reafirmadas nesses processos, muitas vezes criando novas hierarquias e subordinações (HOCHMANN, BIRN, 2021, p.581).

Entende-se, portanto, que o contexto epidêmico é marcado por incertezas e disputas, e expõe as debilidades da estrutura sanitária das cidades e do país (SILVEIRA, NASCIMENTO, 2018). A compreensão da medicina sobre as epidemias anteriormente ao desenvolvimento da microbiologia gerava uma série de discussões entre a classe médica, sobretudo em relação a doenças novas ou pouco conhecidas (PIMENTA, 2004). Após a “revolução pasteuriana”, nas décadas finais do século XIX, a percepção da ciência médica sobre as epidemias mudou sobremaneira (BENCHIMOL, 2018).

Nesse cenário, a homeopatia buscou se inserir e oferecer os seus serviços à população e ao Estado. Galhardo aborda em sua obra a atuação dos homeopatas no combate às epidemias, comumente reivindicando a sua superioridade em relação à alopatia. Para os homeopatas, essa vantagem poderia ser medida do ponto de vista qualitativo e, principalmente, quantitativo: menos pessoas morriam quando eram

submetidas à terapêutica hahnemanniana. É necessário ponderar que, independentemente do sistema médico adotado, a mortalidade causada por algumas destas doenças era muito elevada (PIMENTA, 2003).

A escarlatina³⁶ se desenvolveu de forma pandêmica em nível mundial entre 1820 e 1880, e em diversas epidemias na América Anglo-Saxônica e Europa (SWEDLUND, DONTA, 2002), e em outras partes do mundo ao longo dos séculos XIX e XX, como, por exemplo, México, Chile e Austrália (CHAOU, 2012; LAVAL, 2009; TOUT-SMITH, 2020). Foi uma das principais causas de morte de crianças no início do século XX, mas a sua incidência caiu significativamente nas décadas posteriores (BROUWER, *et.al.*, 2020). No Brasil, era uma das doenças que atingiam a população urbana, especialmente àquela que vivia em áreas com grandes aglomerações, como os cortiços do Rio de Janeiro (UJVARI, 2020). Foi a primeira epidemia mencionada por Galhardo em seu texto³⁷. Com o título “Novo propagandista em oposição ao Dr. Mure”, o autor apresenta um artigo publicado pelo Dr. Emilio Germon no *Jornal do Commercio*, em 13 de agosto de 1843³⁸, no qual aborda a profilaxia da escarlatina, que “grassava epidemicamente no Rio de Janeiro” (GALHARDO, 1928, p. 288). Em *História da Homeopatia no Brasil*, o artigo de Germon não foi transcrito.

Naquela edição do *Jornal do Commercio* podem ser encontrados cinco escritos sobre a epidemia de escarlatina. Na seção “Correspondências”, está o texto de Emilio Germon, intitulado “Medicina”. O autor aborda a expansão da doença e a sua transmissibilidade, e descarta a existência de medicamentos preventivos, pois especulava-se que a *belladonna*³⁹ e o mercúrio combinado com antimônio poderiam ser eficazes na prevenção da escarlatina. O homeopata francês e inimigo de Benoît Mure conclui que:

o único meio preventivo para a escarlatina é a mudança antecipada: porém aparecendo a erupção o mais prudente é não expor o doente ao frio e a humidade. A mudança frequente de localidades, principalmente no campo, é suficiente para a cura da coqueluche.⁴⁰

³⁶ A escarlatina é uma doença de rápida transmissão, causada por *Streptococcus pyogenes* (estreptococo do grupo A), e atinge principalmente a crianças entre 5 e 15 anos de idade (CARVALHO, 2017).

³⁷ O Dr. Domingos Duque Estrada afirmou que combateu eficazmente a escarlatina com o uso da homeopatia anteriormente à 1840, mas não menciona uma manifestação epidêmica da doença (GALHARDO, 1928, p. 276-277).

³⁸ *Jornal do Commercio*, n. 213, de 13 de agosto de 1843, p.3. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.

³⁹ Medicamento homeopático elaborado a partir da planta *Atropa belladonna L.*, que é altamente tóxica (NÓBREGA, 2016).

⁴⁰ *Ibid.*, 13 de agosto de 1843, p.3.

Na seção “Correspondências” está uma carta direcionada ao redator do Jornal, assinada pelo Dr. Paula Menezes. O texto reúne as conclusões sobre o parecer de uma comissão formada pela Academia Imperial de Medicina, a pedido das autoridades municipais do Rio de Janeiro, para propor medidas de combate à escarlatina, como a redução do tempo destinado para velório e sepultamento de vítimas da doença, bem como a limitação à presença de convidados nessas cerimônias, o arejamento dos espaços nos quais as pessoas doentes se encontravam e a proibição de visitação a esses locais, entre outras.⁴¹

O terceiro texto, assinado pelo Dr. A. da Costa, faz um apelo às autoridades públicas e à população no sentido de tomar medidas para reduzir o impacto da epidemia de escarlatina. Defende, entre outras medidas, a proibição do dobre de sinos nas igrejas para atrair fiéis e permitir a realização de enterros apenas fora do centro da cidade, ou promover a fumigação de cloro e a queima de alcatrão nas praças durante as noites, e limpar as igrejas, ruas, valas e outros possíveis focos de miasmas.⁴² Duas pequenas correspondências, assinadas pelos pseudônimos *Um dos horrorizados* e *Um medroso*, também apelam à tomada de medidas por parte da administração, sobretudo relacionadas a limpeza e saneamento urbano⁴³.

Esta edição do *Jornal do Commercio*, de 13 de agosto de 1843, evidencia que a escarlatina estava causando grandes preocupações à população da capital do país e à classe médica, nos dias em que a cidade estava prestes a receber a nova Imperatriz do Brasil, D. Teresa Cristina de Bourbon-Duas Sicílias. Verifica-se que alopatas e homeopatas estavam preocupados com a proliferação da doença e levaram ao conhecimento do público as suas impressões a esse respeito.⁴⁴

Na seção de sua tese em que faz referência ao artigo de propaganda de Emilio Germon, Galhardo apenas cita a sua publicação, centrando a sua análise na contenda entre os dois autoproclamados introdutores da homeopatia no Brasil, tomando partido, mais uma vez, por Benoît Mure. O autor chega a afirmar que “vários doentes, curados por este medico, publicaram, por diversas vezes, no Jornal do Commercio, as curas que lhes havia feito o Dr. Emilio Germon” (GALHARDO, 1928, p.288), mas não cita estes agradecimentos, nem informa as edições do *Jornal* em que essas

⁴¹ *Op.cit.*, p.3.

⁴² *Op.cit.*, p.3.

⁴³ *Op.cit.*, p.3.

⁴⁴ *Op.cit.*, p.3.

manifestações foram realizadas. Galhardo não explora a divergência específica entre Germon e Mure no tocante à escarlatina, e apenas cita o artigo do primeiro em função deste ter sido o seu primeiro ato de propaganda na imprensa.

Mure ofereceu, através do *Jornal do Commercio* no dia 15 de outubro de 1843, preocupado com a persistência da doença no Rio de Janeiro, a distribuição gratuita de medicamentos contra a escarlatina (GALHARDO, 1928, p. 300). O artigo, que não foi transcrito por Galhardo, aborda mais elementos que estes.

Publicada na secção “Correspondência”, a carta de Benoît Mure se intitula “Da necessidade de por termo aos estragos da escarlatina”, datada de 12 de outubro daquele ano. Além da carta, também publicou uma nota, na qual aborda a oferta gratuita de medicamentos. No início da carta, o homeopata afirma a sua preocupação relacionada à doença, reforçada pelas informações presentes no *Jornal do Commercio* em sua edição daquele dia.

Na sequência, faz uma reflexão sobre a vacina desenvolvida por Edward Jenner, considerando-a como um “grande serviço para a humanidade”. Hahnemann, segundo Mure, fez dessa uma descoberta enorme através da lei dos semelhantes, aplicável a qualquer doença e não apenas a uma, como a vacina contra a varíola. Afirma que, no ponto a que chegou a ciência, nenhuma epidemia deve causar temor à humanidade, pois pode ser combatida pela homeopatia. Exemplifica esse pensamento a partir de uma experiência vivida em carne própria, uma epidemia de tifo combatida pela homeopatia, pelo Dr. Scuderi, da cidade de Messina, na Sicília. Outrossim, afirma que a *cholera morbus* “não mata mais de sete ou oito doentes por cento, quando é tratada por meios homœopathicos”.⁴⁵

Após essas considerações, Mure questiona se a homeopatia teria menos força contra a escarlatina do que teve com estas doenças. A resposta, para ele, era óbvia, pois o criador da doutrina homeopática já havia anunciado em 1801 a eficácia da *belladonna* contra esta doença. Indica que o Dr. Meirelles fez curas utilizando essa medicação, mas não atribuiu adequadamente o crédito ao primeiro inventor, ou seja, Hahnemann. Além disso, faz referência a um artigo do Dr. José da Gama e Castro no *Jornal do Commercio*, no dia 10 de maio de 1842, no qual já abordava as propriedades da *belladonna* contra a escarlatina. Mure continua o seu texto fazendo considerações sobre o uso deste medicamento, advertindo sobre a necessidade de serem utilizadas

⁴⁵ *Jornal do Commercio*, n. 274, de 15 de outubro de 1843, p.3. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.

doses adequadas, pois uma superdosagem poderia ser tão perigosa quanto a escarlatina em si. Defendia, portanto, a aplicação de pequenas doses. Cita, também, a utilização de outras substâncias na prevenção e combate da doença, como o carbonato de amoníaco, o ácido fosfórico, entre outras.⁴⁶

Continua a sua argumentação com o uso de terminologia religiosa, como era comum em vários de seus escritos:

Penetrado destas idéas e da santidade de minha missão como discipulo de Hahnemann em uma terra onde a sua doutrina encontra ainda opositoristas, tendo feito, de um mez para cá, tudo quanto podia para cercear os progressos da febre escarlatina nesta corte, espalhando estes princípios, fazendo-os espalhar pelos doentes a quem trato e distribuindo gratuitamente os preservativos homœopathicos a todas as pessoas que m'os vinhão pedir. Odeio tudo aquillo que tenho visto de charlatanismo, e esperava de dia em dia que o flagello se tornasse menos mortífero; mas hoje que vai ceifando diariamente novas victimas, é do meu dever prescindir de uma circumspecção inoportuna, e faço, Sr. Redactor, um apello á sua philanthropia, afim de que todos sejam chamados a aproveitar-se da bemfazeja da descoberta de Hahnemann.⁴⁷

Neste trecho, Mure enfatiza as vantagens da doutrina hahnemanniana como solução para a epidemia de escarlatina, fazendo referência ao oferecimento de medicamentos homeopáticos gratuitos. A nota⁴⁸, publicada logo abaixo da carta, foi intitulada como “Distribuição gratuita dos preservativos homœopathicos da escarlatina na Rua da Misericórdia Nº 29”. Nela, explica-se como a *belladonna* deve ser utilizada, como método preventivo da escarlatina. O emprego desses meios era, segundo a nota, “seguros como a vaccina”.⁴⁹

A leitura dos dois textos – Germon e Mure – permite visualizar a discrepâncias dos dois autoproclamados introdutores da homeopatia no Brasil no que tange ao combate à epidemia de escarlatina. Para o primeiro, a *belladonna*, embora tivesse algum efeito contra a doença, não era capaz de agir como preventivo. Pensamento contrário tinha o Dr. Mure, que defendia a eficácia do medicamento.

O uso da *belladonna* na terapêutica homeopática está presente no *Organon das Artes de Curar*, de Hahnemann. A medicação é citada cinco vezes no corpo do texto, com diferentes aplicações. Nas duas primeiras referências, a sugestão de seu uso

⁴⁶ *Ibid.*, 1843, p.3.

⁴⁷ *Op. cit.*, 1843, p.3.

⁴⁸ A nota estava localizada logo abaixo da carta do Dr. Benoît Mure, mas não estava assinada. Acredito que ele era o seu autor, pois a distribuição gratuita de medicamentos já havia sido mencionada na carta.

⁴⁹ *Op. cit.*, 1843, p.3.

está relacionada à escarlatina ou febre escarlate, como remédio profilático e curativo (HAHNEMANN, 2013). Ou seja, há precedentes sobre a aplicação da *belladonna* na obra fundamental da doutrina homeopática.

Anos depois, em 1847, a escarlatina continuava a se manifestar de forma epidêmica. Galhardo apresenta, de forma jocosa, uma publicação realizada pelo Dr. Idelfonso Gomes no *Jornal do Commercio*, com o subtítulo “Remédio de sua avó. Parece anedota, mas é verídico”, no qual recomendava o gargarejo com molho de pimenta cumary e suco de limão ácido para combater a inflamação na garganta causada pela doença (GALHARDO, 1928, p. 453). João Vicente Martins utilizou essa publicação para, posteriormente, ridicularizar e atacar a Academia Médico-Homeopática, da qual Idelfonso Gomes fazia parte, ao lado de Domingos Duque-Estrada (*Ibid.*, 1928, p. 474).

Galhardo, posteriormente, cita um artigo publicado por João Vicente Martins, à pedido, no *Jornal do Commercio*, no qual volta a abordar a escarlatina epidêmica e o tratamento homeopático correspondente. Defende e reitera, em maiúsculas, o uso da homeopatia pura contra a doença. Segundo o “campeão” da homeopatia, poucos remédios são necessários para combater a escarlatina, advertindo que “especuladores” poderiam querer administrar vários produtos diferentes para extorquir os doentes. Afirma que, na casa da Rua São José, nº 59, os medicamentos necessários seriam entregues gratuitamente a quem os fosse buscar. Termina seu artigo dizendo que “a homœopathia pura é a verdadeira medicina”.⁵⁰ Em geral, a obra de Galhardo aborda de forma muito limitada a respeito da clientela que buscava pelos serviços homeopáticos, tampouco sobre os fatores envolvidos na escolha pela homeopatia. No caso do combate às epidemias, faz referência aos resultados obtidos pela aplicação da terapêutica. Em outras situações, descreve a afluência de pessoas a consultórios gratuitos, como no caso do “consultório homœopathico gratuito para os pobres” criado pela Sociedade Homœopathica Bahiana, fundada como uma filial do Instituto Homeopático do Brasil, instalada na cidade de Salvador por João Vicente Martins, em 1847. Em relatório realizado por Carlos Laperriere, um dos “missionários” enviados pelo Instituto, este informa que, de 736 doentes atendidos em cinco meses, apenas 2,5% faleceram (LAPERRIERE apud GALHARDO, 1928, p.443-446). O oferecimento de consultórios gratuitos era um elemento muito importante para o grupo

⁵⁰ *Jornal do Commercio*, n. 243, de 5 de setembro de 1849, p. 1. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.

de Mure e Martins. Os estatutos do Instituto Homeopático fundado em 1843, por exemplo, estabeleciam que as secções filiais que fossem instaladas pelo Brasil deveriam realizar a oferta de consultas gratuitas aos pobres (GALHARDO, 1928, p.303-309).

A população escravizada foi um dos públicos atingidos pelo atendimento homeopático gratuito, como parte da estratégia de legitimação da prática da homeopatia (PORTO, 1988). Segundo estatísticas, o consultório de Mure e Martins atendeu a 14,42 mil pessoas escravizadas entre 1843 e 1856, além de 67,40 mil pessoas livres no mesmo período (PIMENTA, 2004, p. 50). Em geral, os cuidados para com a saúde da população escravizada eram muito restritos, e a homeopatia se insere como uma possibilidade. No entanto, é pertinente considerar que a:

(...) assistência médica aos escravos não foi defendida como uma questão de caridade cristã, mas como uma medida que trazia benefícios para os proprietários e para o Brasil, era uma solução após a abolição do tráfico. A homeopatia possibilitou a conservação e a multiplicação dos escravos, assim como a garantia da lavoura (PORTO, 1988, p.93).

Nas páginas de *História da Homeopatia no Brasil*, as referências à população escravizada são escassas. Entre os tópicos mais relevantes sobre este assunto, está o relato da abertura de consultório e nosocômio no Morro do Castelo voltados para escravos e a publicação de um artigo pelo homeopata Antonio Idelfonso Gomes, no *Jornal do Commercio* de 25 de agosto de 1850, que teria sido, segundo Galhardo, o primeiro brasileiro a solicitar ao Congresso uma lei que restringisse a escravidão, proibindo a posse de escravos por hospitais, ordens religiosas e pela Fazenda Nacional (GALHARDO, 1928, p.628-629).

A escarlatina parece ter sido uma doença que causou muitas vítimas na década de 1840, convertendo-se em epidemia, com vários picos de contágio. Como referido, a doença ocupava as atenções de homeopatas e alopatas, e estava vinculada, sobretudo, às más condições de salubridade das cidades. É pertinente a realização de estudos específicos sobre a história da escarlatina no Brasil e a abordagem a ela atribuída pela homeopatia, o que não encontrei durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Até aquele momento, as grandes epidemias que atingiam a Europa e parte da América eram consideradas pouco frequentes ou inexistentes no Brasil (KODAMA *et al.*, 2012, p. 60). Nesse sentido, na virada da década de 1840 para 1850, a febre amarela e a cólera chegaram ao Brasil e atingiram fortemente a população, sobretudo

nas cidades. As duas doenças e suas manifestações epidêmicas estão amplamente presentes na tese galhardiana.

A febre amarela, que chega ao Brasil no ano de 1850, transformou a forma como o Estado e a classe médica abordam a saúde e o combate às doenças. No contexto epidêmico, foram criadas a Comissão Central de Saúde Pública e a Junta de Higiene Pública, regulamentada e renomeada em 1851, como Junta Central de Higiene Pública (PIMENTA, 2004). A doença, na cidade do Rio de Janeiro, atingiu quase um terço da população, causando mais de quatro mil mortos na epidemia de 1849-1851. Em 1873 e 1876, também causou uma expressiva quantidade de mortos (BENCHIMOL, 2018).

A culpa pela doença, à época, chegou a ser atribuída às populações escravizadas, acusando-lhes de trazerem a doença nos navios negreiros, bem como fazendo menção à grande incidência da epidemia nessa fatia da sociedade, retratada em escritos da época (BENCHIMOL, 2018; KODAMA, 2009; KODAMA, *et.al.*, 2012).

Para Galhardo, as epidemias de febre amarela serviram para mostrar a superioridade da homeopatia em relação à sua rival, a alopatia. O autor ressalta os benefícios do tratamento homeopático da seguinte forma:

Os médicos homœopathicos estudaram os primeiros doentes que tiveram a seu cargo e dahi firmaram o conhecimento da moléstia num pequeno grupo de medicamentos que cobriam quasi a totalidade dos casos que se lhes apresentavam. *Aconitum, Pulsatilla, Nux-vomica, Arsenicum-album, Mercurius, Phosphorus e Digitalis*, foram os medicamentos constitutivos do pequeno grupo, cujos efeitos, em maravilhosas curas, fizeram com que o povo procurasse os consultórios homœopathicos onde, a experiência lhe havia mostrado, encontraria allivio. A nova medicina foi um linitivo mandado por Deus para salvar centenas de vidas que a allopathia não lhes podia curar (GALHARDO, 1928, p.594).

Galhardo, de forma apaixonada e fazendo uso de figura religiosa, defende enfaticamente a superioridade da homeopatia em relação ao tratamento da febre amarela. Afirma, ainda, que a alopatia perdeu quase que completamente a clínica domiciliar, limitando-se à clínica hospitalar, com maus resultados, como pode ser vislumbrado no trecho a seguir:

A febre amarella serviu para mostrar ao povo, ao governo e aos allopathas, a efficiencia da medicina de Hahnemann. As estatisticas mais rigorosas mostraram que a Allopathia perdeu 80 % dos doentes submettidos a seu tratamento, nos hospitaes, e 60 % na clinica urbana; emquanto que a Homœopathia perdera, apenas, 20 % (GALHARDO, 1928, p.594).

Estes resultados expressivos⁵¹, longe de demonstrarem o valor da homeopatia, levaram a uma oposição cada vez mais ferrenha por parte da alopatia. Na tese galhardiana, foram registradas diversas iniciativas encabeçadas pelos homeopatas no combate à epidemia, com o protagonismo de João Vicente Martins, a principal figura da propaganda homeopática naquele momento, pois Benoît Mure já havia deixado o país. Destaca também a atuação de outros homeopatas, como Alexandre José de Mello Moraes, o qual chegou a clinicar enquanto estava acometido pela doença, na Bahia (GALHARDO, 1928).

Ao abordar a cura de Carlos Chidloe, homeopata que estava voltando da Europa para o Brasil e que fora acometido pela febre amarela em duas ocasiões e curado pela homeopatia, Galhardo afirmou que:

Escusado é dizer que a victoria da Homœopathia foi completa. Rarissimo foi o caso perdido por esses homœopathas. Os casos perdidos o foram de doentes vindos da allopathia e que succumbiam mais à intoxicação allopathica de que propriamente da moléstia (GALHARDO, 1928, p.627).

Percebe-se, mais uma vez, que Galhardo é enfático na defesa da superioridade da homeopatia em relação à alopatia. A sua argumentação é semelhante àquela realizada por João Vicente Martins em relatório apresentado à Sociedade Portuguesa de Beneficência, relativo à Enfermaria São Vicente de Paulo, dependente daquela instituição e destinada, a princípio, para o atendimento de seus sócios. Nesse local, promoveu-se o tratamento homeopático contra a febre amarela epidêmica (GALHARDO, 1928, p.616-624).

A afiliação da homeopatia com as ordens religiosas católicas é recorrente na *História* de Galhardo. Em 1846, foi criada a Irmandade de São Vicente de Paulo, proposta por Martins.

Como sabem os leitores a Irmandade do S. Vicente de Paulo foi fundada pelo Instituto Homœopathico do Brasil, por ocasião da celebração de uma missa por alma de Sylvestre Pinheiro Ferreira, no mosteiro de S. Bento, no dia 3 de setembro de 1846. Mas sabem também que na reunião do Instituto Homœopathico que teve lugar no dia 22 do julho de 1848, foi reencantada a fundação desta irmandade. Devido a isto João Vicente Martins fez inserir, no Jornal do Commercio de 14 de agosto do mesmo anno, um longo artigo estabelecendo o compromisso da irmandade, por todo o império do Brasil, para que fosse instituída a Congregação das Irmãs da Caridade na corte do

⁵¹ É pertinente ressaltar que Galhardo não cita a fonte de onde retirou os dados estatísticos sobre a mortalidade da febre amarela. Posteriormente, ele cita relatório de João Vicente Martins, que apresenta dados estatísticos de duas enfermarias homeopáticas – São Vicente de Paulo e Enfermaria da Marinha Portuguesa, comparando-os com os índices de enfermarias e hospitais alopáticos. Portanto, estes são, provavelmente, os dados que embasam as afirmações de Galhardo.

Rio de Janeiro. Irmandades vincentinas e congregações das Irmãs da Caridade no Brasil são instituições eredas pelo Instituto Homœopathico (GALHARDO, 1928, p.553).

A instalação da Irmandade se deu no ano de 1849, em Salvador. Sobre essa entidade, Galhardo afirma:

Esta irmandade resultará da propaganda de João Vicente Martins que chamara á homœopathia o direito de praticar a caridade, como até então não se havia imaginado no Brasil. Esta irmandade, installada sob a protecção e própria direcção do arcebispo da Bahia, sentia-se perfeitamente aparelhada, para os conseqüentes sucessos de sua prospera existência. João Vicente Martins esforçara-se, para levar aos hospitaes as irmãs da caridade o conseguira todo o seu desejo, amparado como foi por todos os catholicos o mesmo os que não o eram (*Ibid.*, 1928, p.584).

Uma segunda Enfermaria São Vicente de Paulo foi fundada em 1855, no Rio de Janeiro, por um grupo de pessoas dentre as quais se encontrava Carolina Rosa dos Santos Martins, viúva de João Vicente Martins. Neste local, que funcionou por setenta dias durante a epidemia de *cholera morbus* para o atendimento a indigentes, foram tratados 192 doentes e faleceram 26, o que representa, segundo Galhardo, 83% de pacientes curados. Na enfermaria, atuaram médicos, farmacêutico, sacerdotes e irmãs de caridade (GALHARDO, 1928, p.680-681).

Ao mesmo tempo em que afirma que o número de mortos da enfermaria homeopática é menor do que aquele registrado nas enfermarias alopáticas, o propagandista português reconhece que a quantidade de mortos também é elevada. No entanto, o homeopata português atribuiu essa mortalidade ao estado no qual os pacientes chegavam ao local, após muitos terem sido tratados com alopatia. Chega a acusar de que se trata de uma estratégia deliberada. Para Martins, a mortalidade não chegaria a 3% se os pacientes fossem tratados homeopaticamente desde o início. Outro aspecto assinalável deste relatório é o uso abundante de terminologia religiosa, incluindo termos como “cólera divina” (MARTINS apud GALHARDO, 1928, p. 616-624).

Em resumo do ano 1850, pode-se observar dois elementos muito presentes no conjunto da obra de Galhardo: a crença na superioridade da homeopatia e a grande importância conferida à conversão de médicos alopatas para a nova doutrina:

Dia a dia conquistava a homœopathia notáveis médicos que abandonando a escola antiga passavam a praticar-a com dedicação e competência. A população procurava e augmentava a confiança na pratica homœopathica, pois os resultados colhidos pelos homœopathas no tratamento da febre amarella não deixavam vacillar na preferencia (GALHARDO, 1928, p.635).

Anos depois, uma nova epidemia de febre amarela atingiu o Brasil, em 1870. Galhardo afirma que “as epidemias eram sempre anunciadas pelos homœopathas e mais uma vez isto sucedeu”, pois Maximiano Marques de Carvalho fez o alerta, que teria sido ignorado pelas autoridades, criticando abertamente à José Pereira Rêgo, presidente da Junta de Higiene Pública naquele momento (GALHARDO, 1928, p. 710). Na década de 1870, Maximiano de Carvalho fez várias publicações sobre a febre amarela no *Jornal do Commercio*.

A cólera-morbo ou *cholera morbus*, por sua vez, é abundantemente abordada pela bibliografia (ALMEIDA, 2011, BELTRÃO, 2007; PIMENTA, 2004; SANTOS, 2016). A doença causava grande temor entre a população, antes mesmo de sua chegada, em função de sua caracterização como enfermidade epidêmica e pandêmica que se alastrava muito rapidamente (SANTOS, 2016). Ocorreram pelo menos oito pandemias de cólera e aqui dedicaremos atenção àquela ocorrida entre 1853 e 1856, e que atingiu várias partes do mundo, e o Brasil, em 1855 (HØIBY, 2021; PIMENTA, 2004; SANTOS, 2016).

A homeopatia teve uma atuação relevante no combate à epidemia, com o reconhecimento do Estado. Foi elaborada, à época, uma lista dos médicos da cidade do Rio de Janeiro, na qual eram diferenciados de acordo com o seu “sistema de curativo” (PIMENTA, 2004, p.42).

Segundo Galhardo, já em 1848 João Vicente Martins advertiu sobre uma provável epidemia de cólera (GALHARDO, 1928, p.566). Em 1849, Duque-Estrada relatou uma cura de um caso esporádico da doença e, em 3 de março deste ano, Martins entregou um exemplar de sua *Memória acerca do tratamento homœopathico da cholera* ao Imperador Dom Pedro II (*Ibid.*, 1928, p.581). Galhardo reforça, com esses relatos, a ideia de que os homeopatas antecipavam a ocorrência das epidemias.

Já adentrado o terceiro período da história da homeopatia no Brasil conforme a classificação de Galhardo, tem início a epidemia de cólera. O autor de *História da Homeopatia no Brasil* afirma que nos anos de 1855 e 1856 a propaganda homeopática reduziu consideravelmente, pois João Vicente Martins já havia falecido e Benoît Mure já estava longe do país há vários anos, o principal fato assinalável foi a atuação dos homeopatas contra a doença (GALHARDO, 1928).

Como destaca Pimenta (2004), a partir da epidemia de febre amarela e da epidemia de cólera, a alopatia avançou em termos de institucionalização e influência

nas decisões do poder público no que diz respeito à saúde coletiva, o que é exemplificado pela criação e regulamentação da Junta Central de Higiene Pública. No entanto, as discussões internas e a existência de outras práticas de cura eram persistentes e dificultavam a construção de uma hegemonia no campo da saúde. A homeopatia, com considerável atuação e reconhecimento durante as epidemias, colocava-se como uma importante concorrente em relação à medicina oficial.

4 A HISTÓRIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL APÓS MURE E MARTINS: O SURGIMENTO DO INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL E SEUS PROTAGONISTAS (1855-1930).

Realmente o fogo divino se alou sobre o Brasil inteiro, onde actualmente (anno de 1926) a Homœopathia se implantou numa população de mais de trinta milhões de habitantes. Não errarei, certamente, afirmando que mais de cinco milhões se tratam exclusivamente pela therapeutica de Hahnemann (GALHARDO, 1928, p.309).

O presente capítulo é dedicado à história da homeopatia brasileira a partir da morte de João Vicente Martins, contemplando os três períodos seguintes, conforme a definição de José Galhardo. O trecho acima, embora escrito na parte em que o autor aborda o segundo período, apresenta a visão de Galhardo sobre a atualidade da homeopatia. Sua tese, cabe ressaltar, é partidária e defensora da doutrina hahnemanniana, construída no Brasil a partir da base deixada por Mure e Martins e cujo legado era defendido pelo autor.

O terceiro período delimitado pelo autor tem início em 1855, após a morte de João Vicente Martins, e termina em 1878, com o surgimento do Instituto Hahnemanniano Fluminense, renomeado como Instituto Hahnemanniano do Brasil. Há divergências quanto às datas de fundação da instituição, como apresentarei mais adiante. Foi, para Galhardo, uma fase de pouco desenvolvimento da homeopatia brasileira, com limitada propaganda homeopática.

O quarto período, que se estende de 1879 a 1911, ano da morte de Joaquim Murtinho, foi marcado pela atividade irregular do IHB e dos *Annaes de Medicina Homœopathica*. Saturnino Meirelles, Joaquim Murtinho e Francisco de Menezes Dias da Cruz foram figuras destacáveis desta fase, na qual a homeopatia não conseguiu avançar em termos de reconhecimento e oficialização, como era desejado.

O quinto período, iniciado a partir da morte de Murtinho e da curta presidência de Theodoro Gomes no IHB, é considerado por Galhardo como o Período Áureo da homeopatia brasileira, graças à Licínio Cardoso, presidente do IHB de outubro de 1912 até janeiro de 1926. Este homeopata faleceu poucos meses antes da celebração do Primeiro Congresso. Para Galhardo, foi o maior nome da homeopatia brasileira em toda a história.

Sobre o Período Áureo, convém mencionar que José Emygdio Rodrigues Galhardo, além de historiador, é protagonista. Foi aluno da Faculdade Hahnemanniana, membro do IHB, redator dos *Annaes de Medicina Homœopathica*,

organizador do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia. Nesse sentido, é pertinente compreender como o autor aborda a si mesmo como personagem de sua história.

4.1 A HOMEOPATIA DEPOIS DE MURE E MARTINS: O POUCO EXPRESSIVO TERCEIRO PERÍODO (1855-1878)

Após a morte de João Vicente Martins, a homeopatia entrou em uma era de menor exposição pública, considerando que esta é a principal vara de medir usada por Galhardo. Domingos Duque-Estrada, Maximiano Marques de Carvalho, Alexandre de Mello Moraes, Sabino Olegario Ludgero Pinho, entre outros, continuaram a desenvolver seus trabalhos como homeopatas. No entanto, a atividade de propaganda foi menos intensa, especialmente se considerar-se o modelo que era praticado por Mure e Martins.

Galhardo não via este fato como um grave problema, pois a homeopatia já estava consolidada no país:

Com o anno de 1854 encerrou-se o período das polemicas aggressivas e maior intensidade da propaganda. A homœopathia estava aceita pela população brasileira e varias pharmacias satisfazião não só ao receituário medico, mas também aos innumerados indivíduos que munidos dos manuaes homœopathicos exerciam a clinica no Brasil inteiro. Morreu João Vicente Martins, mas deixou solidamente feita a propaganda homœopathica. Não deixou substituto, mas disso já não havia imperiosa necessidade. A Homœopathia estava radicalmente implantada no Brasil, especialmente em sua Capital (GALHARDO, 1928, p.679).

A propaganda homeopática continuou a ser um elemento importante para a difusão da doutrina. Até o final do século XIX, predomina a disseminação generalizada, através dos manuais populares e da imprensa. No novo século, embora a divulgação voltada ao público leigo não tenha deixado de existir, as publicações homeopáticas passaram a ser principalmente dirigidas aos profissionais e iniciados (AMARAL, 2021; WEBER, 2016).

Galhardo reitera em diversas ocasiões que o período em tela teve pouca atividade. Nos resumos ou conclusões que elaborava sobre cada ano, transparece até certa insatisfação com essa situação. Por exemplo, em 1856, “facto algum de importância para a homœopathia ocorreu (...), além da nova victoria obtida no tratamento da *cholera morbus* (GALHARDO, 1928, p.682) e em 1865, teriam ocorrido apenas “Pequenas polemicas e factos outros de relativa importância histórica (*Ibid.*, 1928, p.702).” Fica patente que, para Galhardo, o termômetro da ação homeopática é

a realização da propaganda pública, em relação ao período anterior à criação do atual IHB. Posteriormente, o foco da atuação passa a ser a institucionalização e oficialização da doutrina.

Ao longo deste período, a atuação de Maximiano Marques de Carvalho recebe certo destaque nas páginas de *História da Homeopatia no Brasil*. Este homeopata, que estabeleceu polêmicas com Mure e Martins, tornou-se diretor da Escola Homeopática em 1853, esteve ao lado de Domingos Duque-Estrada⁵² e chegou a ter relação profissional com Joaquim Murtinho, posteriormente rompida (FARIA, 1994; GALHARDO, 1928). Neste terceiro período, Carvalho realizou viagens à Europa e escreveu artigos propagandísticos.

No tocante aos tempos de Mure e Martins, a visão de Galhardo sobre Marques de Carvalho é geralmente negativa. As referências realizadas por Galhardo à Marques de Carvalho chegam a ser jocosas, como na sua abordagem sobre a peculiar ideia de criação de um “círculo eletro-dinâmico” para suprimir as epidemias no Rio de Janeiro:

O Dr. Maximiano Marques de Carvalho concebeu a idéa de um circulo electro-dinamico para supprimir as epidemias no Rio de Janeiro, Bahia e Recife. Era uma idéa um tanto confusa, pois os morros que circumdam a capital do Brasil seriam ligados por uma corrente electrica, desprendendo "o fluido electro-dinamico, que privaria a cidades das epidemias. Baseava-se o systema na producção de ozona. Publicou artigos vários no Jornal do Commercio, a partir de 4 de maio de 1874, defendendo e descrevendo sua esdrúxula idéa, chegando mesmo a apresental-a ao governo imperial. (...) A leitura dos artigos que pelas columnas do Jornal do Commercio, sobre este assumpto, publicou o Dr. Maximiano Marques de Carvalho, de 30 de junho a 23 de agosto de 1876, só desperta ridículo. (...) A ozona matará o mosquito, impedindo assim a formação de larvas ? Quem sabe se o Dr. Marques de Carvalho não terá razão? (GALHARDO, 1928, p.719).

Em 1882, Maximiano Marques de Carvalho chegou a fundar uma nova Escola Homeopática do Brasil. Manifestou, também, a sua contrariedade à criação das cadeiras de homeopatia na Faculdade de Medicina (*Ibid.*, 1928). É chamativo, no entanto, que José Galhardo tenha deixado de inserir, em sua tese, uma menção ao falecimento de Dr. Marques de Carvalho, ocorrido em 1896. Tampouco o faz em relação ao Dr. Domingos Duque-Estrada, falecido em 1902. Essa omissão em particular não parece indicar menosprezo, rejeição ou discordância em relação a

⁵² Maximiano Marques de Carvalho fez parte da Academia Médico-Homeopática juntamente com Duque-Estrada. No entanto, a referida instituição sofreu uma cisão em 1851, originando a Academia Homœopathica do Rio de Janeiro. Ambas instituições foram efêmeras (GALHARDO, 1928, p.639-642).

essas personalidades, o que pode ser verificado em outras passagens, nas quais Galhardo é contundentemente crítico.

A ausência desses obituários ou textos fúnebres ajuda a ilustrar, ao lado de outros elementos, que *História da Homeopatia no Brasil* não segue um padrão de escrita rígido. No entanto, é destacável o fato de que homeopatas de extensa trajetória não tenham a sua data de morte sequer mencionada e outros, de menor transcendência, tenham recebido uma homenagem. Por exemplo, a única inserção relacionada ao homeopata Alexandrino de Alencar, falecido em abril de 1926 é a seção dedicada ao seu falecimento, sem quaisquer outras referências a ele ao longo do texto. No entanto, o mesmo ocorre em relação à homeopatas afins à Mure e Martins, como Sabino Olegário Ludgero Pinho, considerado por Galhardo como o introdutor da homeopatia em Pernambuco (GALHARDO, 1928).

4.2 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA HOMEOPATIA BRASILEIRA: O SURGIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DO INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL

O Instituto Hahnemanniano do Brasil (IHB) é o principal órgão colegiado da homeopatia brasileira até os dias atuais. A instituição ministra cursos, mantém consultórios e uma farmácia em sua sede no Rio de Janeiro, localizada no mesmo endereço no qual, há quase cem anos, foi realizado o Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia.⁵³ A entidade adota o dia 02 de julho de 1859 como sua data de fundação, o que pode ser visualizado em seu brasão e em seu sítio na internet.⁵⁴

No entanto, a história dessa instituição é complexa. Em 6 de junho de 1859, foi fundado o primeiro Instituto Hahnemanniano do Brasil, que “não é o actual Instituto Hahnemanniano do Brasil, que com aquelle nenhuma relação tem (GALHARDO, 1928, p.693)”. Este instituto foi criado por um grupo de vinte pessoas, dentre as quais se destacam Jacintho Rodrigues Pereira Reis, Joaquim José da Silva Pinto e Saturnino Soares de Meirelles. Para Galhardo, o fracasso desta instituição se deve à dissidência homeopática provocada por Domingos Duque-Estrada e o seu grupo, que haviam fundado a Academia Medico-Homœopathica anos antes (*Ibid.*, 1928).

⁵³ A sede do IHB está localizada na Rua Frei Caneca nº 94, no Rio de Janeiro.

⁵⁴ Dados obtidos na página oficial do IHB. Disponível em: <https://www.ihb.org.br/instituto>. Acesso em 29 jan. 2022.

Em oposição ao Instituto, fundam a Congregação Medico-Homœopathica Fluminense, também em junho de 1859. Galhardo é enfático na rejeição a essa instituição e, principalmente, ao Dr. Duque-Estrada:

Esqueceram-se (...) os fundadores da Congregação que a Academia Medico-Homœopathica do Brasil, fundada pelo Dr. Duque-Estrada, morrera sob sua própria direcção sem ter produzido coisa alguma para a homœopathia. Mas o Dr. Duque-Estrada sempre esteve em opposição aos homœopathas que desejavam trabalhar (GALHARDO, 1928, p.694).

As duas instituições tiveram vida curta. Segundo Galhardo, o único legado que deixaram foram algumas edições de suas revistas.⁵⁵

A instituição que deu origem ao IHB surgiu em data incerta. O Instituto Hahnemanniano Fluminense é mencionado por Alexandre de Mello-Moraes em sua *História da Homeopatia no Brasil*, escrita em 1876. Galhardo encontrou a primeira referência ao Instituto no *Jornal do Commercio*, edição de 10 de abril de 1876, que menciona uma petição encaminhada pela instituição em março do mesmo ano. Os estatutos da instituição foram elaborados em 1878 e aprovados no ano seguinte (GALHARDO, 1928, p. 722). Através do acervo disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, encontrei uma publicação do Instituto na edição nº, com o seguinte texto: “Instituto Hahnemanniano Fluminense”. Hoje, 20 de fevereiro, às 6 horas da tarde, haverá sessão do instituto na casa da rua S. José n.59. O 1º secretário, Dr. Murtinho”.⁵⁶ Portanto, é possível afirmar que o Instituto Hahnemanniano Fluminense existiu desde 1875, pelo menos. Participaram desta entidade os médicos Domingos Duque-Estrada (presidente), Joaquim Murtinho e Saturnino Soares de Meirelles, entre outros.

Galhardo, ao abordar o surgimento deste Instituto, estabelece uma discussão histórica, na qual questiona uma afirmação feita por Nelson de Vasconcellos, em um “Epítome da Historia da Homœopathia no Brasil” para o Guia Homœopathico Brasileiro para 1908. Este autor afirmou que o Instituto Hahnemanniano Fluminense era a continuação do Instituto Homœopathico do Brasil, fundado em 1843 por Benoît Mure. Galhardo afirmou que não encontrou documentos que confirmem essa afirmação.

⁵⁵ O primeiro Instituto Hahnemanniano do Brasil teve a “Gazeta”, e a Congregação Medico-Homœopathica Fluminense fundou a “Revista Homœopathica” (GALHARDO, 1928, p.696).

⁵⁶ *Jornal do Commercio*, n. 51, de 20 de fevereiro de 1875. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.

Pôde ser que o Dr. Nelson de Vasconcellos tenha razão, mas não apresentou provas confirmadoras de semelhante facto, cuja importância histórica é extraordinária. Procurando-as, com o maior interesse, não as encontrei. E' possível que o próprio historiador actual ainda venha a encontrar documentos que bem esclareçam esse facto (GALHARDO, 1928, p. 723).

Para Galhardo, era preocupante o desconhecimento da data de fundação do Instituto Hahnemanniano Fluminense, uma vez que este é o mesmo IHB (GALHARDO, 1928, p.727). A mudança de nome foi efetivada pelo Decreto nº 7.794, de 17 de agosto de 1880, que reformou os estatutos do Instituto Hahnemanniano Fluminense. Seu presidente era o Conselheiro Saturnino Soares de Meirelles e o secretário era o Dr. Joaquim Murtinho (*Ibid.*, p.733).

Comquanto seja o Instituto Hahmenanniano do Brasil o próprio Instituto Hahnemanniano Fluminense, não parece ao autor da presente Historia que a data da criação do actual Instituto deva ser a do Instituto Hahnemanniano Fluminense, pois a própria ignorância em que nos encontramos de precisar com rigor esta data tornaria impossível semelhante resolução. Melhor será, parece-me, abandonal-a e tomar para data de criação do actual Instituto Hahneamniano do Brasil a data do decreto do Governo Imperial que aprovou seus Estatutos, isto é, 17 de agosto de 1880 ou então a de 10 de maio de 1879, em que foram aprovados os Estatutos do Instituto Hahnemanniano Fluminense. O Instituto Hahnemanniano do Brasil, resolvendo como melhor parecer á maioria de seus membros, deverá fazer constar essa data em seus Estatutos e annualmente festejal-a. Qualquer dessas datas assignala um acto official de reconhecimento da instituição, o que não succede a outras quaesquer que por ventura ainda possam ser encontradas (GALHARDO, 1928, p.733).

Galhardo reafirma, portanto, que o novo IHB é sucessor do Instituto Hahnemanniano Fluminense, e não do primeiro instituto que recebeu o mesmo nome. Independentemente de sua data de fundação, será a partir de 1880 que essa instituição passará a ter grande relevância como entidade representativa da homeopatia brasileira. Neste trabalho não será abordada a história do IHB de forma mais específica, e sim as percepções de José Galhardo sobre a instituição, enquanto historiador e homeopata.

Galhardo reconhece o mérito de Saturnino Soares de Meirelles e Joaquim Murtinho na fundação do IHB, de Francisco de Menezes Dias da Cruz para a sua recuperação e de Licínio Cardoso, responsável pelo crescimento da instituição, relacionada ao período áureo da homeopatia brasileira.

4.2.1 Saturnino Soares de Meirelles, uma longa presidência

Um dos mais proeminentes homeopatas entre o final do século XIX e início do século XX, Saturnino Soares de Meirelles era filho de um prestigiado médico, Joaquim Cândido Soares de Meirelles, fundador da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, posteriormente Academia Imperial de Medicina.⁵⁷ Segundo Galhardo, o pai, ardoroso inimigo da homeopatia, teria sido salvo da morte pelo uso desta terapêutica, durante a Guerra do Paraguai, o que confessou apenas intimamente ao filho (GALHARDO, 1928, p. 357; 706-707).

Saturnino Soares de Meirelles participou da Escola Homeopática do Brasil, foi um dos fundadores do primeiro Instituto Hahnemanniano, exercendo o cargo de redator da Gazeta da instituição e foi um propagandista da homeopatia. A primeira edição deste jornal foi publicada em agosto de 1859 e inclui um texto de introdução e os estatutos do Instituto. Como epígrafe, apresenta duas citações, que estão muito conformes com as visões de homeopatas existentes naquele período:

“A verdade vos salvará”. Jesus Christo.

“Quando se trata de uma arte salvadora da vida, desprezar aprendel-a he um crime”. Hahnemann.⁵⁸

Percebe-se uma visão sobre a homeopatia marcadamente cristã, semelhante àquela professada por Benoît Mure e João Vicente Martins. O texto de introdução, escrito por Saturnino Meirelles, tem um tom triunfalista, reivindicando a superioridade da homeopatia em relação à alopatia e a necessidade de propagá-la. Expressa, também, a intenção de constituir o Instituto Hahnemanniano do Brasil como “zelador das regras do exercício profissional”.⁵⁹

Nas décadas seguintes, Meirelles teve uma intensa atuação como homeopata. Galhardo destaca uma série de artigos publicados no Jornal do Commercio durante quase um ano, entre 1874 e 1875, com o título “Parallelo entre a Homœopathia e a Alopathia”.

⁵⁷ COC/FIOCRUZ. Meirelles, Joaquim Cândido Soares de. In: Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/meirejocaso.htm>. Acesso em 29 jan. 2022.

⁵⁸ Gazeta do Instituto Hahnemanniano do Brazil, v.1, nº1, de agosto de 1859. Rio de Janeiro, Typographia de Teixeira e Comp. Acervo da Biblioteca Nacional. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/737143/per737143_1859_00001.pdf. Acesso em 30 jan. 2022.

⁵⁹ *Ibid.*, 1859, p.5.

E' um bello paralelo entre a homœopathia e a allopathia, desenvolvido com proficiência e intelligencia, attributos encontrados de sobejo no notável homœopatha Conselheiro Saturnino Meirelles. Faz um estudo meticoloso numa série de 43 artigos, nos quaes estudou a doutrina hahnemanniana, comparadamente com a allopathia, fazendo, emfim, uma synthese nos dois últimos artigos, reveladora da superioridade da homœopathia. Estes artigos que foram reunidos em folhetos, não receberam contestação alguma dos collegas allopathas (GALHARDO, 1928, p.720).

Saturnino Meirelles foi protagonista de uma polêmica no ano de 1879, na qual foi acusado por alopatas por causar a morte de Manuel Luís Osório, o Marquês do Herval⁶⁰. Conforme Meirelles, no *Jornal do Commercio*, foi chamado pela família, mas não assumiu o tratamento do militar, vitimado pela tuberculose, que já estava em um estágio avançado. Em seu artigo, afirmou que a homeopatia poderia ter salvado o ilustre paciente se tivesse sido adotada anteriormente. Neste caso, Galhardo transcreveu apenas o artigo do homeopata, de 22 de outubro de 1879, sem citar onde foram realizadas as acusações, qual o seu conteúdo e tampouco se estas foram assinadas ou não (GALHARDO, 1928, p.728-729). O autor não ofereceu, neste caso, a possibilidade de verificar o teor das críticas realizadas, que motivaram a resposta de Meirelles. Prevalece, portanto, a versão de que a alopatia fracassou no tratamento empregado e que acusava injustamente ao célebre homeopata.

Através de sua atuação, a homeopatia conquistou algumas vitórias, segundo Galhardo. Meirelles conseguiu a implantação de uma enfermaria homeopática na Santa Casa de Misericórdia, da qual esteve à frente por mais de vinte e cinco anos. A mesma função seria desempenhada por Licínio Cardoso anos mais tarde (GALHARDO, 1928, p.769). Sob a sua presidência, o IHB defendeu as farmácias homeopáticas, visando a sua regulamentação, o que de fato ocorreu.

Ao longo do século XIX, incrementou-se a fiscalização e controle relacionados à saúde, o que inclui o funcionamento das farmácias e boticas (VELLOSO, 2007).⁶¹ O regulamento da Junta Central de Higiene de 1851 estabelecia que as farmácias deveriam fornecer medicamentos somente sob prescrição médica e que os

⁶⁰ Militar e político com destacada atuação durante o Segundo Reinado. Chegou ao posto de Marechal e atuou em diversos conflitos armados.

⁶¹ As boticas tiveram a sua origem na Europa, por volta do século X, como locais para a produção e comercialização de substâncias medicamentosas. No Brasil, o seu funcionamento foi autorizado apenas a partir de 1640. Entre o século XIX e o século XX, as boticas ou farmácias sofreram grandes transformações, especialmente com o advento da indústria farmacêutica e novas descobertas científicas, como a toxicologia e a síntese de substâncias orgânicas. No século XX, a maioria das farmácias passaram a ser locais de comércio de fármacos industrializados, ou seja, não produzidos por elas próprias. As farmácias de manipulação, homeopáticas ou não, compõem uma fatia minoritária do mercado atual (EDLER, 2006; GIRARDI, 2021; TEIXEIRA, EDLER, 2012; VELLOSO, 2007).

facultativos não poderiam ser os seus proprietários (BRASIL, 1851; GIRARDI, 2021). São várias as questões relacionadas ao funcionamento dessas empresas, como o possível conflito de interesses existente na posse e administração de farmácias por parte de médicos ou no tocante à discussão sobre a obrigatoriedade da existência de farmacêuticos formados por faculdades oficiais.

Em 1881, teve lugar uma extensa polêmica sobre o funcionamento das farmácias homeopáticas e o seu ajustamento à lei vigente. O IHB realizou uma consulta à Junta Central de Higiene a respeito do encaixe das farmácias homeopáticas às mesmas normas impostas às demais farmácias. A resposta, que foi afirmativa, foi considerada por Saturnino Meirelles como um reconhecimento oficial à prática da homeopatia. No entanto, esse ato, isoladamente, não representou mudança na postura adotada pela Junta de Higiene. Essa questão gerou, além do debate externo, uma discussão interna com visões divergentes sobre o funcionamento das farmácias, especialmente no tocante à formação profissional (GALHARDO, 1928).

A questão das farmácias foi abordada por Joaquim Murtinho, então porta voz autorizado no IHB, nas publicações à pedido do *Jornal do Commercio*, na série de artigos “A Homeopatia e a Alopacia”. Murtinho defendeu posição contrária à obrigatoriedade de formação nas faculdades oficiais, enquanto outros homeopatas, como Francisco Paula Menezes, bem como diversos artigos publicados com pseudônimos, defendiam o oposto (FARIA, 1994; GALHARDO, 1928). Na prática, apesar do regulamento, os donos de farmácias mantinham o funcionamento das mesmas sem farmacêuticos diplomados (FARIA, 1994, p. 58).

O Decreto nº 9554, de 3 de fevereiro de 1886, determinou a reorganização do Serviço Sanitário do Império.

Art. 70. As pharmacias homœopathicas terão por objecto unico e exclusivo aviar as receitas dos medicos homœopathas, sendo-lhes absolutamente prohibida a venda de quaesquer medicamentos além dos preparados pelo systema hahnemanniano; e ficarão submettidas a autoridade e vigilancia da Inspectoria Geral de hygiene, que verificará frequentemente si o presente artigo é observado, applicando, no caso contrario, as penas deste Regulamento (BRASIL, 1886).

Ficava reconhecido, por este dispositivo legal, o funcionamento das farmácias homeopáticas no Brasil. Este regulamento foi assinado pelo Barão de Mamoré.⁶²

⁶² Ambrósio Leitão da Cunha (1821-1898). Foi presidente de várias províncias, senador e ministro dos negócios do Império na época da publicação deste decreto.

Segundo Galhardo, a Junta de Higiene de Salvador (BA) aplicou uma multa a uma farmácia homeopática, determinando o seu fechamento. O seu proprietário, Silvino José de Moura, recorreu ao ministro, que deu parecer favorável à homeopatia. Após relatar essa situação, Galhardo prestou uma homenagem ao Barão do Mamoré como benfeitor da homeopatia e reconhece a atuação de Saturnino Meirelles da seguinte forma:

Poderam assim as pharmacias homœopathicas, á sombra da lei, graças aos serviços prestados pelo Dr. Saturnino Soares de Meirelles, desenvolverem-se, attingindo, como attingiram, a uma situação verdadeiramente notável, como principal instrumento que são da propaganda e sem o qual não poderia a homœopathia adquirir o incremento que adquiriu no Brasil (GALHARDO, 1928, p. 772).

As farmácias homeopáticas são espaços importantes para a difusão da homeopatia (GIRARDI, 2021). É na farmácia que o receituário prescrito pelo médico se materializa no medicamento que combaterá os males que motivaram o paciente a buscar pelo tratamento. A discussão sobre a produção e fornecimento dos medicamentos homeopáticos é um dos principais tópicos abordados por Galhardo ao longo de sua tese.

Esse episódio, que culminou com a publicação do Decreto nº 9554, de 3 de fevereiro de 1886, não resolveu definitivamente a situação das farmácias homeopáticas. A intervenção do Barão de Mamoré nesta questão, a sua vinculação com a Santa Casa de Misericórdia, a permanência na presidência do IHB até 1904, o pertencimento a uma família que possuía uma posição social privilegiada são elementos que indicam a influência e o prestígio que Saturnino Meirelles provavelmente possuía na sociedade do Rio de Janeiro durante a sua vida. No entanto, não foi localizada documentação que possibilitasse traçar um perfil biográfico mais completo. Foi durante a presidência de Saturnino Meirelles, no entanto, que o IHB experimentou um longo período de inatividade. Para Luz (2014), que utiliza Galhardo (1928) como fonte, os homeopatas mantiveram as suas atividades nos últimos anos do século XIX, mas de forma “desarticulada e dispersa” (2014, p. 243).

4.2.2 Joaquim Murtinho, uma “decepção” para Galhardo.

“Homeopatia e Política Imperial”. Este é o subtítulo do livro *Querelas Brasileiras*, de Fernando Antônio Faria (1994), resultado de sua pesquisa de doutorado. Este é um excelente resumo da trajetória de Joaquim Murtinho, objeto daquela pesquisa. Para José Galhardo, o personagem merecia muitos elogios como médico homeopata, primeiro redator dos *Annaes de Medicina Homœopathica* e membro do IHB. No entanto, demonstrava uma grande decepção quanto a sua atuação política pois, mesmo ocupando importantes cargos nos primeiros anos da República, pouco utilizou a sua influência para garantir benefícios à homeopatia.

Murtinho provavelmente foi discípulo de Domingos Duque-Estrada, o que favoreceu a sua entrada e crescimento no Instituto Hahnemanniano Fluminense e, por extensão, no IHB (FARIA, 1994). Sua primeira manifestação pública sobre a homeopatia, no *Jornal do Commercio*, ocorreu em 1875 (GALHARDO, 1928, p.720). Recebeu do Instituto, em 1880, a tarefa de ser seu porta-voz na imprensa, enquanto os *Annaes* ainda não estivessem viabilizados. Deveria publicar três artigos mensais de propaganda no jornal de maior circulação, isto é, no *Jornal do Commercio* (FARIA, 1994; GALHARDO, 1928).

Segundo Faria, Murtinho conquistou benefícios pessoais através dessa tribuna, pois os seus artigos de propaganda acabam por chamar a atenção para a sua clínica médica. Ele tinha interesse, também, nas questões relacionadas à farmácia homeopática, pois era sócio de uma. Faria identifica nele um “pragmatismo oportunista” pois, ao mesmo tempo em que divulgava a doutrina homeopática na imprensa, acumulava poder e dinheiro, às custas do IHB, que era quem arcava com os custos das publicações à pedido no *Jornal do Commercio* (FARIA, 1994).

Uma das polêmicas nas quais o porta-voz esteve envolvido foi a criação da homeopatia dosimétrica pelos médico Marques de Faria e o farmacêutico Paula Menezes. Galhardo cita a série de artigos que os dois publicaram no *Jornal do Commercio* para divulgar a sua criação, a partir de 12 de dezembro de 1880. No entanto, o autor não explica no que consistia a homeopatia dosimétrica, definindo-a como “esdrúxula” (GALHARDO, 1928, p. 743).

O novo modelo criado por Marques de Faria e Paula Menezes tinha a pretensão de reformar a homeopatia. A proposta contrariava a doutrina hahnemanniana, de acordo com o IHB e seu porta-voz, Murtinho (FARIA, 1994).

Em seus “artigos reformistas”, os autores:

(...) diziam concordar com os preceitos basilares da homeopatia e circunscreviam as mudanças pregadas ao campo da farmácia. Mantidos os princípios homeopáticos, os alcaloides das plantas tomariam o lugar das tinturas vegetais, segundo a ideia desenvolvida por eles de “que a virtude medicinal de uma planta é inerente ao seu alcaloide”. A substituição era justificada por seus inventores com o fato de que as tinturas até então usadas não eram estáveis em sua composição, variando com frequência e perdendo a uniformidade. Este mesmo argumento, segundo o mentor do protesto dos homeopatas, servia para desaprovar a própria reforma pretendida, pois a alteração dava-se nos extratos fluídos de maneira mais intensa e amiúde. Quanto à sugestão para o uso externo do emprego da glicerina apresentada como sendo uma contribuição original, sua utilização era corriqueira e já antiga (*Ibid.*, 1994, p.40).

A partir dos dois artigos inaugurais, publicados em 20 e 21 de dezembro de 1880, é possível constatar a preocupação dos autores com a forma de preparo dos medicamentos e a defesa do uso dos alcaloides⁶³ em sua produção.⁶⁴ São várias as restrições apresentadas por Joaquim Murtinho em suas respostas aos “reformadores”, entre elas a ideia de que as substituições sugeridas eram absurdas (os alcaloides) e que careciam de base científica (FARIA, 1994, p.41).

O combate à criação de Marques de Faria e Paula Menezes foi empreendido por aquele ao qual havia sido delegada a defesa da homeopatia na imprensa, Joaquim Murtinho. Foram publicados vários artigos, de um lado e do outro, abordando a homeopatia dosimétrica. Segundo Galhardo, em 12 de fevereiro de 1881, Murtinho decretou vitória, pois os dois criadores “fugiram á discussão” (GALHARDO, 1928, p. 743). No entanto, não é possível definir esse ato simplesmente como uma fuga. Marques de Faria e Paula Menezes sustentavam a polêmica com os seus próprios recursos. As publicações de Murtinho, por sua vez, eram financiadas pelo IHB. Era, segundo Faria (1994), uma disputa desigual, na qual, além da discussão sobre a legitimidade da homeopatia dosimétrica, estavam envolvidos fatores puramente mercantis, visto que Murtinho tinha interesses relacionados à produção e venda de medicamentos, o que os “reformadores” manifestaram em seus artigos durante a polêmica. A homeopatia dosimétrica, aparentemente, não teve continuidade. Galhardo, cabe ressaltar, apenas abordou as respostas produzidas pelo porta-voz do

⁶³ Os alcaloides compõem um vasto grupo de substâncias que podem ser extraídas de fungos e animais, mas principalmente de plantas. Muitos dos alcaloides têm ação medicamentosa. Por exemplo, da *Atropa belladonna L.* é extraída a atropina, que é um alcaloide utilizado pela indústria farmacêutica (CABRAL, PITA, 2015).

⁶⁴ *Jornal do Commercio*, n. 353 e n. 354, de 20 e 21 de dezembro de 1880. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.

IHB, sem mencionar o teor da proposta de Marques de Faria e Paula Menezes (GALHARDO, 1928).

Joaquim Murtinho tinha a pretensão de ingressar na política imperial, como deputado por sua província natal, o Mato Grosso, mas fracassou em diversas tentativas, o que teria provocado nele um grande ressentimento em relação ao Império (FARIA, 1994). Foi professor da Escola Politécnica entre 1874 e 1879, quando foi substituído por um francês, convidado pelo Imperador (CPDOC, s/d; FARIA, 1994). Um dos possíveis indicativos dessa postura foi a dureza com a qual atacou a máxima figura do Império, Dom Pedro II, em relação a sua posição quanto à homeopatia e a sua relação com a ciência como um todo. A origem da polêmica foi um parecer negativo emitido pela Faculdade de Medicina, quanto à criação de cadeiras homeopáticas na instituição. Galhardo transcreveu diversas partes dos textos publicados por Murtinho, nos quais, entre diversas acusações, identifica no Imperador um inimigo da homeopatia (GALHARDO, 1928, p. 757-765).

Os artigos do grande homœopatha foram magistraes. Nelles, além de uma argumentação irresponsível, tal a lógica de que se serviu, encontra-se uma profunda cultura medica e especialmente da medicina homœopathica. Revelam, igualmente taes artigos que o Dr. Joaquim Murtinho, em 1882, já era republicano, tratando o Monarcha com altivez e mesmo aggressão, jamais observadas no commum dos brasileiros (GALHARDO, 1928, p. 765).

Com a República, Joaquim Murtinho, que era um bem-sucedido médico, proprietário de uma mansão em Santa Tereza, no Rio de Janeiro (FARIA, 1994), tornou-se uma figura política relevante. Sua família, influente no Mato Grosso, foi proprietária de um banco, o Banco Rio e Mato Grosso (BRMT), do qual Murtinho foi presidente entre 1891 e 1896 (QUEIROZ, 2010). Tornou-se senador (1891 a 1896 e 1902 a 1911), ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas (1896-1897), durante o governo de Manuel Vitorino Pereira e ministro da Fazenda (1898-1902), na presidência de Manuel Ferraz de Campos Sales (CPDOC, s/d). Foi presidente do IHB entre 1904 e 1911, período no qual estava no exercício de um cargo político.

José Galhardo é contundente em suas críticas à postura adotada pelo Dr. Murtinho após a sua ascensão política. Acusa-o de não ter aproveitado a oportunidade para fortalecer projetos que ele próprio defendia enquanto homeopata, como a criação de um hospital hahnemanniano.

Clinico notável, cuja reputação estendeu-se às mais elevadas classes sociaes, poude o Dr. Murtinho levar e impor o prestigio da homœopathia

nessas classes. Seu prestígio político, porém, nenhum benefício trouxe à homœopathia. Não realizou nenhum dos problemas que anteriormente lhe haviam preocupado, na ocasião em que refutara o parecer da Congregação da Faculdade de Medicina ou nas conferências que fizera na Glória. O Dr. Murtinho, anterior, antes de ser senador ou ministro, foi mais útil à homœopathia do que quando exerceu os elevados cargos políticos que ocupou (GALHARDO, 1928, p.796).

Mais adiante no texto, quando faz um balanço sobre o quarto período da história da homeopatia brasileira, Galhardo afirma:

E', porém, lamentável que o Dr. Joaquim Murtinho, cujo prestígio na administração pública do país era enorme, da qual mesmo era uma poderosa e acatadíssima parcella, não houvesse procurado firmar a homœopathia, dotando-a com os imprescindíveis recursos da officialização, collocando-a sob a tutela official. Foi uma falha de sua administração no Instituto Hahnemanniano no Brasil, mas bem pôde ser que lhe houvesse reservado oportunidade para lhe imprimir maior destaque, sabido, como era, que seria Presidente da Republica se cedo não fora roubado à Pátria e à Homœopathia, pontificando, como pontificou, em ambas. Julgou provavelmente, viver mais do que lh'o permittiu a actividade agitada, cheia de sensações, que abalam mais do que as próprias moléstias, como acontece com essas perturbações da política nacional (*Ibid.*, 1928, p.816).

Galhardo, portanto, é profundamente crítico à ausência de avanços em termos de reconhecimento e oficialização em um momento no qual um eminente homeopata gozou de um considerável prestígio e poder político efetivo.⁶⁵ O historiador esperava que, com a queda da monarquia e o advento da república, a homeopatia alcançasse um novo patamar, o que não ocorreu. O culpado é Joaquim Murtinho (*Ibid.*, 1928, p.815-817).

Nilo Cairo, uma das figuras mais relevantes da homeopatia brasileira naquele período, compartilha da mesma percepção manifestada por Galhardo. Afirmou que o político e homeopata não prestou grandes serviços para a causa, para além do exercício da clínica médica, com o qual teria lucrado, ao cobrar caro por suas consultas. Cairo era profundamente crítico em relação à gestão de Murtinho à frente do IHB (SIGOLO, 1999, p. 266-267).

Em suma, Joaquim Murtinho foi um relevante homeopata que, assim como Saturnino Meirelles, manteve-se atuante em um período de limitados avanços para a homeopatia brasileira (1879-1911). No entanto, para o autor de *História da*

⁶⁵ No entanto, Galhardo realiza pelo menos um elogio à postura política de Murtinho quando, em 1901, o IHB solicita ao ministro a impressão de um folheto a cargo da Imprensa Nacional, o que é negado. Galhardo entende que não havia justificativa para que um impresso desta natureza fosse realizado pela instituição oficial.

Homeopatia no Brasil, a sua postura enquanto dirigente político foi decepcionante, pois não contribuiu para a viabilização de projetos que o IHB defendia.

4.3 O PERÍODO ÁUREO (1912-1930): LICÍNIO CARDOSO E A OFICIALIZAÇÃO DA HOMEOPATIA.

Após o falecimento de Joaquim Murtinho, o IHB ganhou um novo impulso com a assunção de Licínio Atanasio Cardoso (1852-1926) como novo presidente da instituição. Seu irmão, Ignacio Capistrano Cardoso, foi uma figura relevante da homeopatia no Rio Grande do Sul, como propagandista e um dos fundadores da Faculdade Hahnemanniana daquele estado, em 1914. O general Saturnino Nicolau Cardoso, outro irmão, também foi médico homeopata (GALHARDO, 1928; FIOCRUZ, s/d).

José Galhardo adota um tom profundamente elogioso em relação a Licínio Cardoso em toda a sua narrativa, inclusive quando demonstra alguma discordância com ele. Em 1905, no IHB, realizou-se uma discussão sobre a associação de medicamentos em homeopatia. Nesta oportunidade, Cardoso mostrou ser favorável a essa possibilidade, posição compartilhada com Nilo Cairo. Saturnino Meireles, Joaquim Murtinho e Francisco Dias da Cruz, entre outros, foram contra.

José Galhardo, que é contrário ao complexismo homeopático, manifesta a sua discordância com a opinião de Cardoso e Cairo. No entanto, somente o faz mediante rasgados elogios aos dois homeopatas:

O historiador presente, comquanto admire, venere e exalte o valor intellectual, os attributos moraes, a capacidade profissional e scientifica dos Drs. Licinio Cardoso e Nilo Cairo, á cuja memória rende os mais vehementes encomios, não pôde, entretanto, acompanhá-los no conceito que defenderam. Prefere ficar do outro lado, no qual encontra pensamento igual ao seu. Condemna a associação de medicamentos homœopathicos, repelle o complexismo em homœopathia (GALHARDO, 1928, p.805).

Em 1911, surgiu a primeira faculdade hahnemanniana⁶⁶. A sua criação estava respaldada pela Lei Rivadávia Corrêa⁶⁷, que recebeu o nome do ministro do Interior

⁶⁶ A iniciativa foi promovida pelo médico Domingos Marques de Oliveira, juntamente com um pequeno grupo de homeopatas. Licínio Cardoso foi um dos poucos membros do IHB que foi favorável à iniciativa (GALHARDO, 1928, p.825).

⁶⁷ BRASIL. Decreto nº 8.659, de 5 de abril de 1911, que instituía a Lei Orgânica Superior e do Ensino Fundamental na República. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8659-5-abril-1911-517247-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 14 fev. 2022.

do Governo Hermes da Fonseca que a promoveu.⁶⁸ No entanto, este primeiro projeto, que havia encontrado resistência dentro do IHB, teve curta duração, recebendo fortes críticas quanto a seu programa de ensino (GALHARDO, 1928, p. 825-835).

Em 28 de novembro de 1912, Licínio Cardoso apresentou ao IHB a proposta de criação de uma Faculdade Hahnemanniana. Esta instituição, ao contrário de sua efêmera antecessora, tornou-se a principal iniciativa promovida e defendida pelo Instituto. Primeiramente, a instituição foi habilitada para formar profissionais que atuariam exclusivamente como homeopatas (GALHARDO, 1928; SIGOLO, 1999). Em *História da Homeopatia no Brasil*, o desenvolvimento da Faculdade é amplamente explorado, com uma abordagem favorável à instituição e às iniciativas promovidas com o objetivo de conquistar o reconhecimento oficial e a equiparação com as faculdades oficiais de medicina.

“Após um extenso e persistente trabalho, uma titanica luta da razão e do direito contra a inequidade de uns e insinceridade de outros, em que o Dr. Licinio Cardoso se desenvolvia numa actividade que escasseiava a muitos jovens, apesar de ser um septuagenário, assistimos o inicio de uma nova intriga, muito embora houvesse surgido cora o verde de uma immediata esperança. Conquistado o direito, para ser elle reconhecido, menor não foi a luta em que se viu empenhado o Dr. Licinio Cardoso. Os inimigos da homœopathia, como infusorios proliferantes, arranjavam as intrigas mais bem architectadas, occultando a verdade que era calcada ao peso da ausência de escrúpulo de taes indivíduos. Hábeis em taes manejos faliam da própria falsidade a mais abjecta uma clarividente verdade, sob o império do menoscabo á sua individualidade. Mas o Dr. Licinio Cardoso, empunhado o facho da verdade, fez luz onde trevas parecia existir. Ofuscou os inimigos mesquinhos e a Faculdade Hahnemanniana foi equiparada (GALHARDO, 1928, p.943).

A criação e o desenvolvimento da Faculdade Hahnemanniana, bem como do Hospital Hahnemanniano, demandaram grande esforço por parte de sua instituição promotora, o IHB. Para levar este projeto à cabo, foi fundamental a busca por apoio político e amparo estatal. No entanto, esse processo foi intenso, marcado por vitórias, como a concessão, por parte do Estado, de uma área para a construção do Hospital, a obtenção de subvenções, o reconhecimento da utilidade pública do IHB e a conquista da equiparação dos diplomas concedidos pela Faculdade Hahnemanniana

⁶⁸ A Lei Orgânica Superior e do Ensino Fundamental na República, publicada em 1911, “criava a figura do livre docente, eliminava privilégios aos estabelecimentos de ensino criados pelo governo federal, instituía os exames de admissão obrigatórios para o ingresso de alunos nas escolas superiores, e colocava um fim às fiscalizações federais às escolas superiores estaduais e particulares, permitindo que os seus currículos fossem organizados conforme os paradigmas internos de cada instituição, independentemente dos paradigmas oficiais.” UFJF. Linha do Tempo. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, s/d. Disponível em: <http://linhadotempo.uff.br/node/3322>. Acesso em 15 fev. 2022.

àqueles expedidos pelas faculdades oficiais. No entanto, as derrotas sofridas foram duras, como a decisão que suspendeu a equiparação (GALHARDO, 1928).

A fundação da Faculdade e o pleito relacionado à oficialização dos diplomas por ela expedidos indica uma mudança de visão em relação às posições tomadas pelo IHB no passado, que atribuíam pouca importância à legitimação institucional da prática. A instituição, em 1912, passou a reivindicar para si o papel de “aparato autenticador do exercício da homeopatia” (SIGOLO, 1999, p.289-290). Nesse sentido, são pertinentes as considerações de Sigolo (1999).

Construir espaços reconhecidos socialmente, onde a formação de homeopatas se realizasse de maneira a serem aceitos como aptos, do ponto de vista científico, era preocupação dos homeopatas brasileiros, no início do século XX. Mesmo se apresentando como defensores da liberdade profissional, na prática, os membros do Instituto Hahnemanniano ansiavam por controlar a qualificação de seus porta-vozes e equipara-los aos da medicina oficial (*Ibid.*, 1999, p.292).

Desde a sua criação, a Faculdade sofreu a oposição da medicina oficial. No entanto, segundo Galhardo, em sua abordagem amplamente favorável à instituição, ressalta o progresso da instituição desde o seu começo, apesar de seus inimigos:

A Faculdade Hahnemanniana proseguiu inaugurando seus serviços e aulas á medida que se iam fazendo necessários, com impecável regularidade e superior honestidade. Isto, porém, não impedia que os inimigos da Homœopathia aproveitassem estas próprias inaugurações para propalar o virus de sua maledicencia, envenenando e deturpando os factos; invertendo-os a seu paladar de inconscientes inimigos da doutrina Hahnemanniana. (...) A Faculdade, entretanto, progredia augmentando o numero de seus alumnos, colhidos entre diplomados em varias profissões liberaes, como engenheiros, bacharéis em mathematica e sciencias physicas, bacharéis em sciencias jurídicas e sociaes, professores públicos, etc, funcionarios públicos e moços esperançosos e cheios de fé pela doutrina do gênio de Meissen (GALHARDO, 1928, p. 840).

Em 1916, foi inaugurado o Hospital Hahnemanniano, que era uma demanda antiga do IHB. Galhardo atribui o mérito dessa conquista a Licínio Cardoso, “o Presidente do Instituto que maiores e mais assignalados serviços prestou á homœopathia no Brasil”. O presidente da República Wenceslau Braz Pereira Gomes, o ministro da Justiça Carlos Maximiliano Pereira dos Santos e o deputado Félix Pacheco foram homenageados pela instituição através da nomenclatura de suas salas (*Ibid.*, 1928, p.856). Ou seja, a viabilidade da criação da Faculdade e do Hospital está relacionada às conexões políticas estabelecidas pelo Instituto, especialmente por parte de seu presidente. Segundo Galhardo, a instituição possuía uma reserva de

recursos a serem destinados para a construção do nosocômio, mas estes foram destinados para a fundação da Faculdade. Assim, a doação do terreno por parte do Estado, a partir de emenda elaborada por Pacheco foi fundamental para a conclusão desse objetivo (*Ibid.*, 1928, p.852-856). Entretanto, Galhardo é crítico no tocante à contribuição do poder público para a continuidade do trabalho do Hospital:

“Tudo isto tem feito á custa da caridade publica que o tem amparado e de algum recurso que lhe tem proporcionado os poderes públicos. A caridade publica, convém salientar, tem sido mais pródiga; os poderes públicos têm sido bastante aváros para uma instituição que concorre de modo tão frisante para minorar os soffrimentos daquelles que privados de recursos se vêm invadidos pela moléstia e pela miséria.” (*Ibid.*, 1928, p.859)

Em 1917, foi reformada a Lei Rivadavia Correa, que determinava a liberdade de ensino das instituições. Em tese, as faculdades criadas antes dessa mudança não deveriam ser afetadas. No entanto, conforme Galhardo, foi necessário um grande esforço por parte de seus dirigentes, sobretudo Licínio Cardoso, para a sua manutenção em funcionamento e para a validação dos diplomas expedidos pela faculdade (GALHARDO, 1928).

Em 25 de setembro de 1918, por intermédio do deputado Félix Pacheco, foi publicado o Decreto nº 3540, que declarou a utilidade pública do IHB, durante a presidência de Wenceslau Braz. Este instrumento legal oficializou o ensino da homeopatia. Para Galhardo, tratou-se de uma:

Lei salutar que teve o poder de oficializar a homœopathia. Até a presente data, porém, dezembro de 1930, não foi regulamentada. Regulamentação claramente exigida por seu artigo 4º. Comtudo, seja ou não regulamentado este artigo, o Instituto está legalmente autorizado a habilitar médicos e pharmaceuticos homœopathicos. O dia 26 de Setembro é um dia festivo para os homœopathas brasileiros, dia em que a Homœopathia foi oficialmente reconhecida (*Ibid.*, 1928, p.907).

O Decreto, de apenas cinco artigos, estabelecia os seguintes pontos:

Art. 1º Fica o Instituto Hahnemanniano do Brasil reconhecido como associação de utilidade pública.

Art. 2º Além dos médicos formados pelas escolas oficiais ou equiparadas, a clínica homœopathica será exercida pelos profissionais habilitados pelo Instituto Hahnemanniano.

Art. 3º Nenhuma farmácia homœopathica poderá funcionar sem a direção técnica de pharmaceutico habilitado pelo Instituto Hahnemanniano, ou pelas escolas oficiais ou equiparadas.

Art. 4º O Instituto Hahnemanniano fica sujeito ao regimen estatuido pela reforma do ensino vigente.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrario.⁶⁹

Pode-se observar que o decreto possui dois efeitos: por um lado, reconhece a formação conferida pela Faculdade Hahnemanniana. No entanto, por outro, não altera a possibilidade da adoção da terapêutica homeopática por parte dos alopatas.⁷⁰

A equiparação entre os diplomas conferidos pela Faculdade Hahnemanniana e pelas faculdades oficiais ocorreu em 1921. Galhardo, mais uma vez, é enfaticamente elogioso em relação à atuação de Licínio Cardoso. Com essa conquista, os médicos formados pela instituição passaram a estar habilitados para exercer tanto a alopatia quanto a homeopatia (GALHARDO, 1928). José Emygdio Rodrigues Galhardo foi o orador da primeira turma formada pela Faculdade Hahnemanniana após a equiparação de diplomas (*Ibid.*, 1928, p.950).

A partir de setembro de 1924, por aviso publicado pelo Ministro da Justiça João Luis Alves, quando a equiparação foi questionada e diplomas e matrículas foram canceladas, o IHB e a direção da Faculdade, então exercida por Garfield de Almeida⁷¹, atuaram no sentido de recuperar o status alcançado. Galhardo incluiu em sua tese as alegações produzidas pela Hahnemanniana e pelo IHB e artigos de jornal que reverberavam a situação. Licínio Cardoso apresentou, em seu escrito em defesa da Faculdade Hahnemanniana (GALHARDO, 1928, p.974-983). Em dezembro daquele ano, a situação começou a ser revertida, mas uma exigência foi mantida: a mudança de nome da faculdade. Essa situação teve o protagonismo de José Galhardo, e será abordada no seguinte tópico.

Em suma, para o autor de *História da Homeopatia no Brasil*, Licínio Cardoso foi o maior homeopata brasileiro até o momento da escrita de sua obra, e o maior responsável pela construção do período áureo da doutrina hahnemanniana no país. A sua visão é bem resumida neste trecho, escrito por ocasião do falecimento do célebre homeopata, em 1926:

⁶⁹ BRASIL. Decreto nº 3.540. de 25 de setembro de 1918. Reconhece como associação de utilidade pública o Instituto Hahnemanniano do Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-3540-25-setembro-1918-572579-publicacaooriginal-95774-pl.html>. Acesso em 15 fev. 2022.

⁷⁰ Nas alegações apresentadas por Licínio Cardoso contra o fim da equiparação de diplomas, o autor defendeu a ideia de que este decreto, ao invés de garantir a liberdade de ensino da Faculdade Hahnemanniana, causava o efeito contrário, uma vez que, em seu artigo 2º, liberava o exercício da homeopatia a quaisquer médicos. Nesse sentido, apenas a equiparação garantiria a igualdade de direitos entre os médicos formados pelas instituições homeopáticas e alopáticas (GALHARDO, 1928, p.974-983).

⁷¹ Garfield de Almeida, médico alopata, foi diretor do Hospital Hahnemanniano de 1923 a 1927 (GALHARDO, 1928, p.959).

A morte do Dr. Licínio Cardoso representa uma verdadeira hecatombe para o Instituto Hahnemanniano e suas criações. Na data de hoje, em que transporto para a História da Homœopathia no Brasil, seu passamento, cinco anos depois desta irreparável perda, o Instituto ainda não teve um Presidente que o substituísse. Sua actividade, sua dedicação e seu amor às instituições homœopathicas brasileiras, ainda não encontraram um substituto que lhes amparasse com igual pendôr. Dia a dia mais se accentua a falta do homœopatha que maiores serviços prestou á Homœopathia no Brasil. O nome do Dr. Licínio Cardoso, nenhum outro se lhe iguala na História da Homœopathia no Brasil. As paginas desta História estão repletas de factos exuberantemente comprovadores da affirmação que ousamos expender (GALHARDO, 1928, p.1009).

Pode-se afirmar que a homeopatia brasileira, na ótica galhardiana, nasce com Mure e Martins, desenvolve-se com a criação do IHB e atinge o seu esplendor durante a presidência de Licínio Cardoso.

4.4 JOSÉ GALHARDO, AUTOR E PROTAGONISTA DA HISTÓRIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL.

José Emygdio Rodrigues Galhardo, como já explicitado ao longo deste trabalho, não é um historiador imparcial. Em sua tese, constrói uma versão sobre a história da homeopatia que está vinculada as suas visões e interesses pessoais e do grupo no qual estava inserido, em torno do IHB. Ao longo de todo o texto, o autor opina, comenta e interpreta sobre os fatos narrados e os personagens nele envolvidos. Por exemplo, e como já abordado anteriormente, Domingos Duque-Estrada e Joaquim Murtinho sofrem críticas diretas e duras. Acusa o primeiro de promover a divisão da homeopatia e de reivindicar injustamente a condição de introdutor da doutrina no país. Quanto ao segundo, acusa-o de não ter utilizado a sua influência política em benefício da homeopatia e do IHB. Estes são dois casos mais evidentes das “intervenções” de Galhardo em seu texto, mas existem outros cuja análise é pertinente e que permitem traçar um quadro geral das visões sobre homeopatia defendidas pelo autor e que o influenciaram na escrita de sua história.

Galhardo manifestou, em sua tese, posição contrária à criação de cadeiras homeopáticas na Faculdade de Medicina alopática, por ser um “meio hostil”. O contexto desta afirmação é a solicitação realizada pelo IHB ao Imperador no sentido de viabilizar a criação destas cadeiras, em 1881. O governo imperial determinou que a Faculdade fosse ouvida a respeito, e esta criou uma comissão, presidida pelo Dr. João Vicente Torres Homem, situado por Galhardo como um dos principais inimigos da homeopatia.

Esta comissão emitiu um duro parecer, já em 1882, no qual rejeita a criação das duas cadeiras solicitadas, como era previsível. Nega-se qualquer associação da homeopatia com o sistema médico científico e, portanto, era descabível o desejo de inseri-la na Faculdade de Medicina (GALHARDO, 1928, p.753-754). O IHB, por intermédio de seu porta-voz à época, Joaquim Murtinho, e de seu presidente, Saturnino Meirelles, publicou artigos na imprensa em resposta ao posicionamento da instituição alopática. Maximiano Marques de Carvalho, embora fosse contrário à criação das cadeiras, também emitiu opinião a respeito. Por fim, Galhardo emite a sua opinião:

Parece-me que muita razão tinha o Dr. Maximiano Marques de Carvalho condemnando a criação de cadeiras para ensino da homœopathia na Faculdade de Medicina. O resultado seria negativo e impossível de manter estas cadeiras em um meio muito hostil. Dentro em pouco estariam extinctas as cadeiras, como tem succedido em diversas universidade e escolas. Este facto produziria um effeito nocivo e extraordinariamente contrario aos desejos dos propagandistas (GALHARDO, 1928, p. 756).

Cabe ressaltar que o contexto vivido pelo autor no momento da escrita de *História da Homeopatia no Brasil* ainda está marcado pelas discussões sobre o ensino da homeopatia e a equiparação da formação homeopática à alopática.

Outra questão na qual Galhardo manifesta claramente a sua opinião diz respeito aos complexos ou preparados homeopáticos, em 1919. Após uma prolongada discussão com posições favoráveis e contrárias, o IHB decide criar uma comissão para emitir parecer sobre o tema. Esta prática – a formação de comissões para emitir pareceres sobre variados temas – era recorrente nos trabalhos do IHB. Galhardo, no entanto, não encontrou referido parecer, e realizou a seguinte reflexão:

Parece-me, por isso, que a solução homœopathica do caso ferindo, como devia ferir, interesses directos dos industriaes de taes productos sócios do Instituto, acarretaria improductivas discussões, a commissão nenhum parecer apresentou e resposta alguma, portanto, foi dada â Saúde Publica, prevalecendo assim a opinião do Dr. Licinio que o Instituto não podia approvar nem reprovar taes complexos GALHARDO, 1928, p. 910).

Trata-se, portanto, de uma interpretação do autor, sem base documental. Na sequência, manifesta o seu posicionamento, radicalmente contra estes preparados ou complexos:

Em minha opinião pessoal, baseada nos princípios fundamentaes da doutrina homœopathica, affirmo que um medicamento qualquer não submettido ao experimento hahnemanniano não é homœopathico. O interesse mercantil não deve sobrepor-se ao interesse scientifico. Quaesquer dos preparados

vendidos pelos laboratórios e pharmacies homœopathicos, cujo abuso diariamente augmenta, não constituem medicamentos homœopathicos. Aberram da doutrina hahnemanniana e devem ser repellidos pelos homœopathas (GALHARDO, 1928, p. 910).

Este posicionamento permite entender melhor como Galhardo observa a homeopatia. Os medicamentos aos quais se refere eram vendidos nas farmácias homeopáticas e tinham ampla publicidade na imprensa. Atingiam, portanto, a um público amplo, que utilizava estes produtos muitas vezes sem a intermediação de um médico. Galhardo rejeita, portanto, que estes produtos de ampla circulação sejam considerados como homeopatia.

Em 28 de outubro de 1920, em sessão ordinária do IHB, Licínio Cardoso apresentou uma moção elaborada pelos alunos do 6º ano da Faculdade Hahnemanniana. Tratava-se de uma consulta a respeito de seus direitos e deveres como médicos homeopáticos, em função do Decreto nº 3.540, de 25 de setembro de 1918, que reconhecia o IHB como associação de utilidade pública. Pedem a intervenção do presidente do Instituto, no sentido de impedir que a sua liberdade profissional fosse cerceada, “ao menos até que se defina o que seja clinica homœopathica” e que os seus diplomas fossem registrados pela Saúde Pública (GALHARDO, 1928, p. 939).

Esta interpelação deu origem a uma “animada discussão” no IHB. Diante das polêmicas relacionadas à formação e ao exercício profissional da homeopatia, a oficialização da Faculdade Hahnemanniana e a possível equiparação dos diplomas da instituição aos concedidos pelas faculdades alopáticas, essa discussão teve considerável repercussão interna. À extensa discussão, seguiu-se a ideia da criação de uma comissão, com a tarefa de determinar o que significava clinicar homeopaticamente. A proposta foi realizada pelo Dr. Baptista Pereira determine “o que se deve entender por clinicar homœopathicamente. passando o mesmo parecer depois de discutido e aprovado, a constituir doutrina firmada” (*Ibid.*, 1928, p.939).

A comissão apresentou o seu parecer no dia 11 de novembro⁷², e adotou o seguinte posicionamento:

⁷² A Comissão foi composta por Francisco Dias da Cruz, Alfredo Magioli e Godoy e Vasconcellos. Quanto à “Godoy e Vasconcellos”, não consegui identificar a qual homeopata que se refere. Não há mais nenhuma menção à “Godoy”, e vários homeopatas daquela época tinham “Vasconcellos” como sobrenome.

A comissão começa por declarar-se sem autoridade para resolver o assumpto, quanto á segunda parte da proposta. Quanto á primeira parte, conclue a comissão que o medico homœopatha precisa e deve empregar agentes dynamisados para curar o mal, podendo, porém, empregar acções mecânicas ou substancias medicinaes em natureza para afastar a causa accidental, cuja presença produza ou aggrave á moléstia. E' o que estatue o chefe da escola homœopathica, no paragrapho 7.º do *Organon*, que *verbum ad verbum* transcrevemos, diz o citado parecer (*Ibid.*, 1928, p.940).

Portanto, a Comissão optou por não impor um modelo de clínica homeopática e apresentou uma definição bastante genérica sobre o tema, a partir da doutrina de Hahnemann. Essa era uma questão delicada. Por exemplo, o Dr. Alcides Nogueira da Silva, um dos membros do Instituto, afirmou que apresentaria a sua demissão do Instituto e da Faculdade caso a instituição caminhasse no sentido de definir um modelo padrão de homeopatia a ser seguido, advogando pela liberdade do exercício da homeopatia (*Ibid.*, 1928, p.940).

José Galhardo, neste ponto, resolve expor claramente a sua posição a respeito, “no desejo de concorrer com seu coefficiente pessoal para a definição do que vem a ser "clínica homœopathicamente” (*Ibid.*, 1928, p.940).

Clinicar homœopathicamente é prescrever a seus clientes os meios e a medicação de conformidade com o *Organon* da arte de curar, isto e,— prescrever medicamentos segundo a lei *similia similibus curantur*. Poderá o medico prescrever os medicamentos em substancia, tintura mater, diluições ou dynamisações, conforme o estado em que fôr feito o experimento puro e de accôrdo com a lei dos semelhantes (GALHARDO, 1928, p.940-941).

Até este ponto, a sua definição é muito semelhante àquela elaborada pela comissão formada pelo IHB. Continua:

Prescreve-se homœopathicamente sempre que se administra um medicamento segundo a semelhança a mais perfeita entre sua pathogenesia ou moléstia artificial e a moléstia natural representada no doente, pouco importando que administre uma tintura mater ou uma millesima. Intervir cirurgicamente quando a moléstia não fôr de natureza medica e sim cirúrgica, como corpos extranhos, collecções purulentas, tecidos sem vitalidade, fracturas, etc, mas em todos os casos administrando o medicamento homœopathico o mais semelhante com a natureza do doente, com a sensação das dores, o traumatismo, a incisão, etc. E' o que me parece ser clinica homœopathicamente (GALHARDO, 1928, p.941).

Galhardo abre a possibilidade para o emprego de medicamentos dinamizados ou, inclusive, diretamente tinturas, conforme o critério do médico e contempla a adoção da prática cirúrgica quando for necessário. No entanto, em sua concepção, esta deve ocorrer sempre e quando estiver associada ao uso de medicamentos homeopáticos. Portanto, verifica-se que, para Galhardo, o clínico homeopata deve

empregar apenas medicamentos homeopáticos, sem abrir a possibilidade de uso de outras substâncias.

José Galhardo, além de manifestar as suas opiniões sobre alguns dos temas abordados em seu trabalho, relata acontecimentos nos quais ele é um dos personagens envolvidos. Aqui, será abordada a polêmica relacionada à mudança de nome da Faculdade Hahnemanniana, no contexto das discussões sobre a oficialização da prática homeopática e a equiparação de diplomas com as faculdades oficiais, e a saída de Rodoval de Freitas da direção do Hospital Hahnemanniano, sendo substituído por Galhardo.

A discussão sobre a alteração do nome da Faculdade Hahnemanniana para Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano ocorreu em uma longa sessão do IHB, com grande participação de membros. Apenas três votos foram contrários à mudança: José Dias da Cruz, Theodoro Gomes e José Emygdio Rodrigues Galhardo (GALHARDO, 1928, p. 990-991). A troca de nome, portanto, foi efetivada.

Nesse ponto, o historiador da homeopatia foi parcial. Expôs o conteúdo apenas de seu voto para, posteriormente, destacar a inutilidade da decisão, haja vista a continuidade da oposição e “traíçoeira perseguição” por parte dos “inimigos da homeopatia” (*Ibid*, 1928, p.991). Para Galhardo, a mudança de nome era uma traição à Hahnemann.

O caso do Hospital Hahnemanniano e seu diretor, Rodoval de Freitas, gerou uma grande celeuma institucional. Para narrar esse acontecimento, Galhardo faz um ato de reivindicação de sua imparcialidade:

Parecia a quem assistia a evolução do Hospital Hahnemanniano que o Dr. Rodoval de Freitas vinha prestando optimos serviços, a este Hospital, como já me referi paginas atraz. Mas uma questão de ordem administrativa provocou um conflicto de tal ordem no seio do Instituto que o Dr. Rodoval se sentiu forçado a deixar o cargo que vinha exercendo. Mostrou este conflicto a irregularidade administrativa do Dr. Rodoval de Freitas, como adeante mostrarei. Historiarei os factos, com toda a imparcialidade, embora nelles me tivessem envolvido (*Ibid.*, 1928, p.992).

A polêmica teve início com uma queixa apresentada pela Madre Provincial e Superiora do Hospital, em relação ao tratamento dispensado às irmãs de caridade pelo diretor Rodoval, anunciando a sua disposição para abandonar a instituição em três meses. Segundo Galhardo, as irmãs “allegaram que o Director do Hospital lhes tirava todo o prestigio e que uma das Irmãs fora desrespeitada por um interno, não

tendo a directoria tomado uma providencia sobre tão lamentável incidente” (GALHARDO, 1928, p.992). Como possível solução, estabeleceram-se dois cenários: um pedido de demissão apresentado pelo diretor, inicialmente negado pelo IHB, ou a substituição da madre superiora, por sugestão de Licínio Cardoso. A questão deu lugar a sucessivos debates nas sessões do IHB, nos quais Rodoval de Freitas e José Galhardo adotaram posições enfrentadas. Por fim, em agosto de 1924, o Instituto terminou por aceitar a demissão do diretor. Como substituto, foi nomeado o Dr. Galhardo, para completar o tempo de mandato restante, até o ano seguinte. Licínio Cardoso elaborou um relatório sobre a situação encontrada no hospital após a saída de Rodoval de Freitas, que foi publicado nos *Anais de Medicina Homeopática* e transcrito por Galhardo em sua tese. Neste texto, apresenta uma série de irregularidades, relacionadas ao funcionamento da instituição, realização de reformas e problemas no livro de contas. Cardoso fez publicar nos Anais, também, dois textos publicados por Rodoval de Freitas no *Jornal do Brasil*, em resposta às acusações recebidas.

O autor de *História da Homeopatia no Brasil* apresenta a sua atuação à frente do Hospital da seguinte forma, sem apresentar muitos detalhes:

O Dr. Galhardo, autor desta Historia, eleito para o cargo de Director do Hospital Hahnemanniano, em sessão extraordinária do Instituto Hahnemanniano realizada a 13 de agosto de 1924, assumiu as funcções deste cargo no dia 15. Manteve-se no exercicio destas funcções até no dia 2 de maio de 1925, preenchendo assim o tempo que faltou para completar o período para o qual havia sido eleito o Dr. Rodoval de Freitas, sendo substituído pelo Dr. Sabino Theodoro da Silva Júnior, que ainda se conserva nesse cargo. O Dr. Galhardo, ao deixar as funcções de Director do Hospital Hahnemanniano, apresentou um minucioso relatório de tudo quando houve nessa instituição de caridade durante os nove mezes em que se viu na direcção deste hospital. Nesse relatório suggeriu medidas, quer de creações quer de modificações, próprias para dar maior desenvolvimento, quer para melhor aproveitamento, quer, emfim, sobre as condições financeiras da instituição. Este relatório acha-se publicado ás paginas 122-143 dos Annaes de Medicina Homœopathica, relativos a maio e junho de 1925.

Um dos assuntos pouco abordados por Galhardo, com exceção para o período de atuação de Mure, Martins e seus seguidores, é o uso popular da homeopatia, expresso, por exemplo, pela ampla circulação de manuais, como, *Humphrey's Mentor* ou *Mentor do Dr. Humphrey*, muito difundido no Brasil entre o final do século XIX e início do século XX (AMARAL, 2021).

O grupo de Mure e Martins defendia que o acesso ao conhecimento homeopático deveria ser destinado à população em geral, visando o uso leigo e

doméstico da homeopatia, o que resultou na produção de diversos livros voltados para esse público (AMARAL, 2021; TARCITANO FILHO, WAISSE, 2016). No entanto, a partir do final da propaganda homeopática exercida por estas duas figuras, sobretudo a partir do século XX, percebe-se que a produção realizada pelos homeopatas é voltada para um público mais técnico, indo ao encontro dos objetivos demarcados pelo IHB, isto é, a oficialização da formação homeopática (WEBER, 2011).

Digno de menção neste tópico o caso da pandemia de influenza de 1918-1919, mais conhecida como Gripe Espanhola (SILVEIRA, NASCIMENTO, 2018). Este foi mais um dos silêncios de Galhardo, que não abordou esse assunto em sua tese. A doença teve grande impacto no país, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, sede do IHB e local de residência dos principais homeopatas brasileiros. Não foram encontrados subsídios para compreender o porquê este tema foi omitido, mas o considero digno de menção.

Durante a pandemia, que se espalhou rapidamente pelo país ao longo do segundo semestre de 1918, as autoridades nacionais e locais buscaram adotar medidas para diminuir a transmissão da doença e minimizar o caos gerado pela grande quantidade de pessoas contaminadas e de óbitos. A população, por sua vez, utilizou uma série de medicamentos e outros produtos milagrosos que prometiam a cura ou até a imunização contra a gripe (SILVEIRA, NASCIMENTO, 2018). A alopatia e a homeopatia buscaram dar respostas à situação. Os jornais do período ofereciam toda sorte de medicamentos e tratamentos contra a doença (BERTUCCI, 2006).

Um dos personagens citados por Galhardo é Alberto Seabra, proprietário de um laboratório industrial homeopático. O historiador da homeopatia é elogioso em relação à Seabra, mas não realiza nenhuma menção em relação a sua atuação durante a gripe espanhola. A *Grippina* era um medicamento homeopático formulado pelo laboratório e que foi amplamente vendido durante a pandemia (BERTUCCI, 2006, JORNAL DO BRASIL, 1918, 1919). No entanto, essa medicação já era vendida anos antes. Encontrei registros n' *O Paiz* e no *Jornal do Brasil*⁷³ já em 1911 e 1916, com anúncios da farmácia homeopática de Adolpho de Vasconcellos, um membro do IHB (GALHARDO, 1928; O PAIZ, 1911, 1916, JORNAL DO BRASIL, 1911). Provavelmente, uma pesquisa mais extensa encontrará mais menções na imprensa

⁷³ *O Paiz* era um jornal matutino que circulava na cidade do Rio de Janeiro, entre 1884 e o início da década de 1930. BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-paiz/>. Acesso em 22 fev. 2022.

sobre este medicamento que era vendido, aparentemente, em grande escala. A Grippina e outros produtos homeopáticos utilizados naquele momento eram anunciados cotidianamente na imprensa e eram comercializados em todo o país.

Em São Paulo, como em diversas outras cidades brasileiras, no final da década de 1910, eram vários os “específicos” que estavam à disposição dos adeptos da homeopatia. Associando em doses corretas vários produtos, os “específicos” eram indicados para acabar com diferentes doenças: de tuberculose a sífilis, de tumores a enxaqueca, de coqueluche a cáries dentárias. Laboratórios bem equipados de São Paulo e do Rio de Janeiro estavam entre os grandes fornecedores de produtos homeopáticos do país (BERTUCCI, 2006, p.79).

Não encontrei, na historiografia, uma explicação para o silêncio de Galhardo sobre a gripe espanhola. Como possíveis motivos, pode-se elencar a existência de alguma discordância do autor com a atuação dos homeopatas durante a pandemia ou a ausência deste tema nas fontes utilizadas pelo autor. No que diz respeito a medicamentos como a Grippina, cabe ressaltar que, como já expus neste trabalho, Galhardo negava o status de homeopático aos chamados complexos ou preparados homeopáticos, categoria na qual julgo estar incluído este produto.

Quando fala de si, Galhardo utiliza o mesmo recurso adotado em outras oportunidades, reivindicar a sua imparcialidade como historiador. No entanto, fica patente que a leitura realizada pelo autor a respeito dos fatos narrados é pautada por suas visões a respeito da medicina, da homeopatia e da organização que as instituições devem assumir, como a ortodoxia homeopática, o unicismo e o ensino da doutrina homeopática em escolas próprias. O mesmo pode ser observado em relação às opiniões apresentadas pelo autor.

4.5 GALHARDO, A HOMEOPATIA E O ESPIRITISMO

A adoção da terapêutica homeopática por parte de pessoas e instituições teve uma importância considerável para o espiritismo no Brasil, conforme abordado por diferentes trabalhos no campo das ciências sociais (ARRIBAS, 2008; *Ibid.*, 2013; AURELIANO, 2012; GIUMBELLI, 1997; MÍKOLA, 2012; WEBER, 2013). Os espíritas consideram que a causa das moléstias que atingem o corpo físico tem origem espiritual e, portanto, deveriam ser tratadas a partir dessa ótica (CAMURÇA, 2016; GIRARDI, 2021). As doenças seriam resultado do conjunto das experiências vividas ao longo de toda a trajetória espiritual (GIRARDI, 2021).

No entanto, a cura física, ou seja, a busca pelo alívio das dores que atingem o corpo material, ganhou grande importância no Brasil, influenciando na configuração adotada pelo movimento espírita (DAMAZIO, 1994; GIRARDI, 2017, 2021; GIUMBELLI, 1997; MÍKOLA, 2012). Por exemplo, para a legitimação e consolidação da Federação Espírita Brasileira (FEB), fundada em 1884, o Serviço de Assistência aos Necessitados teve um importante papel. Nesse local ocorria a prescrição de receituários mediúnicos, nos quais geralmente era indicado o uso de medicamentos homeopáticos (GIRARDI, 2021; GIUMBELLI, 1997, 2003; MARQUES, 2015; SCHERER, 2020). A Assistência foi criada em 1890, durante a gestão de Francisco de Menezes Dias da Cruz como presidente da Federação (ARRIBAS, 2008). Sobre a instituição, Giumbelli (2003) observa que:

(...) a Federação Espírita Brasileira sempre funcionou como sede da realização de sessões religiosas e atividades de caráter assistencial, além de centro de divulgação do espiritismo. Entre suas atividades, estavam alguns serviços terapêuticos, como o "receituário mediúnico", a aplicação de "passes" e a doação de remédios homeopáticos. Em função da manutenção de tais serviços, a Federação Espírita Brasileira sofreu, por várias vezes, a investida de autoridades sanitárias, algumas das quais resultando em inquéritos policiais e processos criminais (GIUMBELLI, 2003, p. 250).

Há uma série de características semelhantes entre espiritismo e homeopatia no tocante à origem e tratamento dos males físicos, emocionais ou mentais que atingem o ser humano. As doenças estão relacionadas a desequilíbrios que atingem o organismo como um todo, e não apenas uma parte específica. Dessa forma, o tratamento deve contemplar o indivíduo em sua integralidade (ARRIBAS, 2008; GIRARDI, 2021; MÍKOLA, 2012; WEBER, 2013). Allan Kardec, criador da doutrina espírita, abordou a homeopatia em sua obra, acolhendo-a enquanto doutrina médica afim ao espiritismo (SIGOLO, 1999; WEBER, 2013).

Pode-se afirmar que José Emygdio Rodrigues Galhardo era contrário à vinculação entre espiritismo e homeopatia. No entanto, é possível fazer isso apenas através de outras fontes, pois em *História da Homeopatia no Brasil*, as referências ao espiritismo são escassas⁷⁴. Em um texto de 1933, intitulado *Por que o Povo Julga Serem Espíritas os Homeopatas*, que corresponde a uma conferência proferida por Galhardo, este expressou o seu rechaço à vinculação entre as duas doutrinas

⁷⁴ O uso do termo espírito, por sua vez, é abundante, mas em um sentido diferente da interpretação espírita, sendo mais vinculado ao conjunto das habilidades mentais de um indivíduo e da sua forma de ser e estar no mundo.

(MÍKOLA, 2012; SIGOLO, 1999). No entanto, em sua obra magna, opta por negligenciar este tema. Este silêncio de Galhardo é especialmente destacável quando consideramos que uma das figuras mais referenciadas e elogiadas em seu texto, Francisco de Menezes Dias da Cruz, seu contemporâneo, foi, além de homeopata, um proeminente espírita. Esse aspecto, já observado pelas historiadoras Míkola (2012) e Sigolo (1999), é passível de uma análise mais aprofundada.

A primeira menção de Galhardo ao espiritismo ocorre apenas na página 850 de seu texto. Considerando a envergadura de sua obra e o fato de que ela está dividida de forma cronológica, é chamativo que a primeira referência venha apenas neste ponto. Naquele momento, o espiritismo já estava implantado no Brasil há várias décadas, com diversas instituições espalhadas pelo país e com a adoção da terapêutica homeopática em muitas delas. (ARRIBAS, 2008; AURELIANO, 2012; GIUMBELLI, 1997; MÍKOLA, 2012; SIGOLO, 1999). Após narrar fatos ocorridos na década de 1910, o autor apresenta o histórico da homeopatia em dois estados brasileiros: Ceará e Paraná.

Sobre o Paraná, Galhardo afirmou que a homeopatia foi introduzida por João Felipe Sarty, em 1847, e, nos anos posteriores, foi exercida por homeopatas que não eram formados em medicina. Posteriormente, afirmou que “muitos mediums espíritas têm clinicado e clinicam ainda homœopathicamente no Paraná, como em outros Estados do Brasil”, frase que não é sucedida por nenhum juízo a respeito. Em seguida, afirma que o primeiro médico homeopata a chegar no estado foi o Dr. Ignacio Guasque, em 1896, mas sem estabelecer clínica. A primeira farmácia foi fundada pelo Centro Espírita de Curitiba, presidido por Manoel José da Costa Cunha (GALHARDO, 1928, p. 848-850).

Para Galhardo, a principal figura da homeopatia paranaense foi Nilo Cairo da Silva⁷⁵, primeiro médico a estabelecer clínica homeopática em Curitiba. Com uma extensa atuação, Cairo é citado várias vezes ao longo de *História da Homeopatia no Brasil*. Faleceu em 6 de junho de 1928, portanto, anteriormente à publicação do livro

⁷⁵ Nilo Cairo da Silva (1874-1928) foi um médico homeopata paranaense, com uma extensa obra vinculada à homeopatia. Também foi militar, engenheiro e bacharel em ciências físicas e matemáticas. Foi um dos fundadores da Universidade do Paraná, atual Universidade Federal do Paraná, iniciativa através da qual buscou dar legitimidade acadêmica para a homeopatia. Criou a *Revista Homœopathica do Paraná*, em 1906, posteriormente convertida em *Revista Homœopathica Brasileira*, em 1908, e foi redator dos *Annaes de Medicina Homœopathica* (SIGOLO, 1999).

do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia. Lamentando-se pelo ocorrido, Galhardo (1928, p. 851) afirmou que:

Com o falecimento do Dr. Nilo Cairo cessou no Paraná a propaganda homœopathica. De modo que actualmente não ha mais pharmacia homœopathica nesse importante Estado da Republica Brasileira, como também medico homœopathico que lhe succedesse. **A homœopathia no Paraná está entregue aos mediums isto é, aos espiritas e curandeiros**⁷⁶.

Neste trecho, pode-se perceber a visão negativa de Galhardo a respeito do exercício da prática homeopática por parte de espíritas. A morte de Cairo significava, de certa forma, uma derrota, pois a homeopatia estaria entregue aos médiuns e curandeiros. O autor não cita fontes que referendam as suas afirmações, isto é, a inexistência de farmácias homeopáticas no estado ou a falta de outros médicos propagandistas. Neste ponto, é pertinente ressaltar que, na ótica espírita, a aplicação da homeopatia se dá através da intervenção do mundo espiritual, por intermédio dos médiuns (GIRARDI, 2021; GIUMBELLI, 1997; MARQUES, 2015). Pode-se afirmar que esse modelo de prática homeopática era diametralmente oposto ao pensamento de Galhardo, que via a homeopatia como uma ciência positiva e afastada do misticismo (MÍKOLA, 2012; SIGOLO, 1999).

A menção seguinte ao espiritismo, neste caso usando o termo “espiritualismo”, diz respeito à “conversão do Dr. Alberto Seabra”. A citação é breve, e diz respeito a obras espiritualistas por ele escritas, mas sem especificar do que se trata. A terceira e última referência ao espiritismo é a mais contundente de todas, mas não foi escrita por Galhardo, e sim por Licínio Cardoso, presidente do IHB. Essas considerações foram realizadas em um momento conturbado da história da homeopatia brasileira, que foi a anulação de diplomas e matrículas da Faculdade Hahnemanniana, o que representava o fim da equiparação dos títulos concedidos por esta instituição aos emitidos pelas faculdades oficiais de medicina (GALHARDO, 1928, p. 891).

Em sua argumentação, Cardoso descreveu o processo que levou a Faculdade a pleitear a sua oficialização e a equiparação de diplomas (*Ibid.*, 1928, p. 974-976). Os trechos que serão expostos a seguir constam desse texto e foram retirados de uma exposição escrita por ele e encaminhada ao deputado Félix Pacheco, que atuou em favor da lei de reconhecimento oficial da Faculdade. Inicialmente, Cardoso destaca a relevância alcançada pela homeopatia naquele momento:

⁷⁶ Grifo meu.

E' fora de duvida que a Homœopathia tem grande acceitação no Brasil e especialmente nesta capital. Nas baixas como nas mais elevadas classes da nossa sociedade é grandemente usado o tratamento homœopathico, pois a intervenção dos médicos homœopathistas tem sido solicitada pelas mais variadas personalidades, desde os Chefes de Estado até humildes indigentes (CARDOSO apud GALHARDO, 1928, p.976).

Neste trecho, Cardoso expõe, segundo a sua visão, as credenciais com as quais a homeopatia se apresenta à sociedade brasileira. Na sequência, ele elenca quais são os principais riscos ao prestígio da doutrina: “a) existência de charlatães que pretendem curar pela homœopathia; b) existência das pharmacias homœopathicas sem farmacêuticos (*Ibid.*, 1928, p.976).” Neste primeiro item, Cardoso inclui a associação entre homeopatia e espiritismo.

Quanto ao primeiro caso é fácil de comprehender-se a respectiva perniciosidade. Se as pessoas de certa cultura intellectual recorrem aos verdadeiros médicos homœopathas, isto é aquelles que se têm especializado no emprego da therapeutica hahnemanniana, não acontece assim com o vulgo ignaro, que recorre de preferencia aos charlatães (*Ibid.*, 1928, p.976)..

Neste excerto, Licínio Cardoso faz um juízo explícito a respeito das pessoas que recorrem ao tratamento homeopático. Afirma que apenas o “vulgo ignaro” recorre àqueles que, segundo o seu juízo, são charlatães e as pessoas com maior nível intelectual recorreriam aos médicos homeopatas. Ou seja, entende-se que é necessário certo conhecimento de mundo para fazer essa diferenciação.

Na sequência, afirma que, ao procurar um médico homeopata, “nenhum mal pôde sobrevir ao cliente senão o que resulta de um erro porventura profissional, cousa que não é rara, aliás entre os médicos os mais notáveis de qualquer credo therapeutico” (*Ibid.*, 1928, p.976). No caso dos charlatães, essa segurança seria inexistente.

Cardoso identifica dois males principais relacionados ao suposto charlatanismo. O primeiro deles é:

(...) desenvolve-se a superstição e aggravam-se as doenças por falta de conveniente tratamento. Nada mais próprio, com effeito, para manter na crença supersticiosa os espíritos não emancipados, do que essa relação entre o remédio que se não sente, porque sem cheiro, sem gosto, sem peso, sem volume, sem fôrma, sem côr, não affecta os sentidos e a cura se que vê. Os que pensam achar nos phenomenos terrestres manifestações do sobrenatural encontram apoio nessa relação para as suas abusões. Dahi, essa affinidade entre a seita dos "espiritas" e a Homœopathia (*Ibid.*, 1928, p.976).

Observa-se, em todo esse trecho, uma visão notoriamente negativa sobre a utilização de princípios homeopáticos por parte de médiuns. Em primeiro lugar, cabe destacar que Cardoso, ao mencionar os “espíritos não emancipados”, não está se referindo à compreensão do espiritismo sobre o mundo espiritual. Refere-se, novamente, ao “vulgo ignaro”, que recorre a esse tipo de tratamento em função da crença em superstições. Em segundo lugar, verifica-se uma tentativa de identificação dos motivos da apropriação da homeopatia realizada pelos espíritas, relacionada às características dos medicamentos homeopáticos (CARDOSO apud GALHARDO, 1928).

O espiritismo, em sua vertente institucional e formal, também buscava o afastamento de práticas consideradas como charlatanismo, conforme a legislação vigente (BRASIL, 1890; GIUMBELLI, 1997). Scherer (2020), em sua análise sobre o contexto vivido no Rio Grande do Sul e os embates entre espiritismo e catolicismo, estabelece a adoção da seguinte postura por parte dos espíritas:

Com o fortalecimento da medicina oficial enquanto autoridade legítima em relação às questões de saúde e doença, a multiplicidade de terapias alternativas no contexto sul-riograndense passou a ser combatida por meio de ações normativas, o que contemplou também os tratamentos espíritas e os serviços de saúde mantidos por suas instituições. Diante disso, o espiritismo teria reivindicado sua fundamentação científica, procurando distinguir-se do charlatanismo e de outras práticas combatidas pelo saber médico, além de proceder à adequação de seus serviços à legislação em vigor (SCHERER, 2020, p.144).

O espiritismo, como Scherer evidencia, lançou mão de estratégias no sentido de legitimar as suas práticas e instituições, em um cenário – início do século XX - no qual a oposição da medicina à diferentes práticas de cura era crescente. A ideia de combate a um “inimigo comum” – a medicina oficial ou alopatia – é atraente pois, de fato, as duas doutrinas enfrentaram a oposição de médicos e entidades no tocante à sua atuação no campo da saúde (GIUMBELLI, 1997; GIRARDI, 2021; SCHERER, 2020). Não é possível afirmar, portanto, que havia uma aliança ou cumplicidade entre espíritas e homeopatas, sobretudo pelas discussões internas existentes no seio da homeopatia (SIGOLO, 1999; MÍKOLA, 2012; WEBER, 2019).

Para homeopatas como Licínio Cardoso e José Galhardo, o espiritismo não gozava de prestígio, como denota o texto de autoria do primeiro e reproduzido pelo segundo. Em uma oportunidade na qual Cardoso tinha como objetivo defender as atividades realizadas pela Faculdade Hahnemanniana e pelo IHB, ele escolheu, como

um de seus argumentos, fazer um ataque aos médiuns que utilizam a homeopatia. Para o homeopata, nesse uso há uma clara dissociação entre superstição, fé e ciência: “Na multidão dos doentes que procuram os "mediums" ha supersticiosos, ha fanáticos, mas faltam os crentes verdadeiros da fé scientifica (GALHARDO, 1928, p.977)”.

Cardoso, nessa mesma linha de raciocínio, é taxativo em sua visão sobre os médiuns:

Em regra esses "mediums", que pretendem curar pela Homœopathia, são absolutamente incompetentes, alguns allucinados na crença sincera da sua "mediumnidade", outros embusteiros e exploradores conscientes, mas em todo caso, sem capacidade para o mister da cura, perpetrara os maiores disparates. E se ás vezes, por acaso, se realiza a cura em regra aggravam-se as doenças, pois, por ignorancia, deixam de ser convenientemente tratadas (p.977).

Há um claro desprezo pela ação dos médiuns e dos tratamentos por eles empregados. Percebe-se que Cardoso rejeita qualquer legitimidade para essa prática, que, segundo a sua visão, “tem a sua explicação natural no estado inculto da população por um lado, e no character abstracto da Homœopathia do outro (CARDOSO apud GALHARDO, 1928, p.977)”. Entende-se que, ao falar sobre “caráter abstrato”, está se referindo à multiplicidade de vertentes e interpretações sobre a doutrina homeopática (SIGOLO, 1999; WEBER, 2019). No caso da atuação dos médiuns receitistas, chega a apelar pela intervenção do Estado, em sua função estrita, no sentido de empregar “meios próprios a corrigir desordens desta natureza” (CARDOSO apud GALHARDO, 1928, p.977).

O segundo risco observado por Licínio Cardoso era a possibilidade de proliferação de epidemias.

É fácil de comprehender que esses indivíduos incompetentes, explorando a credence popular, podem proporcionar o desenvolvimento das epidemias, já por falta de conhecimento e de applicação das medidas prophylacticas, já por falta de conhecimentos das molestias, para diante do caso epidêmico aconselhar a procura de um medico que faça a conveniente notificação, já por má fé e inconsciencia do mal, occultando os casos de notificação (CARDOSO apud GALHARDO, 1928, p.977).

Neste caso, há uma nova acusação, que se soma às realizadas anteriormente. Além do desconhecimento dos médiuns sobre as doenças e as medidas profiláticas necessárias, os casos por eles tratados acabavam por não ser notificados. Em suma,

pode-se verificar que Licínio Cardoso não conferia qualquer legitimidade a esse tipo de terapêutica, associando-a ao agravamento e disseminação de doenças.

As referências ao espiritismo, como visto, são escassas. A historiografia abordou, em diversos trabalhos, a interação entre a doutrina de Kardec e a de Hahnemann, amplamente documentada (ARRIBAS, 2008; GIUMBELLI, 1997; GIRARDI, 2021; MÍKOLA, 2012; SIGOLO, 1999; WEBER, 2019). A quase completa ausência de referências ao espiritismo é uma escolha de Galhardo, uma vez que ele rejeitava essa associação, como deixou registrado em escritos posteriores, e foi um dos propósitos da fundação da Liga Homeopática Brasileira, em 1933, oportunidade onde profere “Por que o Povo Julga Serem Espíritas os Homeopatas” (BERTOLLI FILHO, 1990; MÍKOLA, 2012; SIGOLO, 1999).

4.5.1 Francisco de Menezes Dias da Cruz, homeopata e espírita. Para Galhardo, apenas homeopata.

Francisco de Menezes Dias da Cruz é uma figura muito relevante para o estudo da história do espiritismo no Brasil. No entanto, também foi um destacado homeopata, com uma atuação próxima à José Galhardo. O autor, portanto, ignora um aspecto fundamental da trajetória desta figura, sobre o qual certamente tinha conhecimento. Dias da Cruz foi presidente das principais instituições do espiritismo e da homeopatia, FEB e IHB⁷⁷.

Como homeopata, Dias da Cruz contou com o reconhecimento e a colaboração de José Galhardo. O Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia é resultado desse trabalho conjunto. Nas páginas de *História da Homeopatia no Brasil*, o eminente homeopata aparece como uma figura fundamental para a recuperação do IHB, através de atitudes como a retomada dos Anais de Medicina Homeopática,

(...) cuja publicação foi interrompida em 1884, como disse, reapareceram em janeiro de 1901, devido aos esforços do mais puro dos homœopathas brasileiros, o Dr. Dias da Cruz, que arrancou a revista do Instituto do túmulo onde jazia e como novo Lázaro ergueu-se, ostentando-se desde então entre as publicações periódicas. Este esforço do Dr. Dias da Cruz, Mestre da nova geração de homœopathas brasileiros que têm tido a honra de ouvir-o nas cathedras de Pharmacologia e de Matéria Medica, com a inexcusable proficiência que todos lhe reconhecem, constitue um dos grandes marcos no progresso da homœopathia no Brasil. A partir dessa época os Annaes têm

⁷⁷ Antonio Pinheiro Guedes (1842-1908) também foi um médico homeopata com trajetória junto ao movimento espírita (ARRIBAS, 2008). No entanto, na tese de José Galhardo, é mencionado apenas duas vezes, sem maior destaque para as suas ações.

sido publicados, não sem algumas perturbações, mas sem repetir a grande interrupção que teve (GALHARDO, 1928, p.734).

Percebe-se, nesse excerto, um grande reconhecimento à Dias da Cruz. Galhardo atribui a ele a responsabilidade pelo fortalecimento do Instituto Hahnemanniano como instituição fundamental para o progresso da homeopatia brasileira.

Fazendo reviver a revista, foi que o Dr. Dias da Cruz conseguia levantar o Instituto Hahnemanniano, trazendo-o novamente a se interessar pela homœopathia, abandonando o character exclusivista, anhelado num passado que não soubera desenvolver nem mesmo manter, para novamente se agitar lutando pela causa da única doutrina medica que merece o qualificativo de positiva. Foi nessa nova manifestação de vitalidade que o Instituto conquistou as maiores glórias que poderia alcançar (...) (GALHARDO, 1928, p.736).

Dias da Cruz promoveu ativamente a difusão das duas doutrinas, sendo um dos principais responsáveis pela convergência entre ambas. Como já citei, como presidente da FEB, Dias da Cruz foi o criador da Assistência aos Necessitados, símbolo da adoção da homeopatia como arte de curar pelos espíritas (ARRIBAS, 2008).

Dias da Cruz foi protagonista de vários acontecimentos narrados por Galhardo, além da recuperação do IHB e dos *Annaes*. Compôs o corpo docente da Faculdade de Medicina Homœopathica do Rio de Janeiro (projeto que não prosperou) e da Faculdade Hahnemanniana e foi membro da diretoria do Hospital Hahnemanniano. Posicionou-se, em meio à luta pela oficialização e equiparação de diplomas, contra a mudança de nome da Faculdade, ocasião na qual foi um dos poucos votos vencidos, ao lado de Galhardo (GALHARDO, 1928).

A tese de Galhardo permite verificar algumas características da prática homeopática de Dias da Cruz. O médico defendia o unicismo ou unitarismo, isto é, o uso de um medicamento homeopático de cada vez, rejeitando o pluralismo homeopático, posição que defendeu no IHB (SIGOLO, 1999; GALHARDO, 1928). Envolveu-se, no ano de 1900, em polêmicas relacionadas à peste bubônica, estabelecendo um enfrentamento público com o Diretor Geral de Saúde Pública Nuno de Andrade (GALHARDO, 1928, p.774-780). Posicionou-se, também, contra a vacinação obrigatória para a varíola, no ano de 1904. Chamou de “tirânico” o novo Regulamento da Saúde Pública, que versava sobre a obrigatoriedade da vacina. Sua posição, conforme sua manifestação em Sessão do Instituto Hahnemanniano em 28 de julho de 1904, não era contrária à vacina em si – embora esta não seja elaborada

conforme os preceitos da homeopatia –, mas rejeitava a sua obrigatoriedade (GALHARDO, 1928, p. 789-790).

Pode-se concluir que, para Galhardo, a atuação de Francisco Dias da Cruz foi muito importante para viabilizar o sucesso posterior obtido pela homeopatia, na gestão de Licínio Cardoso. Como espírita, o médico foi um ativo promotor da doutrina homeopática dentro das instituições em que participava, sobretudo a FEB, da qual foi presidente (ARRIBAS, 2008). Através da tese de Galhardo, não é possível verificar as influências do espiritismo na forma como Dias da Cruz entendia a homeopatia, ou se a doutrina espírita alguma vez foi pauta no IHB.

Essas foram algumas das polêmicas retratadas na obra analisada e selecionadas para compor a presente análise. Em *História da Homeopatia no Brasil*, o autor aborda um amplo conjunto de elementos. Acredito que esses elementos foram os mais significativos dos embates que envolveram Galhardo na definição da homeopatia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homeopatia, doutrina médica concebida por Samuel Hahnemann (1755-1843) na virada do século XVIII para o século XIX, defende um conjunto de ideias sobre a saúde, as doenças e a cura que é muito diferente daquilo que a medicina praticava naquele contexto histórico. O princípio homeopático da cura pelos semelhantes (*similia similibus curantur*) colocava-se como um contraponto à alopatia, nome dado pelos homeopatas à medicina tradicional. Hahnemann entendia que a terapêutica médica antiga usava métodos agressivos e pouco eficazes. A nova doutrina teve uma considerável repercussão, sendo difundida para vários países ainda durante a vida de seu criador e nos anos seguintes.

No Brasil, a homeopatia começou a ser praticada durante a década de 1830 e iniciou um processo de expansão e consolidação a partir da década de 1840, utilizando a propaganda como estratégia fundamental, através da publicação de livros, manuais e, sobretudo, da publicação de artigos na imprensa. Nestes textos, os polemistas apresentavam a nova doutrina e combatiam os seus rivais externos, como os médicos e as instituições alopáticas, e internos, expondo as disputas entre visões e estratégias homeopáticas. A partir da fundação do Instituto Hahnemanniano do Brasil (IHB), no final da década de 1870, e da reativação das atividades da instituição no início do século XIX, após um período de quase completa inatividade, modificaram-se as estratégias adotadas. Os principais objetivos desse grupo de homeopatas passam a ser a busca pela oficialização da terapêutica e o estabelecimento de instituições acadêmicas para a formação profissional dos médicos e farmacêuticos homeopatas. A fundação da Faculdade Hahnemanniana, em 1912, é um marco importante nesse processo.

História da Homeopatia no Brasil é, sem dúvida, a *magnum opus* de José Emygdio Rodrigues Galhardo. É o maior legado deixado por este homeopata, cuja relevância é inegável para o estudo sobre a trajetória histórica da doutrina de Hahnemann no país. A pesquisa que teve como principal resultado a presente tese não teve o objetivo de desmentir, corrigir ou menosprezar o trabalho escrito na década de 1920 e publicado na década de 1940. Em sentido oposto, acredito que contextualizar o texto, identificar as seleções e versões produzidas e interpretar os propósitos de seu autor contribui para entender os direcionamentos tomados por uma parte da homeopatia brasileira.

Essa noção é fundamental. A versão produzida por Galhardo exclui elementos que estão relacionados com a expansão e popularização da homeopatia, ou minimiza a sua importância. Por exemplo, a produção de manuais populares de divulgação homeopática, é abordada somente em relação a outra fase do desenvolvimento da doutrina no país, quando João Vicente Martins e Benoît Mure utilizavam esse recurso como forma de levar a homeopatia a quaisquer pessoas que estivessem interessadas em conhecê-la, entre as décadas de 1840 e 1850. A produção desses manuais continuou a ser muito comum na virada do século XIX e início do século XX, mas não fazia parte dos objetivos do grupo que formava o IHB, ao qual Galhardo estava vinculado.

No caso da vinculação entre homeopatia e espiritismo, a omissão é muito mais evidente. Pode-se afirmar que a adoção da terapêutica homeopática teve uma grande relevância para a expansão e legitimação da doutrina espírita no Brasil. Galhardo discordava desse tipo de interação, em nome da reivindicação do estatuto científico da homeopatia. No entanto, em sua obra histórica, ao invés de expor essa oposição, optou por praticamente não abordar o tema. Considero que o faz justamente por negar o estatuto de verdadeira homeopatia a essa prática. Geralmente, a prescrição das receitas homeopáticas nas instituições espíritas ocorria através da intermediação dos médiuns, que serviam apenas como instrumentos, pois, conforme a doutrina de Kardec, as indicações do tratamento eram originárias do mundo espiritual. Portanto, esse procedimento contraria a visão galhardiana sobre a homeopatia em pelo menos dois aspectos: envolve a prescrição de medicamentos sem a intervenção de um profissional formado e atribui sentidos e explicações diferentes para o funcionamento da terapêutica, distintos daqueles concebidos por Samuel Hahnemann, envolvendo elementos vinculados ao universo espiritual e religioso.

É digno de destaque o caso do homeopata e espírita Francisco de Menezes Dias da Cruz, com relevante trajetória nos dois movimentos, como dirigente e praticante. O lado “espírita” desse personagem é completamente desconsiderado por Galhardo, que confere grande reconhecimento a seu papel junto do IHB, do qual era o presidente no momento do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia. O estudo sobre a trajetória individual de Dias da Cruz é pouco explorado pela historiografia. Considero ser pertinente investigar como essa figura acumulou capital simbólico que permitiu a sua afirmação enquanto dirigente do IHB.

As interpretações e seleções realizadas por José Galhardo criaram a escrita da história da homeopatia no Brasil. Uma das principais escolhas realizadas por Galhardo foi a construção da imagem de um introdutor da doutrina. Essa figura não cumpre simplesmente o papel de iniciador da prática no país. Está relacionada aos direcionamentos que a doutrina assumiu posteriormente. Com base nos registros encontrados, especialmente a tese defendida junto à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pode-se afirmar que Frederico Jahn foi a primeira pessoa a se manifestar de forma positiva sobre a doutrina no país. Também podemos afirmar que Domingos Duque-Estrada e Emilio Germon foram pioneiros em relação à adoção da terapêutica homeopática como prática de cura e que Benoît Mure, em parceria com João Vicente Martins, inauguraram a propaganda homeopática no Brasil, isto é, a defesa pública do uso da homeopatia e o proselitismo em busca de novos adeptos. Nesse sentido, concordo com Tarcitano Filho e Waisse (2016), quanto ao entendimento de que a homeopatia brasileira não possui um único introdutor (GALHARDO, 1928; GERMON, 1842; JAHN, 1836; TARCITANO FILHO, WAISSE, 2016).

Galhardo, na interpretação que faz sobre a história, atribui à propaganda um papel central. Outrossim, pode-se afirmar que o autor está de acordo com a concepção de uma homeopatia pura, com uma reduzida ou nula interação com outras práticas de cura, como a alopatia ou a interação com religiões ou outras crenças. *História da Homeopatia no Brasil* é, nesse sentido, uma obra de propaganda voltada a um público específico, que são os membros do IHB e demais pessoas que compartilham essa mesma visão doutrinária.

Nesse sentido, pode-se identificar três pontos fundamentais na narrativa galhardiana: a introdução da doutrina no Brasil por Benoît Mure, a fundação do IHB e a luta pela oficialização da prática e da formação homeopática, processo no qual Licínio Cardoso foi protagonista. O fervor propagandístico e a defesa de uma homeopatia popular, que poderia ser aprendida por qualquer pessoa que assim o desejasse, dá lugar a uma homeopatia institucionalizada, que busca por legitimação enquanto prática médica com status científico. Fundada pelo IHB, a Faculdade Hahnemanniana era, em sua concepção e forma de atuação, muito diferente da Escola Homeopática dos tempos de Mure e Martins. Trata-se de uma iniciativa voltada para a inserção e consolidação da formação superior em medicina e farmácia homeopática, equiparável às instituições oficiais, como a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O livro do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia é o resultado de um esforço individual de José Galhardo e institucional, do IHB. O autor escreveu um extenso trabalho, que fundamenta a celebração daquele evento e a existência do Instituto que o promovia. O autor selecionou esse material com o objetivo de fundamentar a sua argumentação e construir a sua versão sobre a história da homeopatia no Brasil. A presente tese não esgota as possibilidades de análise desse material, considerando a multiplicidade de temas que são apresentados e as inúmeras facetas observáveis em cada um deles.

Como possíveis fontes para as pesquisas acerca da história da homeopatia, estão os acervos de instituições como o IHB e as associações homeopáticas estaduais, bem como algumas revistas publicadas por essas entidades. Um exemplo é o material compilado e organizado por João Vicente de Souza Martins, no IHB, entre os quais está um conjunto de biografias de homeopatas célebres. Outra fonte possível é o vasto acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, que disponibiliza um conjunto de jornais e revistas que abordam a temática. A imprensa generalista, especialmente durante o século XIX, era intensamente utilizada como veículo de propaganda homeopática. Nesse sentido, cabe enfatizar a relevância do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro como uma profícua fonte para os estudos sobre a história da homeopatia e da saúde em geral. Nesse veículo, eram publicados inúmeros artigos e anúncios sobre os mais variados temas, com o objetivo de torná-los conhecidos por um amplo público. Galhardo, em seu trabalho, não explora os anúncios comerciais de homeopatia, que ofereciam serviços médicos e medicamentos de forma ampla.

Em suma, *História da Homeopatia no Brasil* é uma obra parcial, escrita com o objetivo de defender um conjunto de visões sobre a doutrina hahnemanniana que excluem alguns elementos e evidenciam outros, configurando-se como uma espécie de “história oficial”. Contribuiu para a disseminação da imagem de Benoît Mure como introdutor e inaugurador da homeopatia no país, o que pode ser problematizado através da leitura da própria tese de Galhardo. Nesse caso específico, o autor não omite as informações que permitem ao leitor realizar a sua própria interpretação – apelo que o autor apresenta de forma constante ao longo do texto. Em outras situações, como a vinculação com o espiritismo, a omissão é quase completa. Nesse sentido, este trabalho de certa forma responde a um desejo de José Galhardo, que entendia que outros historiadores deveriam dar continuidade à escrita da história da homeopatia no Brasil. No entanto, discordo da visão do autor: a sua obra não é

composta apenas de “subsídios” para estudos futuros. Ela se configura como uma versão sobre essa história, com virtudes e limites, como todos os trabalhos realizados nesta área.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Antónia Pires de. A epidemia de cólera de 1853-1856 na imprensa portuguesa. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, n.4, p.1057-1071, out.-dez. 2011.
- ALVES, Gabriel. Movimento que rebaixou homeopatia no Reino Unido e na Austrália chega ao Brasil. In: **Folha de São Paulo**. São Paulo, 22 nov. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/11/movimento-que-rebaixou-homeopatia-no-reino-unido-e-na-australia-chega-ao-brasil.shtml>. Acesso em 16 fev. 2022.
- AMARAL, André Portela do. **Mentor do Dr. Humphrey's**: “Saúde”, “doença” e “higiene” em um manual de medicina popular do final do século XIX. 2021, 90 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2021.
- ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** a doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. 2008. 226 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ARMUS, Diego; LÓPEZ DENIS, Adrián. Disease, medicine and health. In: MOYA, Jose C. **The Oxford Handbook of Latin American History**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 424-453.
- AURELIANO, Waleska de Araújo. Materialidade, intenção e cura: O uso de medicamentos no espiritismo brasileiro. In: **Debates do NER**. Porto Alegre, ano 13, n.22, p. 253-279., jul.- dez. 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, Edições 70, 2016.
- BARROS, José D'Assumpção. Os falanstérios e a crítica da sociedade industrial: Revisitando Charles Fourier. In: **Mediações**. Londrina, v. 16, n.1, p. 239-255, jan.- jun. 2011. p. 239-255.
- BELTRÃO, Jane Felipe. Memórias da cólera no Pará (1855 e 1991): Tragédias se repetem. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.14, suplemento, dez. 2007. p.145-167.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. Revolução pasteuriana na saúde pública e na pesquisa biomédicas brasileiras (1880 a 1920). In: TEIXEIRA, Luiz Antonio; PIMENTA, Tânia Salgado; HOCHMAN, Gilberto (org.). **História da saúde no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2018. p. 225-283.
- BERRONES, Jethro Hernández. Breaking the boundaries of professional regulation: medical licensing, foreign influence, and the consolidation of homeopathy in Mexico. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.26, n.4, out.-dez. 2019, p.1243-1262.

_____. Mystic of Medicine, Modern Curandero, and “Médico Improvisado”: Francisco I. Madero and the Practice of Homeopathy in Rural Mexico at the Turn of the Twentieth Century. In: ARMUS, Diego; GÓMEZ, Pablo F. **The Gray Zones of Medicine: Healers & History in Latin America**. Pittsburgh: University Of Pittsburgh Press, 2021. p. 89-107.

BERRONES, Jethro Hernández; PALMA, Patrícia. Homeopatia na América Latina e na Espanha: avanços locais e redes internacionais. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.26, n.4, out.-dez. 2019, p.1240-1242.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. Homeopatia e espiritismo: em torno do imaginário social. In: **Revista de Homeopatia**. São Paulo, v. 55, n. 3, p. 72-78. 1990.

BERTUCCI, Liane Maria. Ciências da cura: Debates, embates, educação popular no final dos anos 1910. In: **Revista Esboços**. Florianópolis, v. 13, n. 16. p.73-86, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (coord.). **Usos e abusos da história oral**. 5 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 183-191.

_____. **Economia das trocas simbólicas: O que falar quer dizer**. 2. ed. São Paulo: EDIUSP, 2008. 192 p.

BRITO, Vinicius. ‘Novo’ paradigma do jornalismo e imprensa oitocentista no Brasil. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v.18, n.2, jul./dez. 2021. p. 173-190.

BROUWER, Stephan; BARNETT, Timothy C.; LY, Diane (et. al.). Prophage exotoxins enhance colonization fitness in epidemic scarlet fever-causing *Streptococcus pyogenes*. **Nature Communications**, 11, n. 5018, 2020. p. 1-11.

CABRAL, Célia; PITA, João Rui. Alcalóides: relevância na farmácia e no medicamento. In: UNIVERSIDADE DE COIMBRA. **Ciclo de Exposições: Temas de Farmácia, Saúde e Sociedade**. Coimbra: Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, 2015. Disponível em: https://www.uc.pt/ffuc/patrimonio_historico_farmaceutico/exposicoes/exposicoestemporarias/1exposicao.pdf. Acesso em 19 fev. 2022.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012. 219 p.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAOUL, María Eugenia. La higiene escolar em la ciudad de México en los inicios del siglo XX. In: **Historia Mexicana**. Ciudad de México, v. XII, n.1, p.249-304, 2012.

COC/FIOCRUZ. Meirelles, Joaquim Cândido Soares de. In: **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)**. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/meirejocaso.htm>. Acesso em 29 jan. 2022.

CPDOC. **Dicionário Histórico-Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, s/d.

CRUZ, Crislaine Santana. “**Caridade sem limites. Ciência sem privilégios**”: O ensino universal de Jacotot por Benoît Mure no Brasil (1840-1848). 2018, 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Sergipe. São Cristóvão (SE), 2018.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. 164 p.

EDLER, Flávio Coelho. **Boticas & Farmácias**: uma história ilustrada da farmácia no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2006.

EDLER, Flavio Coelho; PIRES-ALVES, Fernando Antônio. A educação médica: Do aprendiz ao especialista. In: TEIXEIRA, Luiz Antonio; PIMENTA, Tânia Salgado; HOCHMAN, Gilberto (org.). **História da saúde no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2018. p.101-144.

FAGUNDES, Raphael Silva. A função persuasiva do sagrado: religião e retórica no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (século XIX). In: **Fronteiras & Debates**. Macapá, v. 2, n. 2, p.9-30, jul.-dez. 2015.

FARIA, Fernando Antonio. **Querelas brasileiras**: Homeopatia e política imperial. Rio de Janeiro: Notrya, 1994. 96 p.

GALLO, Ivone. Intelectuales y socialistas o la ciencia al servicio del arte de vivir. **Historia y Espacio**. Cali, n. 40, 15-28, p.16-28, ene.- jun. 2013.

GIRARDI, Felipe. Aproximações entre espiritismo e homeopatia: Apontamentos sobre o funcionamento de uma farmácia homeopática. In: **Outros Tempos**. São Luís, vol. 18, n. 32, 2021, p. 95-115.

_____. **Espiritismo, saúde e caridade: um estudo biográfico sobre a família Silva e Souza, em Santa Maria/RS**. 2017, 88 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

GODOI, Rodrigo Camargo de. **Um editor no Império**: Francisco de Paula Brito (1809-1861). 2014, 106 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

GIUMBELLI, Emerson. O "baixo espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 9, n.19, p. 247-281, jul. 2003.

_____. **O cuidado dos mortos**: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. 326p.

HOBBSAWM, Eric. **A era do capital**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 343 p.

_____. Introdução: A invenção das tradições. In: RANGER, Terence; HOBBSBAWM, Eric (org.). **A invenção das tradições**. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 9-23.

HOCHMANN, Gilberto, BIRN, Anne-Emanuelle. Pandemias e epidemias em perspectiva histórica: uma introdução. **Topoi (Rio J.)**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, p. 577-587, set.- dez. 2021.

HØIBY, Niels. Pandemics: past, present, future: That is like choosing between cholera and plague. In: **APMIS: Journal of Pathology, Microbiology and Immunology**. Copenhagen, n. 129(7): p 352-371, jul. 2021.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. Antonio Ferreira França. In: _____. **Lista dos professores encantados**. Faculdade de Medicina da Bahia – FAMEB. Salvador: Universidade Federal da Bahia – FAMEB, 2009. p. 1-4.

JUNQUEIRA, Júlia Ribeiro. **Jornal do Commercio: Cronista da História do Brasil em 1922**. 2010, 171 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

KODAMA, Kaori. Antiescravidão e epidemia: o tráfico dos negros considerado como a causa da febre amarela de Mathieu François Maxime Audouard e o Rio de Janeiro em 1850? In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 16, p. 515-522, 2009.

KODAMA, Kaori; PIMENTA, Tânia Salgado; BASTOS, Francisco Inácio; BELLIDO, Jaime Gregorio. Mortalidade escrava durante a epidemia de cólera no Rio de Janeiro (1855-1856): uma análise preliminar. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.19, supl., p.59-79, dez. 2012.

LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. **Introdução aos estudos históricos**. Curitiba: Antonio Fontoura, 2017. 310 p.

LAVAL, Enrique R. La epidemia de escarlatina del año 1929 en Chile. In: **Revista Chilena de Infectología**. Santiago, v.26, n.2, p.168-172, abr. 2009.

LIMA-THOMAZ, Luciana Costa. **As “Medicinas Heréticas” e o Holismo Francês na Primeira Metade do Século XX**. 2016, 169 f. Tese (Doutorado em História da Ciência). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2016.

LINDE, Pablo. Se a homeopatia não funciona, por que não é proibida?. In: **El País Brasil**. 14 mar. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/08/ciencia/1457437017_576363.html. Acesso em 16 fev. 2022.

LINS, Hoyêdo Nunes. Fourierismo no Brasil meridional: a saga do Falanstério do Saí (1841-1844). **História Econômica & História de Empresas**, v. 13, n. 1, p. 31-72, 2010.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2020. 144 p.

LUSTOSA, Isabel. Henri Plasson e a primeira imprensa francesa no Brasil (1827-1831). **Escritos**. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 9, 2015. p. 77-93.

LUZ, Madel Teresinha. **A arte de curar versus a ciência das doenças: História social da homeopatia no Brasil**. 2.ed. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. 454 p.

MALEVAL, Isadora Tavares. Bento Mure e a querela médica nas páginas da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1847. **Revista de Teoria da História**. Goiânia, ano 3, n. 6, p. 150-177, dez. 2011.

MARQUES, Marcos Moreira. **Cura do corpo, da cidade e da alma: Medicina, política e espiritismo na trajetória de Adolfo Bezerra de Menezes**. 2015. 241 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 45-80.

MATHEUS, Letícia Cantarela. Questões sobre o marco histórico do telégrafo no jornalismo do século XIX (1870-1900). **Revista Brasileira de História da Mídia**. Teresina, v.1, n.1, p. 41-51, 2012.

MENDES, Luís César Castrillon. **Publicar ou Arquivar? A Revista do IHGB e a escrita da História Geral do Brasil (1839-1889)**. 2011, 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

MÍKOLA, Nádia. **Uma “Medicina Espiritual?”: Aproximações entre espiritismo e homeopatia – 1860-1910**. 2012. 201 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 23-43.

NÓBREGA, Samanta Bruna Andrade de Medeiros. **Atropa belladonna L.: Uma releitura da matéria médica homeopática**. 2016, 44 f. Monografia (Graduação em Farmácia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

OTANI, Márcia Aparecida Padovan; BARROS, Nelson Filice de. A Medicina Integrativa e a construção de um novo modelo na saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n.16(3), p. 1801-1811, 2011.

PIMENTA, Tânia Salgado. Doses Infinitesimais contra a epidemia de cólera no Rio de Janeiro em 1855. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo; CARVALHO, Diana Maul de. **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004. p.31-51.

_____. **O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828 a 1855)**. 2003. 256 p. Tese (doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

PORTO, Ângela de Araújo. A Assistência Médica aos Escravos no Rio de Janeiro: o tratamento homeopático. In: **Papéis Avulsos**. Rio de Janeiro, n.7, p.88-97, 1988.

QUEIROZ, Paulo Roberto Picó. Joaquim Murtinho, banqueiro: notas sobre a experiência do Banco Rio e Mato Grosso (1891-1902). In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 23, n. 45. p. 125-146, 2010.

ROSENBAUM, Paulo. **Homeopatia: Medicina interativa, história lógica da arte de cuidar**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000. 212 p.

SANTOS, Luciana dos. Um imenso campo mórbido: controvérsias médico-científicas sobre a epidemia de cólera-morbo de 1855. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.23, n.2, p.341-357, abr.-jun. 2016.

SCHERER, Bruno Cortês. **Combate à “heresia espírita”**: Os enfrentamentos entre espiritismo e catolicismo no campo religioso (Rio Grande do Sul, 1953-1965). 2020, 267 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2020.

SHANG, Aijing; NARTEY, Linda; JÜNI, Peter (*et.al.*). Are the clinical effects of homœopathy placebo effects? Comparative study of placebo-controlled trials of homœopathy and allopathy. **The Lancet**. v.366, n. 9487, p. 726-732, 25 aug. 2005.

SIGOLO, Renata Pallandri. **Em Busca da “Sciencia Medica”**: a medicina homeopática no início do século XX. 1999. 320 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

SILVA, Gisele Maria da. Falanstério do Saí: Uma experiência utópica em Santa Catarina. In: **Revista Santa Catarina em História**, v. 1, n. 1, p. 70-85, 2008. Disponível em: <https://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/41/47>. Acesso em 08 fev. 2022.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. Epidemias do século XX: Gripe espanhola e aids. In: TEIXEIRA, Luiz Antonio; PIMENTA, Tânia Salgado; HOCHMAN, Gilberto (org.). **História da saúde no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2018. p. 284-327.

SILVEIRA, Gláucia Regina. **Utopia e cura**: A homeopatia no Brasil Imperial (1840-1854). 1997, 117 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997.

SINGER, Paul. A cidadania para todos. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **História da Cidadania**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 191-264.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**. Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020.

SWEDLUND, Alan C.; DONTA, Alison K. Scarlet fever epidemics of the nineteenth century: a case of evolved pathogenic virulence? In: HERRING, D. Ann; SWEDLUND, Alan C. (org). **Human Biologists in the Archives: Demography, Health, Nutrition and Genetics in Historical Populations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p.159 – 177.

TARCITANO FILHO, Conrado Mariano. **A difusão da homeopatia argentina e o pensamento de Tomás Pablo Paschero (1904-1986)**. 2013, 114 f. Tese (doutorado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2013.

TARCITANO FILHO, Conrado Mariano; WAISSE, Silvia. Novas evidências documentais para a história da homeopatia na América Latina: um estudo de caso sobre os vínculos entre Rio de Janeiro e Buenos Aires. In: **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.23, n.3, p.779-798, jul.-set. 2016.

TEIXEIRA, Marcos Zulian. **Falácias pseudocéticas e pseudocientíficas do “Contradossiê das Evidências sobre a Homeopatia”**. São Paulo: Ed. do Autor, 2020. 49 p.

THE LANCET. The end of homeopathy. **The Lancet**. v.366, n. 9487, p. 690, 25 aug. 2005.

TOUT-SMITH, Deborah. Scarlet Fever Epidemics in Victoria. In: **Museums Victoria Collections**. Melbourne: Museums Victoria Collections. 2020. Disponível em: <https://collections.museumsvictoria.com.au/articles/16828>
Acesso em: 07 fev. 2022.

UJVARI, Stefan Cunha. **História das epidemias**. São Paulo: Contexto, 2020. 320 p.

VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): práticas e saberes**. 2007. 345 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2007.

WAISSE, Silvia; EKLÖF, Motzi. Spread of homeopathy in the early nineteenth century: the comparative approach and the cases of Sweden and Brazil. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.26, n. 4, oct.-dec. 2019.

WEBER, Beatriz Teixeira. Algumas considerações sobre história, saúde e homeopatia. **História Unisinos**. v. 10, nº1, p. 26-34, jan. – jun. 2006.

_____. **As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928**. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1997.

_____. Estratégias homeopáticas: a Liga Homeopática do Rio Grande do Sul nos anos 1940-1950. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.18, n.2, p.291-302, abr.-jun. 2011.

_____. Medicina intuitiva, Homeopatia e espiritismo na Revue Spirite - 1858- 1869. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 6, n. 2, p. 60-74, jul.-dez. 2013.

_____. Percalços da história da homeopatia no Brasil no século XIX. In: ISAIA, Artur César; PRIEGO, Natália. **História, ciência e medicina no Brasil e América Latina (séculos XIX e XX)**. Canoas: Ed. Unilasalle, 2016. p. 223-244.

_____. Vínculos entre homeopatia e espiritismo no Rio Grande do Sul na passagem para o século XX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, vol. 26, n. 4, p. 1299-1315, 2019.

WEBER, Beatriz. Teixeira; LINS, Dalvan Alberto Sabbi. **Relações entre espiritismo e medicina no Rio Grande do Sul moderno: a Apometria**. Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura, v. 45, n. 1, p. 245-266, 2018.

WITTER, Nikelen Acosta. **Males e Epidemias: Sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX)**. 2007, 292 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.

YAMASHITA, Marcos; ORSI, Carlos. Homeopatia é feita de nada: a volta da campanha 10²³. In: **Revista Questão de Ciência**. São Paulo, Instituto Questão de Ciência, 2021. Disponível em: <https://www.revistaquestaoeciencia.com.br/index.php/artigo/2021/11/30/homeopatia-e-feita-de-nada-volta-da-campanha-1023>. Acesso em 16 fev. 2022.

ZARZOSO ORELLANA, Alfons. Historiografia i història de la Salut Pública. **Gimbernat**: Revista d'Història de la Medicina i de les Ciències de la Salut, Barcelona, vol. 42, p. 63-70, 2004.

FONTES

Periódicos

- ARCHIVO MEDICO BRAZILEIRO

ARCHIVO MÉDICO BRAZILEIRO: Gazeta Mensal de Medicina, Cirurgia, e Sciencias Accessorias. Tomo 4, n.1, outubro de 1848. p. 225-227.

- GAZETA DO INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL

GAZETA DO INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL. v.1, n.1. Rio de Janeiro: Instituto Hahnemanniano do Brasil/Typographia de Teixeira e comp., agosto de 1859.

- JORNAL DO BRASIL

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 65, 6 de março de 1911.
 JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 213, 1 de agosto de 1911.
 JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 220, 8 de agosto de 1911.
 JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 223, 11 de agosto de 1911.
 JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 227, 15 de agosto de 1911.
 JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 231, 19 de agosto de 1911.
 JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 112, 23 de abril de 1918.
 JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 132, 13 de maio de 1918.
 JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 194, 15 de julho de 1918.
 JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 229, 19 de agosto de 1918.
 JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 264, 23 de setembro de 1918.
 JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 067, 09 de março de 1919.
 JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 070, 12 de março de 1919.
 JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 072, 14 de março de 1919.
 JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 104, 15 de abril de 1919.
 JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, n. 199, 20 de julho de 1919.

- JORNAL DO COMMERCIO

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, n. 213, 13 de agosto de 1843.
 JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, n.24, 24 de janeiro de 1848.
 JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, n. 243, 5 de setembro de 1849.
 JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, n. 51, de 20 de fevereiro de 1875
 JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, n. 353, de 20 de dezembro de 1880.
 JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro n. 354, 21 de dezembro de 1880.

- O GLOBO

O GLOBO, Rio de Janeiro, n. 424, 27 de setembro de 1926.

- O PAIZ

O PAIZ, Rio de Janeiro, n. 9648, 7 de março de 1911.

- O PAIZ, Rio de Janeiro, n. 9661, de 20 de março de 1911.
 O PAIZ, Rio de Janeiro, n. 9667, 26 de março de 1911.
 O PAIZ, Rio de Janeiro, n. 9672, 31 de março de 1911.
 O PAIZ, Rio de Janeiro, n. 11577, 18 de junho de 1916.
 O PAIZ, Rio de Janeiro, n. 11580, 21 de junho de 1916.
 O PAIZ, Rio de Janeiro, n. 11708, 27 de outubro de 1916.
 O PAIZ, Rio de Janeiro, n. 11709, 28 de outubro de 1916.
 O PAIZ, Rio de Janeiro, n. 11710, 29 de outubro de 1916.
 O PAIZ, Rio de Janeiro, n. 11711, 30 de outubro de 1916.

Legislação

BRASIL. Decreto nº 828, de 29 de setembro de 1851. Manda executar o regulamento da Junta de Hygiene Publica. **Coleção de Leis do Império do Brasil**. Rio de Janeiro, 1851, v. 1 pt II, 259 p. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-828-29-setembro-1851-549825-publicacaooriginal-81781-pe.html>. Acesso em: 19 fev. 2022.

_____. **Decreto nº 870, de 11 de outubro de 1890**. Promulga o Código Penal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htm. Acesso em: 19 fev. 2022.

_____. **Lei de 3 de outubro de 1832**. Dá nova organização ás actuaes Academias Medico-Cirurgicas das cidades do Rio de Janeiro e Bahia.. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37274-3-outubro-1832-563716-publicacaooriginal-87775-pl.html#:~:text=das%20Institui%C3%A7%C3%B5es%20Medicas.,Art.,Art.. Acesso em 22 fev. 2022.

_____. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, 2015. 96 p.

Obras

GALHARDO, José Emygdio Rodrigues. História da Homœopathia no Brasil. In: INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL. **Livro do 1º Congresso Brasileiro de Homœopathia**. Rio de Janeiro: Instituto Hahnemanniano do Brasil, 1928.

GERMON, Emilio. **Manual Homœopathico**. 2.ed. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1848.

HAHNEMANN, Samuel. **Exposição da Doutrina Homeopática ou Organon da arte de curar**. Tradução de David Castro, Rezende Filho, Kamil Curi. 5ª ed. brasileira. São Paulo: GEHSP Benoît Mure, 2013. 220 p.

INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL. **Livro do 1º Congresso Brasileiro de Homœopathia**. Rio de Janeiro: Instituto Hahnemanniano do Brasil, 1928.

JAHN, Frederico Emilio. **Exposição da Doutrina Homœopathica**. Tese (Doutorado em Medicina), Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. 36 f. Rio de Janeiro: Tipografia de R. Ogier & C., 1836.

Sites consultados:

Biblioteca Nacional Digital: <http://bndigital.bn.gov.br/>

Instituto Hahnemanniano do Brasil: <https://www.ihb.org.br/>

Instituto Questão de Ciência: <https://iqc.org.br/>

Revista Questão de Ciência: <https://www.revistaquestaodeciencia.com.br/>